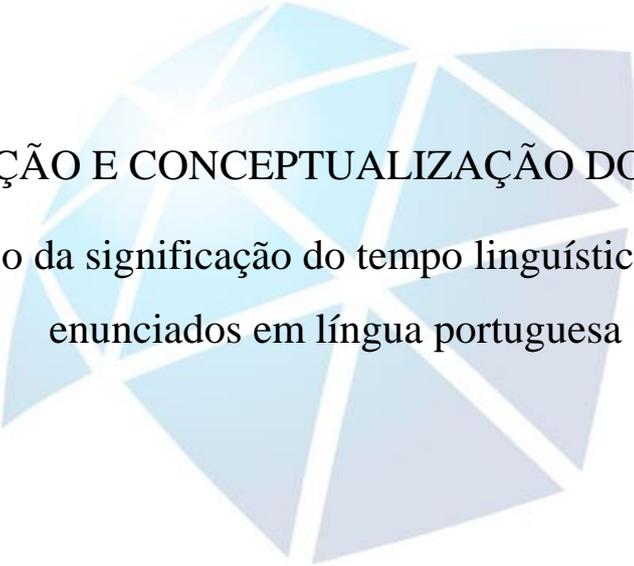


UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PATRICIA ORMASTRONI IAGALLO



COGNIÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMPO:
o processo da significação do tempo linguístico de alguns
enunciados em língua portuguesa

ARARAQUARA – S.P.

2015

PATRICIA ORMASTRONI IAGALLO

COGNIÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMPO:
o processo da significação do tempo linguístico de alguns
enunciados em língua portuguesa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Araraquara, visando à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2015

Iagallo, Patricia Ormastroni

Cognição e conceptualização do tempo: o processo da
significação do tempo linguístico de alguns enunciados em
língua portuguesa / Patricia Ormastroni Iagallo – 2015

171 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)
Orientador: Luiz Carlos Cagliari

1. Linguística. 2. Língua Portuguesa. I. Título.

Patricia Ormastroni Iagallo

COGNIÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMPO: o processo da significação do tempo linguístico de alguns enunciados em língua portuguesa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Araraquara, visando à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CAPES

Data da Defesa: 24/04/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP

Membro Titular: Profa. Dra. Vera Pacheco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Eliza Barbosa de Oliveira Baptista

Membro Titular: Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP

Membro Titular: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho à Lúcia, Marco e Priscila. O tempo ao lado de vocês sempre foi, é e será o mais significativo.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp de Araraquara, pelo profissionalismo com que se esforçam para manter o Programa com excelente qualidade, pois, sem eles, muitos alunos não teriam a oportunidade de estudar com bolsas, como a da CAPES, que financiou, em parte, a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, pela enorme paciência, pela confiança, e pelo acompanhamento seguro. Foi um grande privilégio trabalhar mais uma vez ao seu lado.

Agradeço a toda minha família, em especial, à tia Sandra, à tia Cleide, à tia Dedi, à vó Tereza, ao vô Nelson, por todo o carinho; aos meus pais e à minha irmã, que são o sentido da minha vida; ao meu cunhado Carlos; aos meus primos, em especial, à Tatiane, Amanda, Isadora e Marcela, meninas incríveis com as quais sempre aprendo a ser mais feliz...

Ao Eduardo, por me incentivar e acreditar em mim, e por me ajudar a sempre procurar o melhor, das pequenas escolhas do dia a dia às mais importantes da vida.

Aos meus amigos Bruna Alfama, Débora Kohepka, Joseane Leal, Juliana Vilani, Luciana Ribeiro, Natália Prado, Natália Sieni, Pedro Zambrano, Priscila Machado, Selina Rosseto, Tatiara Brasil... sempre presentes!

Ao Thor, que fez minha vida ficar mais leve.

Em resumo, essas pessoas tiveram um papel muito importante no meu bem estar emocional, já que nem só de “estados racionais” se faz uma Tese...

Imagine a Terra sem a vida humana, habitada apenas por plantas e animais. Será que ainda haveria passado e futuro? Será que as perguntas “que horas são?” ou “que dia é hoje?” teriam algum sentido para um carvalho ou uma águia? Acho que eles ficariam intrigados e responderiam: “Claro que é agora. A hora é agora. O que mais existe?” (TOLLE, 2002, p.37)

RESUMO

A Semântica Cognitiva, preocupada com o que ocorre dentro da mente do falante no processo da significação, possui duas grandes hipóteses: (i) a estrutura conceptual pode derivar de nossas experiências corporificadas e (ii) a estrutura semântica reflete, em parte, a estrutura conceptual. Nossa tese procurou testar a validade dessas duas hipóteses para a investigação da construção da significação, utilizando a categoria do tempo em língua portuguesa como objeto. Primeiramente, fizemos uma descrição do nosso sistema conceptual do tempo, após uma revisão de literatura sobre estudos interdisciplinares sobre o tempo, como os da física, biologia, psicologia e sociologia. Depois, criamos enunciados em língua portuguesa que envolvem a noção de “linha do tempo” e os classificamos em três grandes *frames* de referência temporais, descrevendo as estruturas semânticas básicas encontradas. Ao compararmos o sistema conceptual com a estrutura semântica, ficou clara a necessidade de se ter uma descrição da estrutura conceptual. Para descrevê-la, percebemos que era preciso um olhar sobre a propriedade dêitica da linguagem, e sobre outros conceitos que formam a linguagem metafórica de tempo (metáforas conceptuais). Por fim, discutimos a natureza dessa estrutura conceptual e sua importância para o estudo da mente e da língua, e concluímos que a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos é adequada para descrever como se dá o acesso ao nosso conhecimento enciclopédico de mundo sobre o tempo, provando a eficácia das duas hipóteses básicas das pesquisas em semântica cognitiva.

Palavras-chave: semântica cognitiva; sistema conceptual; estrutura conceptual; estrutura semântica; semântica de acesso; conceito de tempo.

ABSTRACT

The Cognitive Semantics, concerned about what happens in the speaker's mind on the meaning process, have two major assumptions: (i) conceptual structure derives from embodiment, (ii) semantic structure reflects conceptual structure. We check these two hypotheses, and our object was the notion of time in Portuguese. First, we described the conceptual structure of TIME by building the conceptual system of time, which uses interdisciplinary studies as physics, biology, psychology and sociology. After this, we found forms in Portuguese that have the notion of the “time line” and we categorized them in three frames of temporal reference, and we constructed the semantic structure of TIME. We analyzed the conceptual structure and the semantic structure and we can note how important a description of the conceptual structure is. The total description of what we mean by TIME necessarily needs a look at how the language works (deictic property of language), and at other structure of other concepts, forming the metaphorical language of time (conceptual metaphors). Thus, we conclude that the full description of what we mean by TIME necessarily needs a look at the conceptual structure of TIME, and therefore the Theory of Lexical Concepts and Cognitive Models is adequate to describe how the access to our encyclopedic knowledge of time is, and we can prove the efficacy of the two basic assumptions of research in Cognitive Semantics.

Keywords: cognitive semantics; conceptual system; conceptual structure; semantic structure; access semantics; concept of time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS.....	11
METODOLOGIA.....	12
ESTRUTURA DA TESE.....	13
1 DELINEANDO A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO E O NOSSO OBJETO DE ESTUDO... 15	
1.1 NOÇÕES INICIAIS SOBRE SEMÂNTICA COGNITIVA	15
1.1.1 <i>Pesquisa interdisciplinar</i>	23
1.1.2 <i>Linguagem corporificada.....</i>	24
1.1.3 <i>Frames e Modelos Cognitivos Idealizados</i>	24
1.1.4 <i>Conceptualização.....</i>	26
1.1.5 <i>Esquemas de imagem.....</i>	28
1.2 A TEORIA DOS CONCEITOS LEXICAIS E DOS MODELOS COGNITIVOS.....	33
1.3 FENÔMENO LINGUÍSTICO EM QUESTÃO	38
1.4 RESUMO	46
2 O SISTEMA CONCEPTUAL DO TEMPO: NÍVEL PRÉ-CONCEPTUAL E PROCESSOS COGNITIVOS	48
2.1 COMO LIDAMOS COM A REALIDADE DO TEMPO	48
2.1.1 <i>O aparato perceptivo</i>	49
2.1.2 <i>A sucessão.....</i>	55
2.1.3 <i>A duração.....</i>	55
2.1.4 <i>As direções do tempo</i>	56
2.1.5 <i>O mapeamento da atividade cerebral do tempo</i>	62
2.1.6 <i>A noção de transiência.....</i>	63
2.1.7 <i>O nível psicológico</i>	65
2.1.8 <i>O nível social: a especialização do tempo crônico.....</i>	65
2.1.9 <i>Tempo crônico convencional = tempo cronológico.....</i>	70
2.2 DESCRIÇÃO DO SISTEMA CONCEPTUAL DO TEMPO	71
2.2.1 <i>O tempo físico</i>	72
2.2.2 <i>O tempo psíquico</i>	72
2.2.3 <i>O tempo crônico.....</i>	74
2.2.4 <i>Esquemas de imagens</i>	76
2.3 RESUMO	79
3 A ESTRUTURA SEMÂNTICA DO TEMPO	80
3.1 FRAMES DE REFERÊNCIA DÊITICA DO TEMPO	81
3.2 FRAMES DE REFERÊNCIA SEQUENCIAL DO TEMPO	86
3.3 FRAMES DE REFERÊNCIA EXTRÍNSECA DO TEMPO.....	88
3.4 TEMPO GRAMATICAL E ADVÉRBIOS DE TEMPO.....	91
3.5 RESUMO	93
4 COMPARANDO SISTEMA CONCEPTUAL E ESTRUTURA SEMÂNTICA	94
4.1 OUTROS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS QUE INTERFEREM NA LINGUAGEM TEMPORAL	95
4.1.1 <i>A subjetividade e a objetividade da linguagem.....</i>	96
4.1.1.1 <i>Linguagem egocêntrica e Linguagem geocêntrica.....</i>	98
4.1.1.2 <i>Linguagem egocêntrica: subjetiva e objetiva.....</i>	101
4.1.1.3 <i>O ponto de vista dêitico na localização de um objeto no espaço e de um evento no tempo.....</i>	101
4.1.1.4 <i>Tempo discursivo e tempo narrativo.....</i>	107
4.1.2 <i>Comparando propriedades do ESPAÇO e do TEMPO.....</i>	114
4.1.3 <i>A Metáfora Conceptual do Tempo</i>	124
5 A ESTRUTURA CONCEPTUAL DO TEMPO APÓS ANÁLISES LINGUÍSTICAS	150
6 AS BASES FUNDAMENTAIS E UNIVERSAIS DA NOÇÃO DE TEMPO.....	153

6.1 O CONCEITO DE TEMPO EM OUTRAS LÍNGUAS	154
6.2 A CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMPO POSSUI UMA ÚNICA BASE FUNDAMENTAL	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
LISTA DE REFERÊNCIAS	163

INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva é um paradigma teórico, no âmbito da Linguística, consolidado principalmente a partir da década de 1980, e é fundamentada na hipótese de que a linguagem reflete padrões do pensamento. Em outras palavras, a linguagem seria “um espelho” da mente (CHOMSKY, 1975). Dessa forma, não se perde de vista que a linguagem é um processo da cognição humana. Por isso, além de os linguistas cognitivistas se preocuparem com a sistematicidade da linguagem, sua estrutura e suas funções, eles diferem de outros linguistas por estudarem também a mente humana.

Uma vez que se atribui importância à cognição humana, pensa-se também na relevância de suas outras capacidades como, por exemplo, memória, percepção, raciocínio lógico, emoção e motivação. Se essas capacidades juntamente com a capacidade da linguagem fazem parte de um mesmo processo, que é a cognição humana, acredita-se que existam princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e por outras capacidades cognitivas. Por esse motivo, a Linguística Cognitiva adota a proposição de que a linguagem deva revelar e refletir, em alguma medida, a mente do falante. Isso significa, em outras palavras, que a linguagem nos dá pistas sobre como é a estrutura e a organização de nossos pensamentos e ideias.

Nossa tese nasce do interesse de investigar a veracidade dessa proposição e em que medida o sistema linguístico reflete o sistema conceptual (grosso modo, entendido como a mente). Uma vez que seria impossível para esta tese analisar todas as categorias linguísticas, não podemos investigar essa proposição no seu todo, mas pelo menos em relação a alguma categoria linguística. Dessa forma, optamos por descrever o sistema conceptual do TEMPO¹ em nossa mente e a estrutura semântica do conceito de TEMPO. Se, ao compararmos essas duas estruturas, percebêssemos que eram similares e se um pudesse motivar, refletir e espelhar o outro, conseguiríamos responder a nossa pergunta de pesquisa que é qual o nível de similaridade entre um sistema conceptual, uma estrutura conceptual e uma estrutura semântica (pelo menos, no que se refere à categoria tempo).

¹ De acordo com uma convenção da área, utiliza-se caixa alta para representar conceitos e itálico para representar as palavras/expressões que instanciam linguisticamente esses conceitos.

² Isto acontece de modo geral, pois existem teorias que tentam unir essas tarefas, como a teoria de Zwartz e

Mas como se estudar o sistema conceptual, uma vez que é algo que está apenas na mente? Nas Ciências Cognitivas é central o estudo da natureza do sistema conceptual humano.

A consequência metodológica da proposição de que ‘A linguagem reflete, em parte, o sistema conceptual’ é que estudar a mente auxilia a estudar a linguagem, e, em contrapartida, estudar a linguagem auxilia no estudo da mente. Mas não é só a linguagem a fonte de pesquisa para entender nosso aparato cognitivo.

O estudo do sistema conceptual humano envolve a investigação do homem em diferentes níveis: psicológico, biológico (físico e neurológico) e sociológico. Nesse caso, o estudo não é apenas linguístico, mas está vinculado a outras áreas como a Psicologia, a Neurociência, a Sociologia e a Filosofia.

Objetivos e justificativas

Nossa proposta de trabalho é mostrar como a língua portuguesa expressa o TEMPO semanticamente, ao mesmo tempo em que se consegue testar uma recente abordagem semântica que é o estudo da significação linguística por meio da investigação da sua estrutura conceptual, que é a parte da representação mental (sistema conceptual) que é codificada pela linguagem.

Nosso objetivo é descrever o sistema conceptual do tempo (seção 2) e descrever a estrutura semântica do tempo (seção 3) com base no que descobrimos do sistema conceptual, e discutir qual a relevância de se utilizar os conhecimentos do sistema conceptual para a descrição da estrutura semântica. Desse modo, poderemos contribuir para as discussões sobre semântica de acesso, mais especificamente sobre a abordagem da Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (EVANS, 2009).

Nossa contribuição, portanto, é descrever a estrutura semântica do tempo em língua portuguesa e testar as afirmações do acesso semântico nas teorias de Semântica Cognitiva, por meio da comparação entre estrutura semântica e sistema conceptual descrito com estudos interdisciplinares. Portanto, devido a essa estratégia metodológica, nossa pesquisa traz contribuições para as discussões teóricas sobre a construção do significado mediado linguisticamente.

Existem muitos trabalhos sobre a referência espacial, como os trabalhos pioneiros de Leonard Talmy (2000) e de Stephen Levinson (2003). Porém, há poucos trabalhos sobre referência temporal. O recente trabalho de Evans (2013) é o que mais se aproxima dessa perspectiva. Seu livro oferece uma taxonomia dos *frames* de referência temporais em língua inglesa, bem como explicações sobre como a língua atua no processo de construção da significação, focando nos recursos conceituais e linguísticos que nós fazemos uso quando nós fixamos eventos no tempo: o fenômeno da referência temporal.

Nosso trabalho, além de trazer contribuições para o estudo semântico da língua portuguesa sobre o tempo, e de trazer contribuições para a discussão teórica sobre a semântica de acesso, também contribui para a discussão das Metáforas Conceptuais (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Isto porque a noção de tempo é um objeto excelente para quem se interessa sobre a construção da significação linguística sob viés cognitivista, pois essa noção faz com que seja necessário entendermos o tempo no nível da experiência perceptual e da representação conceptual, que são níveis de compreensão necessários para o entendimento da Metáfora Conceptual.

A Linguística Cognitiva precisa de respostas mais definitivas para perguntas do tipo: até que ponto a língua reflete o pensamento? A língua é o pensamento? Como o cérebro processa as informações linguísticas? Essas questões são caras à discussão teórica e também a outras áreas como, por exemplo, a inteligência artificial e sua tentativa de reproduzir a mente humana.

Metodologia

Nossa tese se insere no quadro teórico da Semântica Cognitiva, mais especificamente da Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (EVANS, 2009). Foi necessária uma revisão bibliográfica sobre a discussão da noção de tempo, não apenas na linguística como em outras áreas como a psicologia. Para a análise linguística, foram elaborados enunciados que denotavam tempo, cuja validade foi testada por meio de uma pesquisa rápida no sistema de pesquisa da internet do *Google*. Não houve a intenção de esgotar os mecanismos gramaticais responsáveis pela construção da ideia de tempo. Além disso, nossos exemplos serão repetitivos em alguns momentos, porque há mais de um tipo de classificação dos exemplos.

Foram necessárias para a realização deste trabalho as abordagens dos esquemas de imagem e da linguagem corporificada (por exemplo, Mark Johnson, 1987).

Fizemos uma análise dos enunciados exemplares dos trabalhos listados na revisão bibliográfica e procuramos correspondentes para a língua portuguesa, a fim de identificar quais são as possibilidades de nos expressarmos, em língua portuguesa, sobre as noções de tempo. Os principais trabalhos observados nesse sentido foram: LAKOFF, JOHNSON, 1980; ZLATEV, 2007; e EVANS, 2004.

Procuramos responder as seguintes questões:

- como definir com clareza os três constructos teóricos da ciência cognitiva: estrutura conceptual, sistema cognitivo e estrutura semântica;
- quais construções de sentido podem ser feitas com a noção de tempo em língua portuguesa;
- como simplificar a origem de sentido do tempo que gera todas as formas de se falar sobre o tempo.

Para que pudéssemos obter uma quantidade relativamente significativa de exemplos, nós não nos limitamos em encontrar exemplos que continham a palavra *tempo*, mas também consideramos exemplos que considerassem noções derivadas da noção de tempo, ou que pudessem ser substituídas pela palavra tempo: nomes que indicavam datas e eventos, e as palavras *futuro* e *passado*.

Uma análise semântica na perspectiva cognitivista não deve separar aspectos semânticos de aspectos sintáticos. Porém, apenas seria exequível para o trabalho desta tese a realização de uma análise focando apenas nos aspectos semânticos. Uma análise da construção da significação do ponto de vista da expressão que veicula os sentidos é matéria para próximos trabalhos.

Estrutura da tese

A tese está estruturada da seguinte forma:

Na seção 1, explicamos como é, para a Semântica cognitiva, a construção da significação, e o nosso problema de pesquisa.

Na seção 2, trazemos nossos estudos sobre o sistema conceptual do tempo.

Na seção 3, falamos sobre a estrutura semântica do tempo em língua portuguesa, separando o conceito de tempo em três *frames* de referência, construindo a estrutura semântica.

Na seção 4, está a discussão teórica sobre a comparação feita entre estrutura semântica e o sistema conceptual do TEMPO, que nos fez descrever a estrutura conceptual do tempo, além das discussões sobre a Metáfora Conceptual do tempo.

Na seção 5, após as discussões em 4, trazemos um exemplo da estrutura conceptual do tempo.

Na seção 6, continuamos com a discussão teórica sobre o sistema conceptual e a estrutura conceptual, por meio de uma revisão de literatura sobre os Modelos Cognitivos de tempo em outras línguas.

Ao final, concluiremos nossas discussões na seção Conclusão.

1 Delineando a construção da significação e o nosso objeto de estudo

Nesta seção, trazemos informações que contextualizam o leitor quanto à nossa área de investigação e objeto de estudo. Iniciamos, na subseção 1.1, com uma explicação sobre o que é Semântica Cognitiva, suas premissas básicas e algumas das principais metodologias. Após isso, na subseção 1.2, apresentamos a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos. Por fim, na subseção 1.3, apresentamos o fenômeno linguístico que escolhemos para objeto de estudo desta tese, bem como nossas justificativas.

1.1 Noções iniciais sobre Semântica Cognitiva

A Semântica é o estudo do **significado** expresso por uma **língua natural**. É tarefa do semanticista: (i) descrever o significado das expressões de uma língua; (ii) investigar princípios que permitem a atribuição de significados à composição resultante das combinações dessas expressões; e (iii) caracterizar as relações de sentido sistemáticas que se verificam entre essas expressões, nossa mente e as entidades do mundo.

No entanto, o semanticista se vê forçado a optar² por uma dessas tarefas, devido à complexidade do assunto. É por isso que existem várias vertentes semânticas. Podemos dizer que existem três grandes vertentes nos estudos semânticos: a formal, a estrutural e a cognitiva. A Semântica Formal possui o interesse na relação do significado de uma palavra e sua referência ao mundo. A Semântica Estrutural trata do significado das palavras em relação ao sistema da língua. A Semântica Cognitiva traz um olhar sobre a mente humana, porque é esta que liga a linguagem ao mundo. A Semântica Cognitiva preocupa-se, portanto, em descobrir que relações se estabelecem entre forma linguística, conceito mental e mundo. No enfoque cognitivista, tudo o que existe é visto pela “lente” da mente. De acordo com o caráter idealista da Semântica Cognitiva, o mundo existe porque o homem o percebe. A Semântica Cognitiva pretende descrever o mundo percebido, não importa como o mundo de fato seja.

² Isto acontece de modo geral, pois existem teorias que tentam unir essas tarefas, como a teoria de Zwartz e Verkuyl (1994). Outro exemplo é o linguista Jackendoff que possui uma preocupação em seus modelos teóricos em mencionar a referência ao mundo.

Portanto, a Semântica se interessa por três pontos de vista: referencial (objetos e situações), estrutural do sistema linguístico (expressões) e cognitivo (conceitos). Nenhum desses três tipos de Semântica (a formal, a estrutural e a cognitiva) é melhor ou pior. São propósitos descritivos distintos. Nosso trabalho interessa-se pela Semântica Cognitiva por ser uma abordagem recente e carente de trabalhos no Brasil. Seus benefícios aos estudos linguísticos podem ser muito valiosos, como se pode constatar pelo envolvimento atual dos linguistas e pela quantidade cada dia maior de trabalhos feitos nessa perspectiva semântica.

Depois de escolher o enfoque que o semanticista opta em dar à sua pesquisa, ele escolhe pelo menos uma categoria de significação, geralmente de motivação pessoal³. Nosso objeto de estudo é o conceito de TEMPO, como veremos na subseção 1.3.

A **Ciência Cognitiva** possui um caráter interdisciplinar, pois reúne diversas disciplinas como filosofia, psicologia, neurociência, linguística, ciência da computação, inteligência artificial, na tentativa de compreender e desenvolver modelos para entender a mente e o cérebro.

O objetivo da Ciência Cognitiva é:

[...] construir uma nova ciência dos fenômenos constitutivos dos nossos aparelhos psicobiológicos e das interações entre esses aparelhos e os nossos comportamentos, inclusive no que se refere às suas formas altamente simbólicas, tais como as linguagens e as culturas. (VIGNAUX, 1991, p. 10)

A **Linguística Cognitiva**, doravante LC, participa deste cenário e contribui de forma muito relevante para a compreensão da linguagem e do mundo.

Uma língua natural estudada sob essa perspectiva também recebe atenção quanto ao seu aspecto biológico (sinapses) e sociocultural, ou seja, não é um estudo limitado à análise estrutural do sistema linguístico em si.

³ Desde a graduação, mais especificamente durante as aulas de semântica do professor Luiz Carlos Cagliari, percebi o quanto a categoria tempo pode trazer à tona questões linguísticas muito importantes como a fronteira entre significação morfossintática e semântico-pragmática por exemplo. Além disso, o tempo gera intermináveis discussões na Física Moderna, que sempre me pareceram fascinantes.

A principal diferença entre a LC e a Linguística Tradicional é que, para a teoria cognitiva, a língua é assumida como reflexo de certas propriedades fundamentais da mente humana. Daí o interesse da LC por pesquisar a mente.

A LC distingue, para efeito de estudo, duas grandes áreas: a Semântica Cognitiva e a Gramática Cognitiva. Existe uma teoria cognitiva gramatical, desenvolvida por Ronald Langacker (1991), conhecida como Gramática Cognitiva. Porém, existem várias outras abordagens gramaticais com viés cognitivista e, por isso, fazemos a ressalva de que não estamos nos referindo apenas à abordagem de Langacker. Alguns manuais de linguística cognitiva, como o de Evans e Green (2006, p. 48-50) utilizam o termo *cognitive (approaches to) grammar* para englobar todas as abordagens gramaticais de cunho cognitivista.

A **Semântica Cognitiva**, nosso principal interesse, é o estudo da relação entre a experiência com o mundo, a corporificação da linguagem e o sistema da língua, ou seja, ela estuda a forma como o conhecimento é representado na nossa mente – sistema conceptual – e a forma como o significado é construído via linguagem – conceptualização.

Os termos “sistema conceptual” e “conceptualização” não são sinônimos: o sistema conceptual pertence ao nível da cognição como um todo, e a conceptualização, o nome do processo de construção da significação resultante do recorte (perspectivação) da estrutura conceptual por meio de signos linguísticos.

A **estrutura conceptual** é o nome que a LC atribui ao sistema cognitivo que representa e organiza nossas experiências. Estas, por sua vez, compõem o nosso **sistema conceptual**. Este sistema é não-linguístico, e, de certa forma, pré-linguístico e, por isso, qualquer tentativa de descrição deve possuir uma “licença teórica” para poder falar de algo para o qual não se costuma usar um discurso tradicional. Em outras palavras, não é o sistema cognitivo que se consegue explicar, o que conseguimos explicar é um discurso que fazemos a respeito do sistema cognitivo. A Ciência Cognitiva inventou um modelo: o sistema cognitivo. Um modelo não é a realidade: é uma tentativa de representação da realidade. O desafio do cientista é aproximar seus modelos o mais próximo da realidade.

Na verdade, a linguagem aciona vários outros processos cognitivos e não só o da expressão/compreensão verbal. Ela teria várias ações e funções, não só as que envolvem a atividade da fala.

O sistema conceptual de um ser humano forma-se ao longo da sua vida. Ele é fruto de suas vivências, de suas experiências de vida no mundo. Portanto, a experiência nos faz construir sistemas de conhecimento.

Esse sistema é o que é acionado e utilizado em vários processos psicolinguísticos para: nos expressar, raciocinar, nos emocionar, associar, lembrar, projetar, categorizar, prestar atenção, etc. Esses processos envolvem a nossa estrutura conceptual que é repleta de **conceitos**, pois as ações de se expressar, raciocinar, emocionar, etc, envolvem um motivo, ou um objeto, que são os conceitos que temos das coisas.

O conhecimento de aprendizado e de experiência, que temos do mundo, é um conhecimento à base de **conceitos**, ou seja, de ideias que temos das coisas e das suas formas de existir no mundo. Em outras palavras, a experiência com a realidade é representada dentro do nosso aparato cognitivo por meio de **conceitos estruturados**.

Todo conceito que projeta a realidade de acordo com a nossa experiência constitui uma categoria conceptual.

Esses conceitos não são conceitos linguísticos. São conceitos pré-linguísticos. Incluem-se aí, por exemplo, os esquemas de imagem, que não surgem de um discurso articulado, mas de relações mentais. Os conceitos também podem se unir a outros conceitos e formarem categorias conceptuais.

Em outras palavras, o mundo percebido é representado em nossa mente por meio de estruturas conceptuais. Essas estruturas conceptuais servem como *input* para os processos cognitivos e suas ações sobre a linguagem.

Estrutura conceptual é o sistema cognitivo que representa e organiza a experiência em uma forma que pode servir como *input* para processos como raciocínio e a expressão na linguagem. Estrutura semântica é o sistema no qual os conceitos são convencionalmente codificados em uma forma na qual eles podem ser externalizados pela linguagem.⁴

⁴ Conceptual structure is the cognitive system that represents and organizes experience in a form that can serve as the input for processes like reasoning and expression in language. Semantic structure is the system wherein concepts are conventionally encoded in a form in which they can be externalized by language. (EVANS; GREEN, 2006, p. 201)

Tradicionalmente, a Semântica utiliza o termo *conceito* de forma genérica: como sinônimo de significado, significação, sentido, por exemplo. Porém, para a Semântica Cognitiva, a definição de conceito é mais específica: o conceito é uma unidade cognitiva de significado, de natureza pré-linguística; é uma representação (mental) ou unidade de conhecimento que é central aos processos de categorização e conceptualização.

Dizer que um conceito linguístico é diferente de um conceito cognitivo pode trazer muitas controvérsias, pois depende do ponto de vista. Na verdade, um conceito conceptualizado precisa da linguagem comum para poder gerar um discurso de comunicação, porque a mente não interage diretamente com outra mente, mas o ser humano usa a linguagem para colocar uma mente em comunicação com outra. Assim, diferentes níveis de comunicação, mental e discursivo, ligam-se um ao outro por força da natureza humana.

Por exemplo, ao responder o que é o conceito no sentido tradicional de *manga* podemos ter: uma fruta ou uma parte de uma camisa; e apenas isto basta. Porém, o conceito no sentido cognitivo de *manga* não pode ser definido assim, porque o conceito, nesse sentido específico, representa todas as informações que o falante tem sobre o que seja *manga*. Para representar um conceito, a Linguística Cognitiva utiliza o recurso gráfico da caixa alta. Assim, quando se escreve MANGA estamos escrevendo “o conceito cognitivo de *manga*”.

Uma consequência do exposto acima pode ser ilustrada pelo problema da relatividade e do determinismo linguístico: se se acredita que a estrutura de conceitos dentro de nossa mente só pode ser construída via língua (linguagem = pensamento), línguas distintas provam que o mundo é percebido de forma diferente por cada comunidade distinta, então, pensaríamos de forma diferente. Porém, se se acredita que as estruturas cognitivas são de natureza pré-linguística (pensamento > linguagem), poderíamos dizer que todos pensamos igual e apenas nos expressamos (conceptualizamos) de formas diferentes.

O determinismo linguístico é o nome de uma corrente de pensamento, cujo principal expoente foi Benjamim Lee Worf (1897-1941), que sustentava a ideia de que o pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, cada língua determinaria um modo de pensar. Essa é a formulação de um determinismo forte sobre a dependência do pensamento com relação à linguagem. Nosso posicionamento será discutido na seção 6. Existem outras visões teóricas que entendem que a dependência entre pensamento e

linguagem deva ser parcial. Portanto, a linguagem não determinaria totalmente o pensamento. Essa visão é conhecida como determinismo fraco. De modo geral, os cognitivistas compartilham das ideias de um determinismo fraco ou de uma visão new-worfiana. Por razões sociolinguísticas e de aquisição da linguagem oral, a teoria new-worfiana aceita que muitas ideias que estão na mente do indivíduo vieram através da língua que ele usa, mas seus conhecimentos de mundo também podem contribuir para seu modo de pensar, chegando a características muito pessoais e individuais de pensamento. O caráter criativo da mente não só garante certa liberdade ao indivíduo, como pode até mesmo interferir e modificar a própria língua em uso na sociedade.

Surtem vários estudos em psicologia que, investigando a forma como os falantes pensam (experimentos de perguntas e respostas a estímulos visuais, por exemplo), concluem que há diferenças de pensamento em falantes de línguas diferentes.

Por causa dessa problemática, é importante que o linguista possua uma postura teórica que dará sustentação ao que ele entende sobre a relação entre linguagem e pensamento. Voltaremos a discutir essas questões na seção 6.

A seguinte citação resume o que foi visto até aqui:

Os signos linguísticos refletem categorias conceptuais que remontam em última instância ao conceptualizador (= o homem) e ao seu universo. Um signo, por exemplo uma palavra, é a combinação de uma forma e de um significado que equivale **grosso modo** a um conceito; esse significado conceptual está relacionado com uma entidade do mundo tal como o vivemos. Este modelo do universo conceptual e do universo linguístico permite explicar o fato de uma mesma entidade poder ser categorizada de forma diferente por pessoas diferentes e de acontecer a uma mesma pessoa categorizar uma coisa de forma diferente consoante o momento. (DELBECQUE, 2006, p. 34)

Vejamos o esquema de Delbecque (2006, p. 36), nos atendo ao fato de que existem conceitos cognitivos e conceitos linguísticos. De fato, é possível concordarmos que enquanto o pensamento sobre uma ideia não é limitado, as palavras para esse pensamento costumam ser limitadas:

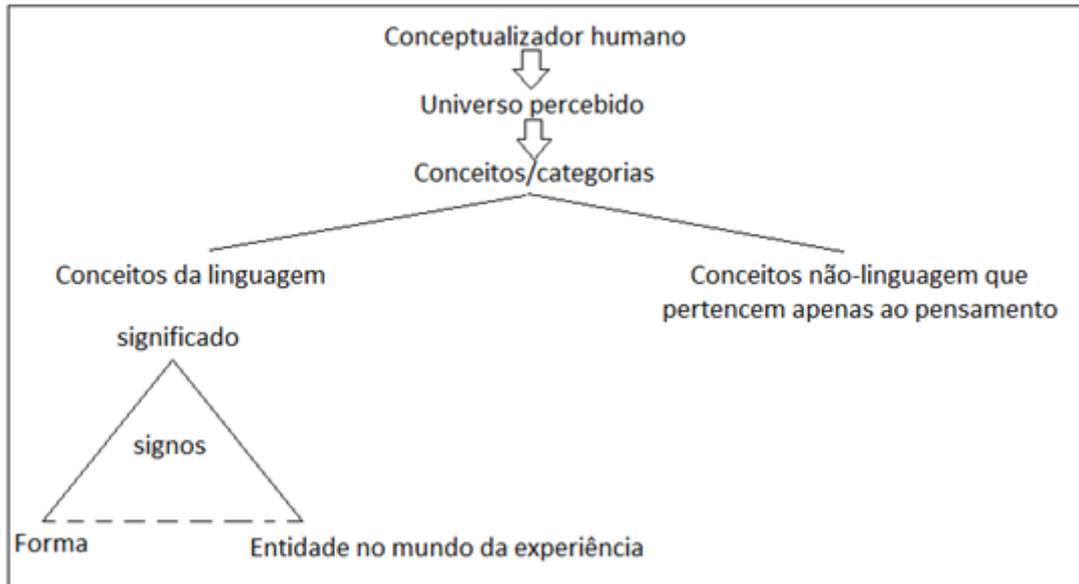
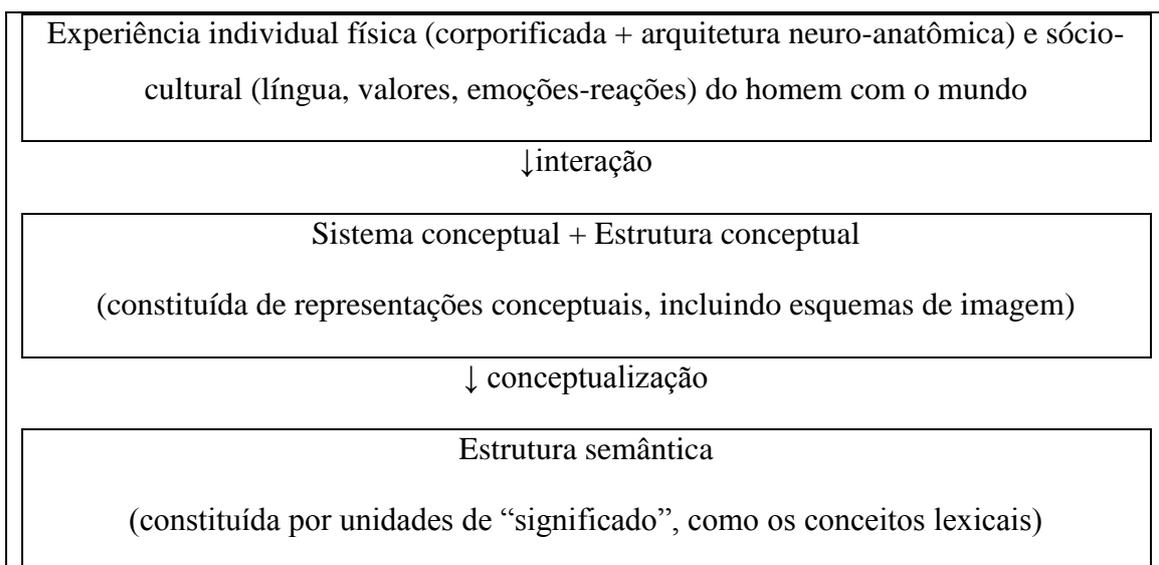


Figura 1 – Um modelo possível do universo conceitual. Fonte: DELBECQUE, 2006, p.36.

Defendendo esse modelo, a Linguística Cognitiva aceita que o significado linguístico estaria **em parte** na representação mental que construímos a partir do mundo, pois os conceitos linguísticos viriam de algo mais abrangente que seriam os conceitos cognitivos, entendidos por nós, então, como universais.

Em resumo, o mundo é representado pela linguagem da seguinte forma:



Quadro 1. Fonte: própria.

O homem experimenta o mundo com seu corpo, com sua estrutura cerebral, com suas emoções e desejos, com sua língua, etc., e dessa interação formam-se sistemas conceptuais que, quando conceptualizado via língua, geram textos, que são formas repletas de significados estruturados.

Em outras palavras, as estruturas linguísticas exprimem **estruturas semânticas** que são o produto das **conceptualizações** feitas por meio da linguagem com base na nossa estrutura conceptual que está relacionada ao sistema conceptual construído pelo modo como os seres humanos experienciam a realidade, tanto **fisiológica** como **culturalmente**.

Podemos nos deparar com afirmações de que o interesse dos semanticistas cognitivistas está mais na descrição da organização conceptual do que na estrutura semântica. Por exemplo:

A Semântica Cognitiva está principalmente preocupada com a investigação da estrutura conceptual e com processos de conceptualização, como já vimos. Isto significa que semanticistas cognitivistas não estão principalmente preocupados com o estudo do significado linguístico em si, mas sim com o que pode revelar sobre a natureza do sistema conceptual humano. Seu foco sobre a linguagem é motivado pela suposição de que a organização linguística vai refletir, pelo menos parcialmente, a natureza e organização do sistema conceitual; isso não significa que a linguagem reflete diretamente o sistema conceptual, como tivemos o cuidado de salientar no início deste capítulo. Para semanticistas cognitivas, então, a linguagem é uma ferramenta para a investigação da organização conceptual.⁵ (EVANS; GREEN, 2006, p. 170, tradução nossa)

Nesta citação, fica claro que a significação linguística, revelada por meio de signos linguísticos, é para o semanticista um instrumento para a investigação da organização conceptual. Porém, o contrário também é válido: a organização conceptual pode ser a ferramenta para o estudo da significação linguística. É claro que são vias de mão dupla, ou seja, tanto a linguagem quanto a organização da mente servem de

⁵ No original: “Cognitive semantics is primarily concerned with investigating conceptual structure and processes of conceptualization, as we have seen. This means that cognitive semanticists are not primarily concerned with studying linguistic meaning for its own sake, but rather for what it can reveal about the nature of the human conceptual system. Their focus on language is motivated by the assumption that linguistic organization will reflect, at least partially, the nature and organization of the conceptual system; this does not mean that language directly mirrors the conceptual system, as we were careful to point out earlier in this chapter. For cognitive semanticists, then, language is a tool for investigating conceptual organization.” (EVANS; GREEN, 2006, p. 170)

ferramenta uma para a outra, mas a forma como se escolhe dizer denuncia qual é o foco de interesse de um pesquisador.

Nesta tese, nossa postura é utilizar a organização conceptual como instrumento para a descrição do sistema de significação, porque assim estaremos privilegiando a linguagem como objeto de estudo.

Essa escolha metodológica parece corresponder à metodologia dos estudos em **Gramática Cognitiva**: talvez pelo caráter do seu objeto ser mais “concreto” (a forma linguística), é sempre dita como interessada no sistema linguístico em si, relegando ao sistema conceptual o caráter de instrumento de investigação.

Nesta tese, portanto, Semântica Cognitiva investiga a língua utilizando padrões da nossa estrutura conceptual como fonte de investigação.

1.1.1 Pesquisa interdisciplinar

Uma das maneiras que os linguistas cognitivos encontraram para testar suas premissas é considerando a “evidência convergente” (*converging evidence*, Langacker, 1999), ou seja, o modelo linguístico deve ter seus esclarecimentos de forma a também serem consistentes em outras ciências cognitivas. Logo, um estudo interdisciplinar é necessário para a LC. Por exemplo, comparar um conceito (uma ideia) com sua configuração física ou filosófica; comparar com os significados gerados por meio de gestos; procurar algumas evidências em neurociência; investigar o comportamento social e cultural das pessoas em relação ao emprego de determinado conceito, etc.

Nesta tese, utilizamos estudos interdisciplinares na seção 2 para podermos descrever o sistema conceptual do tempo, pois nosso objeto de estudo não se encontra apenas na língua mas, sim, no mundo e, portanto, podemos ter muitas informações com base na física e na neurociência, por exemplo.

Isto porque, ao descrevermos o sistema conceptual, podemos, como já dissemos, utilizá-lo para melhor entendermos o sistema de significação (estrutura conceptual) do tempo em língua portuguesa. O modo como a estrutura semântica se origina se dá por meio de um processo chamado **conceptualização** que ocorre acionando (parte de) nosso

conhecimento enciclopédico de mundo: as estruturas conceptuais. A descrição da estrutura semântica do tempo é feita na seção 3.

1.1.2 Linguagem corporificada

A LC possui uma fundamental premissa de que **a estrutura conceptual é corporificada** (em inglês, “*conceptual structure is embodied*”). A tese da corporificação tem-se demonstrado satisfatória para explicar a inter-relação entre linguagem, cognição e mundo (cf. JOHNSON, 1987; VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991).

Os linguistas cognitivistas tomam suas inspirações nas tradições em psicologia e filosofia que dão ênfase à importância da experiência humana e da centralidade do corpo humano.

Um clássico exemplo para mostrar que a construção da realidade é mediada pela natureza de nossos corpos é o estudo das cores. O sistema visual dos seres humanos possui três tipos de fotorreceptores, ou canais de cor, enquanto os animais possuem um número diferente, por exemplo: gatos possuem dois canais de cor e golfinhos possuem quatro. As cores que vemos e falamos (com linguagem) são apenas aquelas que conseguimos ver. Em outras palavras, a corporificação gera consequências para a cognição que, por sua vez, gera consequências para a língua. Portanto, a significação que o linguista busca é nominal e não real.

Além disso, uma informação sobre o mundo sempre vem associada a uma emoção, logo, ela é sócio-individual, ou seja, o indivíduo armazena uma informação juntamente com uma emoção.

Entender que a nossa linguagem é corporificada é uma forma metodológica de se fazer análises linguísticas, pois podemos empregar as mesmas terminologias para descrever nossa experiência física com o mundo. Além disso, podemos utilizar a noção da corporificação como ponto inicial para nossos estudos interdisciplinares.

1.1.3 Frames e Modelos Cognitivos Idealizados

A necessidade de organizar os conceitos tem sido percebida em várias áreas, não só na Semântica. A Inteligência Artificial, por exemplo, precisa descobrir metodologias para “estocar” a informação nos computadores, e uma explicação dicionarizada não é suficiente.

Os linguistas cognitivistas se preocupam em criar modelos de organização dos significados. Geralmente se pensa em começar a descrever o sentido de alguma forma linguística procurando entender qual é o seu “contexto” mental (conceptual). É como se estivéssemos investigando a “imagem cenográfica” e as informações inferenciais que um determinado conceito nos traz. Trata-se de estabelecer a conhecida relação gestáltica entre figura e fundo, na qual fundo seria o “contexto” conceptual. Surgem várias propostas de explicação sobre o que seria esse contexto. Alguns são mais abrangentes do que outros. Surgem noções como, por exemplo, **focalização** (*profiled*, contorno conceitual da palavra em si) e **base/domínio** (conhecimento pressuposto pelo *profiled*), de Langacker (2008); a noção de **domínio** de Lakoff (1987), a noção de **frame** de Fillmore (1982) e Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de Lakoff (1987).

Um *frame* é uma região coerente (*coherent region*) do conhecimento humano ou do espaço conceptual. Poderíamos dizer que o *frame* é o mesmo que estrutura conceptual. Dessa forma, ele pode ser considerado neutro quanto às construções conceptuais dentro desse “campo” de significações. *Frames* são estruturas de informação armazenadas na memória, lembrando que a memória não é um registro da realidade, mas uma construção da mente.

A Semântica de *frames* veio mostrar que muita informação que antes os linguistas achavam que era extra textual está, sim, no texto, só que indiretamente. Por exemplo, se houver a palavra *restaurante* em um texto, também “existiria” nesse texto, de modo subentendido, outros conceitos como GARÇON, CONTA, etc., constituindo-se, portanto, uma fonte de recursos coesivos. Se uma frase codifica uma cena, uma cena também codifica um contexto. Logo, é um modo de descrever o sentido de um léxico pelo contexto de uso. Esse contexto de uso está sendo representado via *frame*. O *frame* também se relaciona com as questões sintáticas dos argumentos do verbo; gramática de casos; papéis temáticos; cenas e participantes.

O Modelo Cognitivo Idealizado (em inglês, *Idealized Cognitive Model*) é um constructo criado por Lakoff (1987) para se poder dizer que não dá para falar de todas as possibilidades de um dado *frame*. De fato, é preciso um limite na descrição, pois o que se

relaciona com o quê pode se tornar infinito. Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) seriam, entre outras coisas, um conjunto complexo de *frames* distintos, baseado na experiência e na cultura dos indivíduos.

1.1.4 Conceptualização

Conceptualizar é imaginar, pensar, inteligibilizar a informação com base em conceptualizações pré-definidas social, cultural e linguisticamente. Nas palavras de Langacker, Semântica é conceptualização.

Conceptualizar a palavra *restaurante*, por exemplo, para utilizarmos um exemplo clássico de Schank e Abelson (1977), não é apenas elencar os traços que envolvem esse substantivo, e defini-lo, por exemplo, como instituição de serviço alimentício. O conceito de RESTAURANTE nos faz conceptualizar vários outros conceitos, que formam o *frame* de RESTAURANTE, como os conceitos de CLIENTE, GARÇOM, PEDIDOS, COMER, CONTA, GORGETA, etc. e, analisando-os numa perspectiva da Semântica tradicional, esses conceitos não são relatados a restaurante por hiponímia, antonímia, ou qualquer outra relação semântica estrutural. Eles são relatados por meio da nossa experiência do dia a dia com um restaurante.

Por isso, é difícil descrever a semântica dos conceitos; é mais complexo do que uma Semântica estrutural e de condições de verdade. Nossa compreensão de uma determinada palavra é maior que um paradigma de traços ou atributos.

Para ilustrar o processo de conceptualização, vejamos os seguintes enunciados:

1) *Humberto está à esquerda de Cláudio*

2) *Cláudio está à direita de Humberto*

Os enunciados (1) e (2) significam, numa perspectiva de Semântica Referencial, a mesma coisa, e, portanto, são idênticos quanto a sua referência. Porém, numa perspectiva cognitivista, eles não podem ser idênticos, pois, considerando-se a mente do enunciador e do enunciatário, o modo de “imaginar” o enunciado (1) é diferente do modo de

“imaginar” o enunciado (2). A essa “imaginação” dá-se o nome de conceptualização. Na conceptualização em (1), “imaginamos” primeiramente a “tia”, para então fixar a sua localização em relação à localização de João. No enunciado (2), primeiramente conceptualizamos João, e só então a “tia” do enunciador. É nessa diferença de perspectiva que corresponde a diferença de conceptualização entre (1) e (2).

A realidade descrita é uma só, mas o modo de entendê-la requer algumas escolhas de perspectiva, pois nós, conceptualizadores, possuímos várias possibilidades de descrição linguística da realidade e escolhemos aquela possibilidade que melhor ilustra o que gostaríamos de representar.

O mesmo acontece com a transformação de uma oração (com verbo transitivo direto) na voz ativa em uma oração da voz passiva. Exemplo:

3) *Adão e Eva comeram a maçã.*

4) *A maçã foi comida por Adão e Eva.*

Embora as orações 3 e 4 possuam a mesma referência, nos fazem processar diferentes conceptualizações, pois a língua possui o princípio da linearidade em sua sintaxe, que nos faz compreender a língua pouco a pouco: somando as informações que são nos dada gradativamente com o conhecimento linear da informação, seja ouvindo ou lendo. Na subseção 4.2.1, quando falamos do princípio de iconicidade, veremos melhor essa questão da linearidade.

A escolha por uma palavra e não outra, no caso de sinônimos, também revela diferença na conceptualização numa perspectiva cognitivista (Cf. BERGEN, 2012). Um falante optar por chamar o seu pai pela palavra *papai* ou *pai* determina diferentes conceptualizações na relação entre pai e filho.

Veja outros exemplos:

5) *O gato pulou o muro*

6) *O gato pulou a poça d'agua*

Embora o verbo *pular* seja igual para os dois enunciados, fica “por conta” do falante entender que a orientação do deslocamento do *gato* em (5) é predominantemente vertical, enquanto o deslocamento em (6) é predominantemente horizontal. Essas informações não estão manifestadas verbalmente. As palavras por elas mesmas são apenas sugestões para o processo de construção do sentido (cf. FAUCONNIER, 1994).

Em Semântica Tradicional, não há modelos teóricos que expliquem essas estruturas semânticas. O que se faz é “discursar” sobre essas estruturas, como, por exemplo, a explicação que fizemos sobre esses enunciados no parágrafo anterior. Porém, uma explicação desse tipo é considerada metodologicamente imprecisa⁶ (*vagueness*); é um tipo de explicação chamado de *full-specification approach* (cf. LAKOFF, 1987).

A significação é um processo (conjunto de operações) ao invés de uma “coisa” que pode ser “embalada” pela linguagem. Por isso, significação para a Semântica Cognitiva é conceptualização.

O linguista cognitivista, para descrever uma conceptualização pode utilizar alguns modelos teóricos. O importante ao semanticista é ele conseguir descrever a “cena” que o conceptualizador tem a intenção de transmitir, apontando o modo como foi construída a saliência de determinada ideia, que é responsável por fazer um enunciado, referencialmente igual a um outro, ser conceptualizado de forma distinta.

Essa construção de significação linguística – a conceptualização – se daria via língua: o falante acessa seu conhecimento de mundo na estrutura conceptual por meio da linguagem. A significação descrita dessa forma mais complexa, envolvendo todas as imagens mentais e conceitos que envolvem determinada unidade de língua, forma a **estrutura semântica**.

Estrutura semântica é o sistema de significados de uma língua. Não se trata de um dicionário gigante da língua, mas de todo o conhecimento capaz de ser expresso pela língua. É um sistema abstrato e que, portanto, não possui regras para descrevê-lo: as propostas de modelo serão sempre apenas tentativas de descrição.

1.1.5 Esquemas de imagem

⁶ Ver Sandra e Rice (1995), que discutem essa imprecisão.

Mark Johnson, em *The Body in the Mind* (1987), propõe que uma das formas nas quais a experiência corporificada se manifesta no nível cognitivo é em termos de **esquemas de imagem**. E essa ideia tem sido utilizada por todos os linguistas cognitivistas. Segundo Gibbs (2005):

Os esquemas de imagem representam a cola essencial para ligar a experiência corporificada, o pensamento e a linguagem. (GIBBS Jr., 2005, p. 113, tradução nossa⁷)

Linguistas cognitivistas têm proposto que esquemas de imagem formam a base de aspectos significantes da linguagem e do pensamento. Os esquemas de imagem são um conceito central em LC. Porém, ainda há grande variação sobre o que os linguistas entendem sobre qual é a natureza desses esquemas de imagem.

Há evidências empíricas significativas a partir da psicologia cognitiva desenvolvimental para sugerir que esquemas de imagem são “psicologicamente reais”, e também há evidências empíricas que atestam sua existência neurológica. Alguns neurocientistas, como Damasio (1999) e Edelman (1991), têm se dedicado a entender como os esquemas e conceitos devem ser representados e associados no cérebro. Estudos recentes sobre esquemas de imagem (como os que compõem o *From perception to meaning*, organizado por Hampe, 2005) começam a provar o caráter real dos esquemas de imagem (por exemplo, Dodge; Lakoff, 2005).

Há uma discussão, hoje em dia, em torno do assunto: a que se assemelham as imagens mentais e para que as empregamos? São fundamentais ou derivam de processos mais elementares?

Na psicolinguística, o problema é discutido na estrutura da “memória semântica”, isto é, o modo pelo qual o conhecimento é estocado na memória a longo prazo ou permanente (FOSS; HAKES, 1978, p. 136-167). O assunto começou em termos de representação de estruturas de frases e significados de palavras, e tornou-se extensivo a questões gerais da estrutura do conhecimento.

De modo geral, se diz que os esquemas de imagens são formados por meio de padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensório-motora, como andar,

⁷ No original: Image schemas represent the essential glue that binds embodied experience, thought, and language. (GIBBS Jr., 2005, p. 113).

colocar, pegar, ficar em pé etc., pois, desde em que nascemos, passamos por vários estágios de exploração do mundo por meio de nossos corpos: o deslocamento do próprio corpo, a posição do corpo no espaço, o seu movimento, a manipulação de objetos, etc.

Segundo Johnson (1987), esquemas de imagem funcionam primeiramente como estruturas abstratas de imagem, e podem ser classificados em grupo sensório-motor, grupo dos esquemas visuais, e grupo dos esquemas auditivos e olfativos (cf. LAKOFF, 1987).

Uma vez que os esquemas de imagem derivam de nossa experiência biológica, era de se esperar que fossem iguais para todas as línguas. Lakoff e Johnson (1980) sugerem que esses esquemas de imagem devam ser universais pré-linguísticos de estruturas cognitivas. E por isso esquemas de imagem são comumente definidos como representações **pré-conceptuais** da experiência corporificada humana.

Os esquemas de imagem são processos mentais efêmeros, que são imediatamente e incessantemente alterados, especialmente quando co-ocorrem com outra *gestalt* experimental (ou empírica) (PEÑA, 2008, p. 1042).

Lakoff e Johnson (1999) propuseram um modelo chamado de *esquemas de imagem* para ilustrar os padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensório-motora. São estruturas mentais criadas a partir de nossa interação física com o mundo. Por exemplo:

É a partir do nosso corpo que criamos conceitos como frente, trás, esquerda, direita, alto e baixo. Como somos seres bípedes, temos de nos manter em equilíbrio constante e, como somos seres móveis, podemos deslocar-nos para onde havia frutos que podíamos coletar ou animais que podíamos caçar e, modernamente, em direção ao nosso trabalho ou a locais de lazer. Durante nossos trajetos ou interação com seres e objetos, enfrentamos muitas vezes obstáculos que temos de remover, quando temos capacidade física para isso, ou dos quais temos de desviar, em caso contrário. (ABREU, 2010, p. 31)

Esquema de imagem, neste contexto de descrição da estrutura semântica (e não conceptual) pode ser considerado um subtipo de *frame*. Quando pegamos uma caneta, um ovo, uma bola ou um bebê, acionamos o esquema de imagem de “pegar” e diferentes *frames* que envolve essa ação para cada objeto: modos diferentes de “pegar” são esquemas diferentes, pois exigem conceitos, valores, manuseamento diferentes,

determinados pela experiência com a vida (por exemplo, não se pega um bebê com uma mão só e pelo seu pescoço).

Os esquemas de imagem (LAKOFF, 1987; JOHNSON 1987; LAKOFF e TURNER, 1989; JOHNSON 1987) são definidos como versões esquemáticas de imagens. Imagens são representações de experiências corporificadas. Eles podem estruturar algo de nossa experiência concreta ou de nossa experiência emocional via metáfora. Esquemas de imagem são abstratos porque são esquemáticos (diagramas), mas, do ponto de vista de sua origem, são concretos porque são produzidos pela interação física de nossos corpos com o meio ambiente.

Esquemas de imagem não são a única forma de representação do princípio de corporificação. A corporificação também pode gerar conceitos. Os conceitos cognitivos podem diferir de uma língua para outra, e, portanto, mesmo considerando que os esquemas de imagens possam ser universais, a estrutura conceptual ainda não seria devido a isso, porque ainda existiriam os conceitos não esquemáticos que podem sim diferir de língua para língua⁸.

São diversos os esquemas de imagens, mas há poucas tentativas em deixá-los mais claros, coerentes, e explicitando a dependência que existe entre eles. Para Peña (2008), seria possível simplificar os esquemas se os hierarquizarmos numa espécie de rede topológica.

Segundo Peña (2008), existem três⁹ esquemas básicos de imagens que servem para imprimir modelos subsidiários:

- Região delimitada (bounded region)
- Caminho (path)
- Parte-todo (part-whole).

Veja a seguir a explicação desses esquemas:

O esquema REGIÃO DELIMITADA é o nó dominante do qual CONTAINER e SUPERFÍCIE dependem. Por sua vez, CONTAINER empresta seu esquema estrutural e material conceitual para CHEIO-

⁸ Pensar que o esquema de andar é universal é mais fácil do que entender que o conceito de saudade possa ser universal.

⁹ Haveria, talvez, um quarto esquema, o esquema de imagem LINK. Porém a autora tem o considerado como um auxílio à descrição de outros modelos.

VAZIO. EXCESSO tem sido descrito como subsidiário à CHEIO-VAZIO. O esquema de CAMINHO tem sido postulado como a configuração básica com relação a outros esquemas que possuem um estatus subsidiário, principalmente FORCE (e seus diferentes tipos), PROCESSO, ESPIRAL e CICLO, de FRENTE-TRÁS, PERTO-LONGE (e seu esquema dependente de CONTATO), e VERTICALIDADE. Finalmente, MATCHING, MERGING, COLLECTION, SPLITTING, e CENTRO-PERIFERIA herdam parte de sua configuração a partir do esquema de imagem PARTE-TODO. (PEÑA, 2008, p. 1064¹⁰, tradução nossa)

O esquema de PATH (TRAJETO) é um dos mais recorrentes modelos que nos ajudam a entender outros conceitos, especialmente os conceitos abstratos como tempo. Ele também pode se chamar esquema de SOURCE-PATH-GOAL (ORIGEM-TRAJETO-DESTINO) ou esquema de MOTION (MOVIMENTO) (PEÑA, 2008).

Estes esquemas seriam universais (por serem esquemas do nível do **sistema conceptual**, ou seja, pré-conceptuais, e por isso pré-linguísticos). Porém, quando são usados também para explicar uma **conceptualização** (ou seja, para auxiliar uma descrição semântica), eles costumam ser os mesmos, o que pode fazer o cientista entender, erroneamente, que o esquema de imagem utilizado na conceptualização possua a mesma natureza dos utilizados no sistema conceptual.

Quando elaboramos e atualizamos esses esquemas de imagens no processo da conceptualização, pode haver variação em termos de saliência e importância em suas propriedades, ou mesmo variação do tipo de esquema. Nestes casos, estamos falando de esquemas acionados via linguagem, ou seja, são recursos metodológicos para os linguistas.

A metalinguagem para descrever os esquemas de imagem da conceptualização (linguísticos) pode ser um discurso (falar sobre, e em alguma língua, como a língua inglesa, vista na descrição de Peña, 2008) e ícones (traços geométricos). Cada língua utilizará à sua maneira esses esquemas: o emprego dos esquemas pode ser diferente, mas os esquemas em si (mentais) não mudariam, pois nasceram da experiência do homem

¹⁰ No original: “The BOUNDED REGION schema is the dominating node on which CONTAINER and SURFACE depend. In turn, CONTAINER lends its structural make-up and conceptual material to FULL-EMPTY. EXCESS has been described as subsidiary to FULL-EMPTY. The PATH image-schema has been postulated as the basic configuration with respect to which other schemas hold a subsidiary status, mainly FORCE (and its different types), PROCESS, SPIRAL and CYCLE, FRONT-BACK, NEAR-FAR (and its dependent schema CONTACT), and VERTICALITY. Finally, MATCHING, MERGING, COLLECTION, SPLITTING, and CENTRE-PERIPHERY inherit part of their layout from the PART-WHOLE image-schema.” (PEÑA, 2008, p. 1064).

com mundo (somos todos seres humanos vivendo no mesmo mundo). Porém, como vimos, a cultura não é a mesma e ela influenciaria também no modo de experienciar a realidade.

Vimos, portanto, que a noção de esquemas de imagens se utiliza da noção de linguagem corporificada e da noção de *frames*. Eles nos são muito úteis como método de descrição do nosso objeto.

A noção dos esquemas de imagem é um ótimo recurso para os linguistas porque estes conseguem explicar sentidos mais abstratos de significação. Além dos esquemas de imagens, haveria projeções metafóricas de esquemas de imagem: muitas conceptualizações **derivam** metaforicamente desses esquemas (por exemplo: o esquema de imagem de *cair de bicicleta* pode gerar o esquema metafórico para *cai de amor*).

Lakoff (1987, 1990, 1993) e Johnson (1987) chamam esse uso metafórico de um conceito de **projeção conceptual** (*conceptual projection*). Porém, não se sabe com certeza se essa projeção conceptual ocorre apenas no nível da conceptualização ou se também ocorreria no nível do sistema conceptual. Ou seja, quem proveria a estrutura metafórica? Os esquemas de imagens elaborados na conceptualização ou os esquemas de imagens adquiridos no sistema conceptual? Neste último caso, esquemas de imagens metafóricos fariam parte do sistema conceptual, e não apenas na língua. Essas questões serão retomadas na seção 6, quando discutiremos se uma metáfora conceptual pode ser relativa a uma comunidade ou pode ser universal.

1.2 A Teoria dos Conceitos Lexicais e dos Modelos Cognitivos

Após entendermos as principais noções da Semântica Cognitiva na subseção 1.1, nessa subseção iremos especificar um pouco mais nosso ponto de vista teórico.

Nosso ponto de vista teórico segue as considerações da Teoria dos Conceitos Lexicais e dos Modelos Cognitivos¹¹, doravante Teoria dos CLMC, desenvolvida por Evans em seu livro “How Words Mean”, de 2009. Trata-se de um modelo teórico de representação lexical e construção da significação mediada linguisticamente.

¹¹ Em inglês, Theory of Lexical Concepts and Cognitive Models, ou LCCM Theory.

De acordo com essa teoria, a língua é formada da associação aprendida entre forma e significado. E esses pares de “forma significado” são conhecidos como construções (*constructions*) ou unidade simbólica (*symbolic unit*). Essas considerações são baseadas nos trabalhos de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Langacker (1987, 2008), por exemplo.

Portanto, uma construção apresentaria dois níveis: o conceptual (**estrutura semântica**, ou seja, o conhecimento semântico convencional associado com palavras e outras unidades lexicais) e o formal (chamado de **veículo**, como, por exemplo, as formas das palavras).

De modo geral, a Teoria dos CLMC assume as ideias principais da Gramática Cognitiva de Langacker (2008) e a Gramática de Construções de Goldberg (2006).

A Teoria dos CLMC fornece uma estrutura metodológica para a construção de análises semânticas de conceitos lexicais, e considerações teóricas de representação lexical e composição semântica na compreensão da linguagem. Ela modela a natureza das unidades simbólicas na linguagem – e na estrutura semântica, em particular –, a natureza das representações conceptuais e os mecanismos composicionais que dão sustentação à interação entre dois conjuntos de representações – o semântico e o conceptual – a serviço da construção da significação mediada linguisticamente.

Quanto às considerações sobre estrutura conceptual e estrutura semântica:

A Teoria dos Conceitos Lexicais e dos Modelos Cognitivos assume uma separação entre estrutura conceptual e estrutura semântica. Estrutura conceptual é um nível de representação não-linguística que deriva de uma experiência sensório-motora, proprioceptiva e subjetiva. Estrutura semântica é um nível linguístico de representação codificada no pólo semântico associada a palavras e outras construções de várias palavras. Estes dois níveis são modelados pelas construções teóricas que dão seu nome à teoria: o conceito lexical e o *modelo cognitivo*. Fundamentalmente, na Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos, conceitos lexicais – unidades linguísticas da estrutura semântica – facilita o acesso a unidades de estrutura conceptual – modelos cognitivos. No uso da linguagem, conceitos lexicais ativam os modelos cognitivos a que dão acesso, *simulando* assim – no sentido de, por exemplo, Barsalou (1999) – o conteúdo codificado pelos modelos cognitivos. A linguagem, a partir dessa perspectiva, fornece significado ao conhecimento contido no sistema conceptual a serviço da comunicação mediada linguisticamente.

A Teoria dos CLMC fornece uma metodologia para identificar as unidades convencionais de estrutura semântica associadas a unidades de forma em uma língua.¹² (EVANS, 2013, p. 15, tradução nossa).

Ou seja, a Teoria dos CLMC explica o acesso que fazemos, com linguagem, ao nosso conhecimento de mundo.

Veja o quadro a seguir que resume uma explicação sobre os principais termos utilizados por essa Teoria:

Termo	Descrição
Sistema linguístico	A coleção de unidades simbólicas que uma língua compreende, e as várias relações guardadas entre elas.
Unidade simbólica	Um pareamento convencional entre forma fonológica ou veículo e um elemento semântico.
Conceito lexical	O elemento semântico que é pareado com um veículo fonológico em uma unidade simbólica.
Conteúdo linguístico	O tipo de conteúdo codificado por um conceito lexical. Este conteúdo é de um tipo altamente esquemático que pode ser diretamente codificado <i>na</i> linguagem.
Sistema conceptual	O corpo de conhecimento não-linguístico captado a partir da experiência multimodal. Esse conhecimento é derivado da experiência sensorial-motora, propriocepção e experiência subjetiva.
Modelo cognitive	A forma representacional que o conhecimento no sistema conceptual leva, como modelados na Teoria dos CLMC. Consiste de <i>frames</i> que dão origem a um conjunto potencialmente ilimitado de simulações.
Conteúdo conceptual	A natureza do conhecimento codificado por um modelo cognitivo.

¹²No original: “LCCM Theory assumes a principled separation between conceptual structure and semantic structure. Conceptual structure is a level of non-linguistic representation that derives from sensory-motor, proprioceptive and subjective experience. Semantic structure is a language-specific level of representation encoded at the semantic pole associated with words and other multiword constructions. These two levels are modelled by the theoretical constructs that give the theory its name: the lexical concept and the *cognitive model*. Crucially, in LCCM Theory, lexical concepts – units of language-specific semantic structure – facilitate access to units of conceptual structure – cognitive models. In language use, lexical concepts activate the cognitive models to which they provide access, thereby *simulating* – in the sense of, for instance, Barsalou (1999) – the content encoded by the cognitive models. Language, from this perspective, provides a means of harnessing knowledge contained in the conceptual system in service of linguistically mediated communication. LCCM Theory provides a methodology for identifying the conventional units of semantic structure associated with units of form in a language.” (EVANS, 2013, p. 15)

Representação lexical	O substrato primário implantado na construção do significado mediado linguisticamente, e modelado em termos de unidades simbólicas e modelos cognitivos.
Representação semântica	A dimensão semântica das representações lexicais, composta por estrutura semântica e estrutura conceptual.
Estrutura semântica	A parte da representação semântica codificada pelo sistema linguístico. A estrutura semântica é modelada, na Teoria dos CLMC, por conceitos lexicais.
Estrutura conceptual	Aquela parte da representação semântica codificada pelo sistema conceptual. A estrutura conceptual é modelada, na Teoria dos CLMC, por modelos cognitivos.

Quadro 2: resumo dos termos principais da Teoria dos CLMC. Fonte: tabela 2.1 *A summary of key terms in LCCM Theory* (EVANS, 2013, p. 28¹³ tradução nossa)

Como toda teoria possui suas premissas, vejamos as premissas da Teoria dos CLMC (EVANS, 2013, p. 22-25):

- As representações lexicais são pontos de acesso para o conhecimento enciclopédico. Essa é a ideia clássica da Linguística Cognitiva de que as palavras não carregam a informação, mas promovem o acesso ao conhecimento de mundo do falante;

13

Term	Description
Linguistic system	The collection of symbolic units comprising a language, and the various relationships holding between them
Symbolic unit	A conventional pairing of phonological form or vehicle and a semantic element
Lexical concept	The semantic element that is paired with a phonological vehicle in a symbolic unit
Linguistic content	The type of content encoded by a lexical concept. This content is of a highly schematic type that can be directly encoded <i>in language</i>
Conceptual system	The body of non-linguistic knowledge captured from multimodal experience. This knowledge derives from sensory-motor experience, proprioception and subjective experience
Cognitive model	The representational form that knowledge in the conceptual system takes, as modelled in LCCM Theory. Consists of frames which give rise to a potentially unlimited set of simulations.
Conceptual content	The nature of the knowledge encoded by a cognitive model
Lexical representation	The primary substrate deployed in linguistically mediated meaning construction, and modelled in terms of symbolic units and cognitive models
Semantic representation	The semantic dimension of lexical representations, consisting of semantic structure and conceptual structure
Semantic structure	That part of semantic representation encoded by the linguistic system. Semantic structure is modelled, in LCCM Theory, by lexical concepts
Conceptual structure	That part of the semantic representation encoded by the conceptual system. Conceptual structure is modelled, in LCCM Theory, by cognitive models

(EVANS, 2013, p. 28).

- Conhecimento enciclopédico é estruturado. Ele corresponde a todas as informações que o falante possui. Essas, por sua vez, representam conceitos linguístico e não-linguísticos. Porém, não é porque possuam também esses conceitos não-linguísticos que se deve pensar que esse conhecimento como um todo não seja passível de estruturação;
- Conhecimento enciclopédico é dinâmico. Isto porque cada um de nós está sempre aprendendo e armazenando informações novas;
- Conhecimento enciclopédico é diferente da informação contextual. A informação contextual é o contexto de uso linguístico. É ela que vai delimitar o conhecimento enciclopédico. O contexto inclui: contexto do enunciado, contexto prosódico, situacional e interpessoal que vai afetar em como vai ser feito o acesso.
- Não há uma distinção entre Semântica e Pragmática, pois para essa teoria, não há separação entre significação linguística e significação social e cultural.

A principal característica de uma Semântica cognitiva é que ela entende que a significação veiculada linguisticamente está fornecendo acesso a um nível de conhecimento não-linguístico (o conhecimento conceptual).

Segundo Jackendoff (1990), a **Semântica conceptual** é uma teoria linguística sobre a forma das representações mentais internas que constitui parte do conhecimento de mundo dos falantes (ou seja, do aparato conceptual).

Essa teoria de Evans (2009) é considerada uma teoria da “semântica de acesso” (*access semantics*). É importante lembrar, entretanto, que existe uma abordagem sobre uma semântica de acesso anterior e bem conhecida de Ronald Langacker, em sua teoria da Gramática Cognitiva (1987, 1991, 2008). Segundo ele, a representação lexical promove o acesso ao conhecimento enciclopédico. Além disso, a estrutura semântica acessaria diretamente a estrutura conceptual. Segundo a interpretação de Evans (2009, 2013), Langacker acredita que a estrutura conceptual é a soma da estrutura semântica com a forma linguística. Já a Teoria dos CLMC, com a qual concordamos, acredita que essa estrutura conceptual possui uma natureza muito diferente do somatório entre estrutura semântica e forma linguística. A estrutura conceptual seria um sistema muito mais complexo. A estrutura semântica é o substrato semântico primário do sistema linguístico.

Na Teoria dos CLMC, *estrutura conceptual* – o substrato representacional semântico do sistema conceptual – é modelado pelo constructo teórico do modelo cognitivo. Um modelo cognitivo é um corpo coerente de uma base de conhecimento multimodal no sistema modal do cérebro, e deriva de nossas experiências processadas pelo cérebro, incluindo experiências sensório-motoras, percepção e experiência subjetiva (emoções) (EVANS, 2013, p. 26, tradução nossa¹⁴)

A Teoria dos CLMC modela a natureza das unidades simbólicas da linguagem, a natureza das representações conceptuais, e mecanismos composicionais que dão sustentação entre as duas classes de representação: a semântica e a conceptual, a serviço da construção do significado mediado linguisticamente.

O acesso semântico é uma abordagem da representação lexical que assume que: a estrutura semântica não pode ser compreendida independentemente do conhecimento não-linguístico que está no sistema conceptual. Ela vai de encontro às pesquisas sobre construção do conhecimento que têm uma visão enciclopédica do conhecimento.

O livro de Evans “Language and Time” de 2013, faz uma tentativa de aplicação da Teoria dos CLMC quanto ao conceito de TEMPO.

1.3 Fenômeno linguístico em questão

Nesta subseção, descrevemos, com alguns exemplos, o objeto linguístico cuja representação conceptual e semântica pretendemos analisar.

Trata-se da noção de tempo. Devido ao seu caráter extremamente abstrato, percebemos que seu estudo envolveria a discussão de pontos cruciais da abordagem cognitiva (como as metáforas conceptuais) que nos auxiliariam na discussão teórica sobre o acesso semântico ao nosso conhecimento enciclopédico de mundo.

¹⁴ No original: “In LCCM Theory, *conceptual structure* – the semantic representational substrate of the conceptual system – is modelled by the theoretical construct of the cognitive model. A cognitive model is a coherent body of multimodal knowledge grounded in the brain’s modal systems, and derives from the full range of experience types processed by the brain, including sensory-motor experience, proprioception and subjective experience including affect.” (EVANS, 2013, p. 26).

O tempo linguístico, criado pela linguagem, diferente do tempo físico, pode ser entendido sob vários pontos de vista¹⁵: enquanto categoria gramatical (tempo gramatical, *tense*); enquanto fenômeno literário (como o tempo psicológico); enquanto elemento do discurso (como o tempo de referência no passado discursivo); enquanto fenômeno real de análise fonética, etc. Nosso ponto de vista é sobre a **percepção introspectiva do tempo linguístico**. Essa experiência subjetiva do tempo, por sua vez, não é um fenômeno único, pois ela nos proporciona apreender fenômenos diversos como: duração, simultaneidade; lentidão e rapidez (seja na percepção acústica, seja na imagem aspectual de um léxico verbal, por exemplo); presença do “agora” e distanciamento do “então”, como o mundo comentado e o mundo narrado de Wenrich (1989); e outros.

Dentre as várias perspectivas do tempo entendido como percepção introspectiva, distinguimos a sua característica de **ordenação de eventos em sequência**. A linguagem nos fala de eventos e esses eventos precisam estar “localizados” no tempo cronológico (real, e culturalmente construído); cada indivíduo possui, portanto, uma imagem mental dessa **linearidade móvel** que funciona como o tempo cronológico interno de cada pessoa – o **tempo crônico** de Benveniste (2006) – que nós possuímos conceitualmente para que sejamos capazes de fazer as **referências temporais** de um determinado evento. Em outras palavras, nosso ponto de vista entende o tempo como sucessão de eventos em uma linha do tempo, por meio da qual nós operamos intelectualmente para **localizar** eventos.

Nosso trabalho se restringe ao que Lacey (1972) chama de questão fundamental subjacente à linguagem temporal: a questão “Quando algo aconteceu?” (LACEY, 1972, p. 14), ou seja, onde se localiza um evento na linha do tempo.

Quando atuamos cognitivamente para localizar um evento na “linha do tempo”, necessitamos ter um esquema visual do tempo, assim como para ir a uma livraria necessitamos nos orientar por meio de um esquema de imagem espacial: caminho, direção, movimento, o objeto que se move (que pode se chamar *trajetor*), *frames* de referência, etc. (ZLATEV, 2007, p. 327). Além disso, podemos simplesmente “localizar” o tempo em si em tempo “nenhum”, como, por exemplo, enunciamos que “*O tempo passa*”.

Entendemos que o nosso ponto de vista sobre o tempo – que é aquele que o entende como sequência de eventos – é o mais fundamental dentre todos os outros pontos

¹⁵ Na nossa Dissertação de Mestrado, intitulada *O tempo e a linguagem* (2010), discutimos sobre os vários níveis de interpretação do tempo linguístico.

de vista – como o aspecto e o modo, por exemplo, pois acreditamos que a duração, a simultaneidade, a percepção de algo mais lento ou mais rápido, são perspectivas necessárias ao falante apenas **após ser localizada temporalmente** sua posição no tempo. Nesse sentido, acreditamos que estaremos investigando o modo de se descrever as bases da **estrutura conceptual do tempo**. E a partir desta base, outros estudos dariam continuidade a uma descrição total de todos os conceitos temporais.

Embora ninguém discorde que o tempo seja **movimento**, não enxergamos no nosso meio exterior se ele se move horizontalmente, verticalmente, de trás para frente ou de frente para trás, ou se ele se move passando por nós, ou se nós é que passamos por ele. Por outro lado, a movimentação do tempo é perceptível cognitivamente e entendida e representada dentro da nossa mente. Prova disso é que a linguagem **sabe falar** sobre essas movimentações (como veremos nas próximas seções), e, então, a estrutura linguística pode ser uma fonte de investigação para nossa descrição do domínio conceitual do tempo.

Para chegar a entender a **estrutura conceptual**, bem como a **estrutura semântica** que dela reflete, também exploraremos os **processos cognitivos** do tempo, pois a maneira como a mente está estruturada pode estar sendo como um reflexo, em parte, da maneira como o mundo (incluindo nossa experiência sociocultural) é estruturado e organizado (EVANS; GREEN, 2006, p. 14)¹⁶. Mecanismos cognitivos e mecanismos conceptuais não podem ser usados como sinônimos, pois, como nos alerta Lakoff (1987, p. 310, tradução nossa) “[...] a experiência não **determina** os sistemas conceituais, ela apenas os **motiva**.” Dessa forma, é importante investigar como mecanismos gramaticais expressam nossos modelos conceptuais de tempo, e como se dá a operação cognitiva de percepção do tempo, sendo necessária, para isso, uma revisão sobre o assunto em outras áreas de estudo cognitivo como a neurologia e a psicologia.

O semanticista também deve determinar a língua natural a ser estudada e deve definir o nível do objeto que ele vai investigar: o nível do morfema, do léxico, do enunciado, do texto, etc.

Escolhemos o **nível do enunciado**, em língua portuguesa, porque ele é o que melhor conceptualiza a noção de sequenciamento de tempo (tempo crônico), por

¹⁶ No original: [...] the way the mind is structured can be seen as a reflection, in part, of the way the world (including our sociocultural experience) is structured and organized. (EVANS; GREEN, 2006, p. 14).

constituir uma estrutura mais complexa que apenas um estudo no nível lexical, e por tanto por trazer mais informações sobre o assunto.

É claro que os usuários conhecem o significado das expressões de sua língua. Mas nosso interesse não está em ensinar o que as palavras significam, mas em descobrir a mente humana e o modo como ela consegue externalizar informações. A Semântica é uma área de investigação científica como qualquer outra; é uma construção do homem, pois não existe no mundo. O que existe é a língua. A língua é uma maneira de perceber o mundo, de categorizar o mundo, logo, a linguística serve para estudar o mundo.

Sem entrarmos na questão de se o tempo existe no mundo real ou não, afirmaremos que ele existe enquanto fenômeno utilizado pelo homem para várias coisas. Se algo existe, é porque o homem o notou. E, a partir do momento da sua descoberta, o homem começa a falar sobre esse algo.

O tempo é algo de que nós falamos a partir do significado (ou ideia) que atribuímos ao tempo que julgamos existir no mundo real. A significação do tempo revelaria como compreendemos/consideramos/idealizamos/imaginamos/percebemos o tempo do mundo.

A noção de tempo trabalhada aqui já é a traduzida pela língua. É a noção de tempo linguisticamente sancionada. É por isso que este trabalho é o linguístico, e não físico ou filosófico. Nossa preocupação não é “O que é o tempo?”. Mas “o que significa tempo” para nós.

Estamos atrás da significação do tempo enquanto elemento percebido pelo homem e, conseqüentemente, necessário para sua expressão (linguística) sobre ele.

Mas como chegar à significação do tempo?

Como somos linguistas, analisaremos a linguagem. A língua (falada ou escrita) reflete o que pensamos a respeito do fenômeno “tempo”.

O objetivo deste trabalho é descrever o sistema conceptual, a estrutura conceptual e a estrutura semântica do tempo. São poucos os trabalhos em língua portuguesa nessa perspectiva.

O tempo e o espaço constituem os dois domínios mais fundamentais da experiência humana.

Espaço e tempo são os dois mais importantes domínios conceituais básicos do pensamento humano (HASPELMATH, 1997, p. 1, tradução nossa)¹⁷

Por que então estudar o tempo e não o espaço?

Ao contrário do espaço, o tempo não é uma experiência sensorial física ou concreta. Enquanto para percebermos o espaço utilizamos todo um aparato especializado para a experiência (sistema visual, sistema tátil, além de outros), nós, num primeiro momento, não temos um aparato dedicado exclusivamente ao processo de experiência do tempo. A atenção à passagem do tempo parece ser uma experiência introspectiva e subjetiva. É por seu caráter introspectivo que acreditamos que o tempo constitui um excelente objeto de estudo na área de Semântica cognitiva, que está principalmente interessada nas representações mentais que fazemos.

O estudo do nosso objeto também contribui para a discussão de uma das grandes premissas da Linguística Cognitiva que é o fato de a linguagem ser corporificada. Uma vez que o tempo é uma experiência subjetiva, provar a sua corporificação é um desafio a mais.

Falar do tempo torna o desafio ainda maior do que falar de espaço. É possível imaginar, por exemplo, que seja mais fácil descrever semanticamente o movimento espacial do tipo *O carro está se aproximando* do que o movimento temporal *O Carnaval está se aproximando*.

Uma vez que a Semântica Cognitiva defende que existe uma estrutura subjacente que dá sustento à informação, o tempo é o que melhor ilustraria o que não é imediatamente percebível, mas construído dentro da mente. E por isso optamos pelo tempo e não pelo espaço, pois, se o “movimento” de tempo não é observável no mundo físico, qual é então a natureza da experiência que fornece a descrição perceptual?

Embora os falantes saibam o que o tempo significa, e lidam com os conceitos que envolvem tempo muito bem, ainda não é claro ao linguista como o tempo é representado no nível conceitual.

O tempo é um dos mais fascinantes temas de investigação em todas as áreas científicas. Só por isso ele nos traz motivação e interesse. Além disso, o tempo é uma das

¹⁷ No original: “Space and time are the two most important basic conceptual domains of human thinking.” (HASPELMATH, 1997, p. 1)

três instâncias enunciativas (*ego-hic-nunc*) e, portanto, ele tem um papel fundamental na “montagem” de uma conceptualização (a cena imaginada por um falante sempre apresenta um espaço e um tempo).

Ainda nesse raciocínio, o tempo, por ser de caráter abstrato, utiliza-se largamente de um conceito mais concreto, o espaço, para ser mais fácil de ser compreendido. Portanto, o tempo também auxilia nas discussões sobre metáforas conceptuais.

É abstrato porque não o vemos, tocamos, cheiramos, etc. Não podemos confundir movimento dos objetos no espaço (algo observável e palpável) com o próprio movimento do tempo, ou seja, com o próprio tempo.

Ainda são poucos os estudos em Semântica Cognitiva no Brasil. Os linguistas cognitivistas brasileiros preferem, de modo geral, os estudos em gramática cognitiva, por exemplo.

Um dos maiores interesses no estudo sobre o tempo está nos tempos verbais. Podemos citar, por exemplo, Corôa, (1985) e Thompson (2005). Também encontramos trabalhos com relação a um “tempo do discurso”, como Gagnon e Lapalmet (1996).

Nossa proposta trabalha com o tempo no nível do enunciado: trata-se de um nível mais complexo do que o lexical, em que vários conceitos lexicais são integrados, formando padrões imagéticos.

Sabemos que o significado tem lugar não somente em um nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível da representação mental por meio de conceitos. Como vimos, uma vez inscritas numa língua, as categorias conceptuais tornam-se categorias linguísticas, quando uma comunidade as traduz em signos linguísticos.

Como já discutimos na seção 1, o estudo do significado numa perspectiva cognitivista acredita que não temos acesso ao significado da língua apenas pelo que ela informa formalmente, mas que o significado está na nossa mente, acionado pelas palavras. Por exemplo:

7) *Eles passaram do prazo!*

Nesse enunciado, entendemos que *eles* estão atrasados. Mas a noção de atraso não está no verbo *passar*, mas sim na construção do enunciado como um todo.

Essa informação está em uma **estrutura lógica temporal mental**, que o falante aciona pelas informações formais do enunciado. Sem ela, não faria sentido afirmar que se trata de um atraso. O verbo *passar* significa “ir de um lugar para outro”. Se temos um marco temporal (uma data), e dissermos que passamos por esse marco, poderemos estar tanto para trás (passado) quanto para frente (futuro) dessa data. Mas sabemos que se trata necessariamente de um caso: o atraso (passar seria ir do passado para o futuro, estar localizado em uma data posterior à data que serve como referência). É por isso que precisamos descobrir e descrever qual é a estrutura que está subjacente a esse enunciado para descrever o seu sentido.

Outro exemplo:

8) *Nossa vida é daqui para frente!*

Como dizer que esse enunciado significa que o passado não interessa mais e o que interessa é o futuro? Como percebemos isso?

Por isso, é necessário ao semanticista de perspectiva cognitivista descrever esse conhecimento estruturado. Esse conhecimento mental possui várias estruturações que facilitam a nossa compreensão. E para o semanticista, essas estruturas podem ser descritas formalmente.

O tempo linguístico em língua portuguesa aparece em vários níveis de representação linguística. Por exemplo: os verbos conjugados em suas desinências modotemporais, os advérbios de tempo, os substantivos que indicam tempo, os verbos que lexicalmente nos fazem pensar em ações transcorridas no tempo, o somatório de informações lexicais, como um enunciado (texto).

Porém, uma vez que nossa perspectiva semântica é a cognitiva, não vamos fazer separação entre léxico e texto.

Existem vários tipos de enunciado que demonstram a noção de tempo. Veja:

- 9) *O tempo voa.*
- 10) *Gastei meu tempo com você.*
- 11) *Meu aniversário está chegando.*
- 12) *Estamos nos aproximando da data final.*
- 13) *A primavera precede o verão.*

Os *frames* de referência são um conjunto de construções de estrutura argumental.

A estrutura semântica juntamente com a estrutura sintática, conhecida como “veículo”, formam as “construções” que dão o acesso ao conhecimento enciclopédico.

Nós estamos interessados somente na estrutura semântica, deixando os aspectos sintáticos de lado.

Há muitos poucos trabalhos que se dedicam ao estudo dos *frames* de referência do tempo. Existem os trabalhos de Evans (2013), Bender *et al* (2010), Tenbrink (2011) e Zinken (2010).

Visto que o tempo e o espaço são domínios fundamentais da experiência humana, é de se estranhar que haja poucos estudos. Mas sua complexidade explica porque as pessoas se afastam desse fenômeno. Mesmo os estudos neurológicos e psicológicos sobre o tempo possuem poucas respostas definitivas.

Os estudos do tempo gramatical (tempos verbais) são os mais comuns quando o assunto é tempo linguístico. Citamos, como exemplo, a obra de Reichenbach (1947). Porém, podemos incluir aqui as obras que estudam o aspecto (como por exemplo Vendler 1957) e a modalidade (JASZCZOLT, 2009, por exemplo), que são elementos que muitas vezes se misturam com a noção de tempo.

Uma descrição dos tempos verbais representa apenas uma parte das informações que compõem uma descrição do conceito de tempo. Prova disso são as línguas que possuem poucos (em relação ao português, por exemplo) recursos morfológicos para a marcação de tempo, como a língua inglesa.

Para descrever todas as estratégias linguísticas que denotam a noção de tempo é necessário ampliar a visão que se tem do fenômeno.

Outro assunto que tem sido comum nos estudos do tempo na perspectiva cognitivista são as metáforas conceituais do tempo. Assunto este que se iniciou com Lakoff e Johnson (1980, 1999) e que vem sendo usado também na psicolinguística. Porém, as metáforas conceituais são construtos teóricos do nível da estrutura conceptual, e como não são do nível da estrutura semântica, elas não revelam detalhes da complexidade desses sistemas de referência de cada língua.

Lendo vários desses tipos de trabalhos (por exemplo, BORODITSKY, 2011, 2001, 2009; CASASANTO, BORODITSKY, 2008; CASASANTO, FOTAKOPOULOU, BORODITSKY, 2010; CLARK, 1973; KRANJEC, CHATTERJEE, 2010; LAI, BORODITSKY, 2011; MCGLONE, HARDING, 1998; MERRITT, CASASANTO, BRANNON, 2009; NÚÑEZ, MOTZ, TEUSCHER, 2006; NÚÑEZA, SWEETSERB, 2006), concluímos que psicolinguistas e linguistas que estudam metáfora conceptual costumam apresentar trabalhos sem uma profundidade descritiva dos conceitos semânticos e de sua forma sintática (crítica esta que pode ser vista em Sinhá *et al*, 2011). Sozinha, a metáfora conceptual não consegue determinar como a linguagem temporal de uma língua está construída. Daí, podemos encontrar conclusões muitas vezes errôneas em estudos comparativos das línguas (assim como Yu, 2001, tem observado também).

Os recursos para se compreender o tempo são muito mais sofisticados do que as poucas glosas metafóricas do tempo. Por esse motivo, um trabalho como o nosso que procura descrever a estrutura semântica e o sistema conceptual do tempo é relevante.

Além disso, tratar a semântica do tempo a partir das metáforas conceituais de tempo não é uma boa ideia, visto que existem noções de tempo que não envolvem questões metafóricas com o espaço, como por exemplo:

14) O ano está terminando mais rápido

15) A festa está prestes a acontecer

1.4 Resumo

Nesta seção, vimos a postura teórica adotada nesta tese, e vimos qual é o fenômeno do tempo que estamos investigando. A partir das próximas seções, iremos

descrever a noção de tempo na mente e no sistema linguístico, para entender como é feita a semântica de acesso.

2 O sistema conceptual do TEMPO: nível pré-conceptual e processos cognitivos

Na Seção 1, discutimos, entre outras coisas, o que é o sistema conceptual. Nesta seção 2, veremos especificamente o sistema conceptual do TEMPO.

Uma vez que o sistema conceptual é o conhecimento que armazenamos de determinado elemento ou fenômeno no mundo, nesta seção veremos como nossa mente lida com a realidade do tempo.

Devido à natureza interdisciplinar que recobre a noção de sistema conceptual, nesta seção investigamos o tempo nas áreas da Física, Neurologia, Psicologia e Sociologia. Deixaremos a análise linguística estrategicamente para a próxima seção 3, para entendermos qual o nível de dependência da descrição do sistema conceptual e a estrutura semântica.

2.1 Como lidamos com a realidade do tempo

A realidade para o homem é um reflexo psíquico da realidade objetiva. Ou seja, não se trata de um “espelhamento” da realidade, mas de um “recorte”. Essa realidade psíquica nos é revelada por meio do mundo subjetivo da nossa consciência, embora saibamos que na nossa mente exista também nosso inconsciente e a influência de nossas emoções.

Lidamos com a realidade objetiva por meio de impulsos instintivos, inclinações e apetites biológicos, emoções, interesses e desejos. Em psicologia contemporânea, esses elementos são chamados de *motivo*. As emoções refletem relacionamentos entre os motivos (necessidades) e o sucesso ou fracasso na resposta a esses motivos.

Vimos na seção 1 que, segundo a Linguística Cognitiva, o modo como tomamos conhecimento de um elemento no mundo é por meio da nossa experiência corporal com esse elemento. Esse princípio da corporificação envolve, portanto, tudo o que representa o homem: um ser dotado de um corpo que possui uma mente que, por sua vez, possui linguagem, emoção, consciência, inconsciência, etc. Portanto, para entender como o

homem pensa, é preciso estudar o homem em todos os seus níveis: o biológico, o psicológico e o social.

2.1.1 O aparato perceptivo

Nosso corpo físico permite, pelo menos, cinco experiências com a realidade: tato, olfato, paladar, visão e audição. Esses sentidos são estudados pelos neurocientistas porque são comandados pelo cérebro. É no cérebro que se processa a interpretação do que a anatomia do nosso corpo experiencia no mundo real. Em outras palavras, as informações adquiridas por esses sentidos devem ser **percebidas** pelo cérebro. A percepção é a tomada de consciência de determinada realidade por meio de uma interpretação de alguma sensação.

A questão da emoção também determina a percepção porque ela é uma função do cérebro. Por exemplo, o encontro com um animal selvagem causa a emoção do medo, instintivamente. Porém, o nível social também determina as emoções. Por exemplo, a cobrança social por *status* financeiro causa a emoção da preocupação, etc.

A interpretação de uma percepção de modo geral se organiza em figura e fundo, ou seja, tudo o que é percebido é percebido em relação a alguma outra coisa. Todo objeto sensível não existe senão em relação com certo fundo (isso acontece tanto na percepção visual quanto na auditiva, por exemplo).

Esta interpretação da percepção também se organiza de modo a comparar o que se sente no momento atual com o que se sentiu anteriormente, ou seja, a interpretação se utiliza da memória, para, entre outras coisas, serem feitos os processos de analogia.

No nosso caso, a experiência que estamos investigando é a experiência temporal. A física, a fenomenologia e a filosofia comprovam o que o homem comum já sabe: o tempo não é algo palpável, mas é uma realidade que deriva da noção de movimento. Portanto, a experiência com a qual lidamos corporalmente é a experiência do movimento.

Notar uma mudança é algo que acontece graças ao cérebro. Com a ajuda dos nossos sentidos, ele é capaz de receber a informação, comparar com um dado anterior e entender quando há uma mudança: a mudança de algo quente para frio, a mudança de posição de um objeto, a mudança de textura, etc.

Esse mecanismo ocorre por meio do cérebro, e, portanto, nosso cérebro é capaz de armazenar e raciocinar. Trata-se de ações, de atividades cerebrais que podem ser denunciadas observando o cérebro diretamente.

Como observado por vários filósofos, psicólogos e neurocientistas (por exemplo, BERGSON [1922] 1999; HUSSERL [1887] 1999; MILLER; JOHNSON-LAIRD 1976; POPPEL 1994), o meio crucial de relacionar dois momentos de percepção requer memória. Se a memória não conectar dois momentos, esses dois momentos passam a ser momentos sem uma relação de antes e depois. É essa ideia de continuação que forma a nossa conceptualização de duração.

A ideia de mudança entre dois estados é mais facilmente compreendida se houver nessa mudança uma movimentação. Quando percebemos um movimento entendemos mais concretamente que houve uma mudança. Seria uma mudança prototípica aquela que envolveria também a noção de movimento.

Sob certas condições, é possível perceber um movimento de algum elemento no ambiente. Se o movimento é muito lento (como, por exemplo, o crescimento de uma flor), não existe uma excitação suficiente da retina que permita a percepção de uma mudança de estado (mas sempre existirá um movimento biológico). Por outro lado, se é muito rápido, também é impossível perceber o objeto em movimento.

Portanto, antes de ser movimento, tempo é mudança, e a mudança é entendida pelo mecanismo biológico da percepção.

No mundo físico, segundo a teoria da relatividade, o espaço e o tempo são teorizados como inseparáveis, o que significaria que: (a) quando o espaço varia, necessariamente o tempo varia; (b) quando o tempo varia, necessariamente o espaço varia; entendendo-se que variação é uma alteração na quantidade de tempo e de espaço.

Mesmo entendido no sentido mais amplo, enquanto grandeza da Física, o espaço pode ser móvel quando, por exemplo, dizemos: *O espaço está se expandindo!* Nesse caso, o objeto “espaço” varia espacialmente em relação ao “universo”.

Uma vez que toda matéria ocupa lugar no espaço, podemos entender que qualquer matéria pode ser considerada uma região espacial. O campo de futebol é uma região espacial para a bola e uma bola pode ser uma região espacial para uma formiga que anda por cima dela. Uma pessoa pode ser uma região espacial. Por exemplo, uma pessoa pode ficar imóvel e esperar a passagem de uma determinada quantidade de tempo. Embora ela

não saia do lugar, transcorrida essa quantidade de tempo também terá transcorrida uma quantidade de espaço, por mais insignificante aos olhos humanos que seja. A mudança de espaço nesse caso é a mudança biológica de seu corpo: embora a pessoa esteja parada, seu corpo está em constante renovação de células, circulação sanguínea, respiração, etc.

Outro exemplo: uma pessoa corre em uma esteira ergométrica por 1 hora. Além da movimentação que ela sofre no processo da corrida, o espaço-pessoa não é o mesmo ao final de 1 hora. A pessoa do início da corrida possuía mais calorias do que a pessoa do fim da corrida. Mas, numa perspectiva superficial (aparente), não houve mudança de espaço: ela permaneceu no mesmo lugar. O espaço pessoa em relação ao espaço esteira continuou o mesmo.

Conclui-se que, transcorrida uma quantidade de tempo, se não houver mudança nem movimento **aparente** de espaço, dizemos que o espaço continuou o mesmo: não há variação de espaço.

O mesmo ocorre com o tempo: uma pessoa pode mudar sua face de sorridente para triste. Embora isso demore alguns milésimos de segundo, pode-se dizer que ela mudou sua feição instantaneamente. Quando não há mudança nem movimento aparente do tempo, tendemos a dizer, na linguagem ordinária, que não há movimento do espaço, mas apenas uma mudança.

O espaço enquanto entidade é móvel porque ele em relação a outro espaço não se encontra no mesmo local. Então uma parte do espaço sempre em relação a outro espaço pode apresentar a propriedade do movimento. Nesse sentido, se é considerado ESPAÇO uma entidade, e se entidades podem se mover, se posicionar, se direcionar, se localizar, o ESPAÇO possui a propriedade do movimento.

Portanto, uma das nossas concepções de tempo é que tempo é movimento (espacial).

Movimento é uma noção da física atual que envolve a noção de espaço e de tempo: movimento seria a variação de posição espacial de um objeto ou de um ponto material somada a uma variação de tempo. Portanto, tanto TEMPO quanto ESPAÇO são MOVIMENTO.

Dentro da psicologia cognitiva, a percepção é muitas vezes tratada como um processo construtivo e ativo (*cf.* GELL 1992). Miller e Johnson-Laird (1976), por exemplo, sugerem que a experiência deriva de um processo contínuo de percepção (o

presente), que modifica (e é modificado por) esquemas armazenados na memória (o passado). Os esquemas modificados são, por sua vez, utilizados para gerar as expectativas (o futuro), e, portanto, para antecipar a experiência perceptiva nova. Isto representa um processo contínuo de atualização das informações do ser humano.

As estimulações das células nervosas do córtex cerebral têm uma determinada força. As excitações têm distintas intensidades e no momento em que atuam essas excitações as células possuem uma certa condição e um certo gasto energético. Esse processo serve de sinal de tempo.

Vários estudos já comprovaram que quando as estimulações surgem devido a reações agradáveis, elas são rápidas e o tempo é percebido como curto. Por outro lado, quando as estimulações levam o homem a um estado de tensão, as excitações das células são lentas e a impressão que se tem é que o tempo passa devagar.

Gell (1992) observou que a experiência humana do tempo se relaciona diretamente com o mecanismo da percepção, e propõe:

[P]ercepção é intrinsecamente tempo-percepção, e, inversamente, o tempo de percepção, ou consciência do tempo interno, é apenas a percepção em si... Ou seja, o tempo não é algo que encontramos como uma característica da realidade condicionada, como se ela fosse dada a nós, esperando para ser percebida junto com mesas e cadeiras e o resto dos conteúdos perceptíveis do universo. Em vez disso, o tempo subjetivo surge como uma característica inevitável do próprio processo perceptivo, que entra na percepção de qualquer coisa. (GEL, 1992, p. 231 apud EVANS, 2004, p. 25, tradução nossa¹⁸).

Ou seja, o tempo entendido objetivamente não é possível de ser percebido; o que percebemos é o tempo somado ao próprio processo em si da percepção do tempo. E essa é a conclusão para o que é a experiência real de tempo no nível biológico: o tempo é tempo-percepção das mudanças.

Segundo Evans (2004), nossa unidade básica de experiência temporal é relacionarmos um momento perceptivo com outro, e no momento que entendemos um como sucessor do outro entendemos a experiência da duração.

¹⁸ No original “[P]erception is intrinsically time-perception, and conversely, time-perception, or internal time-consciousness, is just perception itself... That is to say, time is not something we encounter as a feature of contingent reality, as if it lay outside us, waiting to be perceived along with tables and chairs and the rest of the perceptible contents of the universe. Instead, subjective time arises as an inescapable feature of the perceptual process itself, which enters into the perception of anything whatsoever.” (GEL, 1992, p.231 apud EVANS, 2004, p. 25).

De acordo com os estudos de Poppel (1994), observou-se que há dois tipos de momento perceptivo:

O primeiro seria o momento de *input* para o cérebro; seria a captação instantânea da experiência, que leva menos de um segundo.

O segundo momento perceptivo teria uma duração de 2-3 segundos, e serve para vincular esses eventos primordiais em uma unidade coerente, que, ele argumenta, constitui a base do nosso conceito do presente. É quando nosso aparato cognitivo mantém temporariamente um momento perceptual do tipo *input* no centro das nossas atenções, focando-o.

Podemos entender isso da seguinte maneira: quem opera o primeiro momento é o cérebro; quem opera o segundo momento é a mente.

Davies (1995) também concorda com essa mesma observação de que o momento perceptivo leva de 2 a 3 segundos e traz como exemplo o barulho de um relógio: o relógio não faria *tic-tac-tic-tac...*, mas faria *tic-tic-tic-tic...*, porém nós não conseguimos perceber o som do segundo *tic* de forma igual ao primeiro *tic* porque o sistema perceptual, como possui um foco que demora de 2-3 segundos, faz com que o som que interpretamos do segundo *tic* fique distorcido por ainda estarmos atentos ao primeiro *tic*.

Além disso, há evidências de que a música, a poesia e o discurso possuam unidades de segmentação correspondendo a intervalos de 2-3 segundos.

Não é apenas a percepção auditiva que nos “engana”. O som e a visão também são subjetivos. Por exemplo, a percepção visual consegue nos enganar; na ilustração, a seguir, as duas retas que possuem o mesmo comprimento podem, num primeiro momento, ser percebidas como a primeira reta sendo maior que a segunda (devido a um efeito de ilusão de ótica):

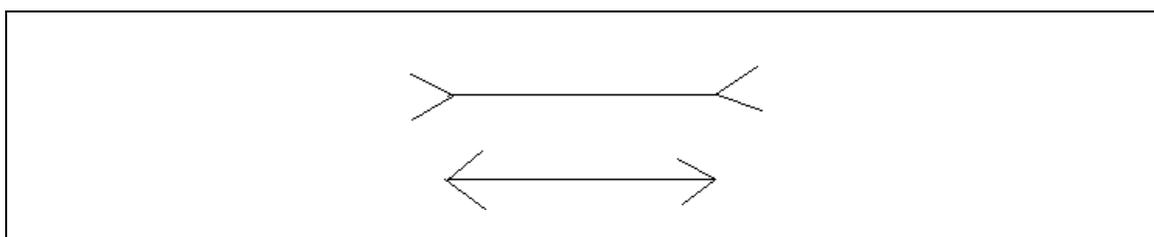


Figura 2: Percepção visual. Fonte: própria.

Portanto, o sistema de percepção é mentiroso. Isso se torna, de certa forma, um problema para nós, cientistas, uma vez que a ciência é a busca da verdade.

O trabalho de Chafe (1994) *Discourse, consciousness and time* também constatou que a atividade de foco consciente não é instantânea porque a compreensão leva algum tempo (2-3 segundos). Segundo ele, ter consciência de algo leva tempo e isso se reflete na linguagem. Chafe sugere que a experiência consciente tem um foco ativo de cerca de 2 segundos, denominado consciência focal, antes de mudar para um novo foco. Segundo ele, a mente não pode concentrar-se em mais do que um pequeno segmento linguístico. A consciência é, assim, dinâmica, de modo que os eventos que estão na consciência focal podem se mover para a consciência periférica. Os dois estados são distinguidos porque enquanto a consciência focal é rica em detalhes, a consciência periférica é escassa de detalhes. Para Chafe, é esse fluxo constante de eventos em foco para eventos periféricos que constitui a experiência humana do tempo.

Essa limitação na parcela de informação seria refletida nos padrões frásicos e prosódicos da linguagem. Com base na análise de discurso, Chafe postula o que ele chama de uma unidade de entonação (o que corresponde à consciência focal).

Além disso, não apenas a forma das unidades demonstra que o foco é de 2-3 segundos (o tempo que leva para a sua pronúncia), mas, analisando-se a unidade semanticamente, percebeu-se que formavam unidades de sentido, ou seja, a cada unidade de entonação podia transmitir uma ideia.

Na gramática, notamos também que as frases nunca são tão extensas. É por esse motivo que surgem recursos sintáticos, como por exemplo, as orações intercaladas. A base de um enunciado é apenas sujeito, verbo e objeto, porque deve haver a necessidade no ser humano de um limite na compreensão do significado: são limites marcados sintaticamente, mas definidos semanticamente.

Entendemos que o tempo existe quando experienciamos a realidade da duração e da simultaneidade. Estas são reais e nossa experiência com elas é real dentro da neurociência porque se pode provar a existência de processos fisiológicos de ritmos periódicos no córtex visual e em outras partes do corpo, ou seja, existem estruturas fisiológicas e processos por meio dos quais a experiência do tempo pode ser identificada.

2.1.2 A sucessão

Quanto à natureza neurológica da sucessão, neurocientistas (HARRINGTON *et al*, 1998) têm identificado que uma das regiões possíveis de o cérebro perceber a sucessão é nos gânglios da base e no cerebelo, áreas associadas com a coordenação motora, o que faz sentido, já que o controle motor é uma inteligência que se tem para operar atividades em sequência.

A habilidade que o homem tem de entender a simultaneidade o auxilia a viver no mundo. É a capacidade de entender o que é causa e efeito. A memória está envolvida de forma fundamental nessa habilidade.

2.1.3 A duração

A princípio, nossa experiência com o tempo se dá com a nossa capacidade de julgar a duração. Pesquisas revelam que essa habilidade é uma consequência de nossos mecanismos fisiológicos (e que, por isso, podem variar de acordo com nosso estado físico (temperatura do corpo, drogas, etc.) e psicológicos (emoções boas e ruins). Veja Wearden e Penton-Voak (1995), para uma revisão.

Baseado em uma série de experimentos, Ornstein ([1969] 1997) mostra que a percepção da duração de um intervalo de tempo é subjetiva (quanto mais complexa uma tarefa, mais ela parece demorar; quanto mais rotineiras, mais facilidade para realizar). Essa diferença de experiência sentida também foi estudada por Michael Flaherty (1999) com bastante detalhe.

Ornstein (1997) verificou que a mente trabalha mais (opera mais) com desafios, e que a quantidade de estímulos é comparável com a percepção do próprio sujeito: quanto maiores os estímulos, maior a duração sentida pelo sujeito, embora a duração real (medida) seja a mesma. Portanto, a experiência subjetiva da duração se relaciona com os estímulos, porém não se relaciona com o mundo objetivo, que tem uma duração fixa.

Por exemplo, quanto mais viajamos por uma mesma estrada, cada vez mais iremos considerar que o caminho é curto. Isso porque não estamos sofrendo tantos estímulos à medida que vamos repetindo o caminho, embora a duração da viagem seja a mesma. Portanto, quanto mais estímulos, maior duração, e quanto menos estímulos, menor duração.

Por mais subjetivo, abstrato e invisível que seja o tempo, a nossa experiência com ele é real. A experiência com a duração e com a simultaneidade deve contribuir para a descrição do nosso sistema cognitivo do tempo.

2.1.4 As direções do tempo

Como vimos, o fenômeno do tempo físico é experienciado pelo homem por meio das atividades cerebrais. A atividade cerebral é um acontecimento físico e biológico: à medida que o cérebro funciona, o meio ambiente sofre uma mudança: a energia necessária para a atividade cerebral é devolvida ao ambiente no gasto energético.

Estudando-se o tempo na Física, descobrimos que a experiência cerebral com o tempo faz com que nós o concebamos como algo que nunca pode ser reversível: sempre que ocorre uma atividade e, conseqüentemente, uma variação de tempo, o tempo é gasto nessa atividade para sempre. Esse tipo de experiência que temos nos faz entender que o tempo flui em uma única direção: do futuro para o passado; e que o tempo transcorrido, portanto, sempre aumenta: quanto mais atividade, mais tempo transcorrido. Essa sensação de acúmulo de tempo é entendida por nós como um outro movimento do tempo: aquele em que o tempo sempre aumentaria.

A física clássica explica que uma atividade em ação sempre vai significar aumento de tempo devido a uma lei física chamada 2ª lei da termodinâmica, segundo a qual em qualquer sistema fechado a desordem, ou entropia, sempre vai aumentar com o tempo porque há sempre muito mais estados de desordem do que de ordem.

Essa lei afirma que em qualquer sistema fechado a desordem, ou entropia, sempre vai aumentar com o tempo porque há sempre muito mais estados de desordem do que de ordem. Na nossa Dissertação de Mestrado (IAGALLO, 2010) também foi preciso entender essa lei para darmos uma direção gráfica à imagem que construíamos para ilustrar o tempo físico. Trouxemos, para efeito de ilustração dessa lei, um exemplo baseado em duas imagens de uma xícara. Em uma das imagens, a imagem A, a xícara está representada de forma quebrada, em uma superfície. Na outra imagem, a imagem B, a xícara está intacta, estando, por exemplo, em cima de uma mesa. Considerando-se as duas xícaras estados de uma mesma xícara, somos levados a pensar que a figura B antecede a figura A. Esse pensamento provém de nosso conhecimento de mundo. Esse

conhecimento de mundo também nos informa que a sequência “figura A anterior à figura B” nunca ocorre, pois não observamos uma xícara quebrada se “remontando” no dia a dia.

Esse exemplo pode ilustrar o que é uma lei da entropia (a 2ª lei da termodinâmica), porque temos um estado de ordem (imagem B) passando para o estado da desordem (imagem A), fazendo com que vejamos B como passado de A, ou A o futuro de B.

Portanto, com base nessa percepção de aumento de tempo, o homem concebe o tempo como um vetor¹⁹ de crescimento.

Hawking (1989, p. 144) explica que os físicos utilizam a 2ª lei da termodinâmica para explicar a direção em que medimos o tempo. Ela é um exemplo de direção, ou seta, do tempo porque ela distingue o passado do futuro. Nas palavras do físico:

A desordem aumenta com o tempo porque se mede o tempo na direção em que a desordem aumenta. Não se pode fazer afirmação mais segura do que essa! (HAWKING, 1989, p. 147).

A memória também é um fenômeno que obedece a lei da entropia. O fenômeno de armazenar informações e recuperar informações na forma de lembranças segue uma ordem necessária. Essa ordem também distingue o passado do futuro, pois, por exemplo, só conseguimos nos lembrar de fatos passados, ou seja, o que acessamos na memória são apenas lembranças do passado. Não há na nossa memória lembranças futuras, que ainda não ocorreram. Dessa forma, consideramos o tempo como um fenômeno contínuo que flui do passado para o futuro. Nossa forma de interpretar o mundo, por sua vez, se liga intimamente com essa noção natural de continuidade temporal.

Esse caráter “limitado” do mecanismo da memória dá a cada indivíduo uma noção intuitiva do que seja a direção do tempo: o tempo se dirigiria para o movimento no sentido em que uma seta percorre o passado para o futuro.

Aliás, segundo Hawking, a direção dessa seta é necessária para o funcionamento da vida inteligente, que se dá na direção do tempo da termodinâmica, porque para nós usarmos nossa inteligibilidade sobre o mundo, precisamos sobreviver sobre o mundo, e para sobrevivermos

¹⁹ Uma seta pode ser entendida como um vetor, ou seja, um segmento de reta orientado.

devemos consumir alimentos, que são formas ordenadas de energia, e converte-los em calorias, formas desordenadas de energia, ou seja, para pensarmos, precisamos agir metabolicamente, e isso requer tempo. (IAGALLO, 2010, p.45)

Portanto, podemos dizer que nosso senso subjetivo do que seja o movimento do tempo é dado graças à memória que, por sua vez, é determinada pelo fenômeno da entropia:

Nosso senso subjetivo de direção do tempo, a seta psicológica do tempo, é, portanto, determinado dentro de nosso cérebro pela seta termodinâmica do tempo. (HAWKING, [1989], p. 147).

Aliás, os neurocientistas afirmam que nossa concepção de tempo é dada graças à nossa memória, ou seja, à nossa capacidade de registrar os acontecimentos.

Uma vez que temos sempre “em mente” esse tempo direcionado do “passado → futuro”, nossa linguagem também se articula temporalmente com ele.

Como Dennett (1991) observa:

A tarefa do cérebro é orientar o corpo que controla por um mundo de mudanças de condições e surpresas repentinas, por isso deve coletar informações desse mundo e usá-las rapidamente para "produzir futuro" – para extrair antecipações, a fim de ficar um passo à frente do desastre²⁰ (DENNETT, 1991, p. 144, tradução nossa).

O tempo “cresceria” no sentido de aumentar a quantidade de eventos futuros.

Podemos também recorrer a **estudos linguísticos** que procuraram descrever (intuitivamente, de certa forma) quais as maneiras de percepção da passagem do tempo. Por exemplo, o trabalho de Gustave Guillaume (1965) e de seu seguidor Molho (1975) explicam a “cronogênese” dos tempos verbais enquanto categoria gramatical, afirmando que eles podem ser divididos de acordo com duas percepções que podemos ter do tempo físico: **cinetismo ascendente** e **cinetismo descendente**. Embora o trabalho de Guillaume e posteriormente o de Molho na verdade sejam de uma perspectiva de uma imagem

²⁰ No original: “The brain’s task is to guide the body it controls through a world of shifting conditions and sudden surprises, so it must gather information from that world and use it *swiftly* to “produce future” – to extract anticipations in order to stay one step ahead of disaster.” (DENNETT, 1991, p. 144).

aspectual de tipos verbais (a cronogênese), os modelos de dois cinetismos poderiam nos auxiliar a descrever o sistema perceptual do tempo.

Estudando a categoria do aspecto e do tempo nas línguas clássicas, Gustave Guillaume (1965) estabelece a ideia de tempo ascendente e tempo descendente. Segundo Molho (1975), estudioso de Guillaume, o cinetismo ascendente é o “movimento do pensamento no tempo” e o cinetismo descendente é o “movimento do tempo no pensamento”.

Esses dois movimentos são, segundo G. Guillaume e Molho, as duas concepções que fazemos do tempo em nossa mente, durante o imediatismo do instante.

O movimento descendente é aquele que fazemos das coisas assim que as conseguimos perceber. Isso se dá em três estágios:

- 1º) lugar das coisas não perceptíveis mas imagináveis existentes;
- 2º) lugar das coisas perceptíveis (existentes);
- 3º) lugar das coisas memoráveis porque já deixaram de existir.

A mente pensa uma ordenação em que se vê que as coisas vêm do lugar em que ainda não existem, (o futuro), para o lugar em que ela mesma existe, (o presente), e, por último, caem no lugar em que já não existem, (o passado). Num movimento, portanto, do futuro para o passado.

A outra concepção de tempo é aquela em que a mente vendo-se pensar a ordenação que se acaba de descrever toma por objeto a mesma ordenação. Isso vai resultar num movimento contrário ao que vimos.

Molho (1975, p. 63) diz:

[...] assim é como a mente se vê forçada a colocar, no tempo descendente que acaba de conceber, um primeiro lugar em que ela mesma se vê concebendo o primeiro lugar que foi pensado, ou seja: o lugar das coisas que ainda não existem; logo, mas para lá desse primeiro lugar, um lugar segundo, necessariamente ulterior, no qual se vê operando a construção do segundo lugar que se foi representado e que é o lugar das coisas em estado de existência; a este segundo lugar sucede um lugar terceiro e último e, por conseguinte, ulterior, no qual a mente se vê construindo a representação do terceiro lugar, que é o das coisas que já não existem.

Essa é a operação que a mente realiza em si mesma. Essa concepção de tempo é a que forma um movimento ascendente: da esquerda para a direita.

Molho (1975) diz que o cinetismo ascendente é aplicado sobre o cinetismo descendente fundamental, ou seja, depois que se tem em mente a imagem do tempo fundamental, concebe-se uma outra imagem, um cinetismo essencialmente operativo e é onde o pensamento vai poder inscrever sua atividade. Isso é uma atividade do falante, enquanto o tempo descendente fundamental, concebido pela mente na imediata proximidade da experiência, é objetivo, ou seja, não depende da ação do homem. (MOLHO, 1975, p. 63). O tempo ascendente, ou seja, o tempo do falante é um tempo subjetivo que concebe uma imagem que o pensamento dá de sua operatividade própria, a da operatividade do tempo, e, portanto, a visualização ascendente é a do tempo histórico, construtor por definição, que, como veremos, chamaremos de tempo crônico.

Isso, como vimos anteriormente, se assemelha à explicação de que o processo de inteligência segue a entropia. Percebemos as coisas presentes tornando-se passado no mundo, mas a mente ao pensar as coisas nessa ordenação mental, agindo sobre ela, é como se causasse uma ação e reação. Assim como quando andamos para frente deixamos o chão para trás de nós, como esteira rolante, só conseguimos andar para frente porque a esteira rola para trás, assim é o pensamento. Há uma base conceptual do tempo que é percebê-lo (descendente), mas se pensamos sobre esse tempo ao, por exemplo, tentar focar em algum evento, fazemos um movimento ascendente.

Existem, portanto, dois pontos de vista em relação ao crescimento do tempo: podemos dizer que o tempo cresce em direção ao futuro, e podemos dizer que o tempo cresce em direção ao passado. No primeiro caso, estamos pensando em um tempo operativo, em um tempo convencionalizado pelo homem, um tempo cuja direção é do passado para o futuro. No segundo caso, podemos pensar no fenômeno de “acúmulo de tempo”: quanto mais o tempo passa, mais tempo passado nós acumulamos. Reproduzimos, a seguir, uma figura para ilustrar o segundo caso: o tempo cuja direção se dá do futuro para o passado:

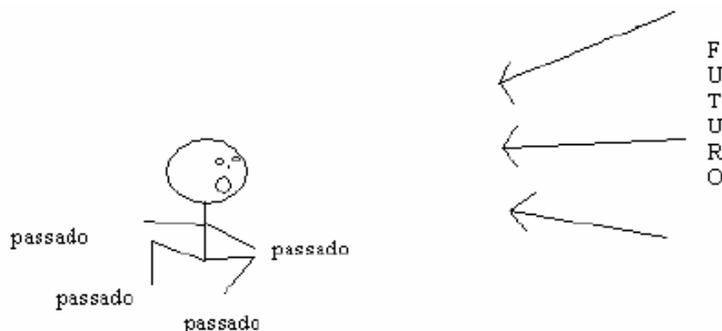


Figura 3: Cinetismo descendente. Fonte: Figura 7 O acúmulo de “passados” (IAGALLO, 2010, p.47)

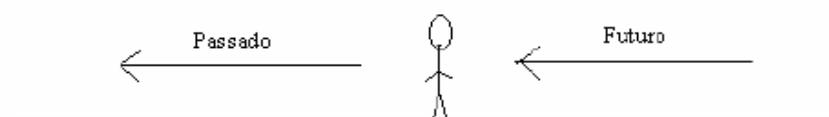


Figura 4: Outra ilustração para o cinetismo descendente. Fonte: Figura 8 A passagem do tempo pelo homem (IAGALLO, 2010, p.47)

A interpretação do tempo ascendente, ou seja, o que “vê” o tempo “crescendo” do passado para o futuro, à semelhança dos calendários, por exemplo, é uma interpretação subjetiva do tempo – tempo ascendente. Porém, a interpretação do tempo descendente pode parecer menos natural: é preciso abstrair a noção do tempo subjetivo para imaginar o tempo físico, ou fundamental, como fluindo do passado para o futuro.

Só então é possível entender que o tempo físico só poderia se mover em uma única direção: do futuro ao passado.

A percepção da mudança nos faz ter a ideia de que o tempo é algo que se move do futuro para o passado. Quando percebemos um movimento, estamos passando rapidamente de um futuro para um passado. O *agora* seria um “ligador” do tempo, o que faz o posterior ser anterior. No mundo objetivo, sabemos que temos um futuro e um passado, mas só podemos estar no instante presente, presenciando o futuro se tornando passado a cada instante. Uma vez que o movimento de “atualização” das possibilidades é desse futuro para o passado, temos uma seta, ou vetor, cuja direção é do futuro para o passado. O tempo “cresceria” no sentido de aumentar a quantidade de eventos passados. (falar que na dissertação explico isso com esqueminhas)

2.1.5 O mapeamento da atividade cerebral do tempo

Existem estudos neurocientíficos preocupados em “enxergar” a linguagem dentro do cérebro.

Por exemplo, o estudo *A Neurosemantic Theory of Concrete Noun Representation Based on the Underlying Brain Codes* (JUST *et al*, 2010) mostra que o cérebro quando recebe o estímulo para pensar em um substantivo concreto, analisa-o em três fatores básicos e fundamentais: (1) como o homem interage fisicamente com o objeto (como o segura, joga-o, entorta-o, etc.); (2) como o objeto está relacionado ao ato de comer (morder, provar, saborear, engolir), e (3) como o objeto está relacionado a abrigo ou morada.

Outro projeto, o Projeto Conectoma Humano, liderado por Jeff Lichtman e pesquisadores de Havard, procura identificar por meio de imagens do cérebro quais as regiões de sinapses (comunicação entre os neurônios) são acionadas quando nos comunicamos.

As imagens são captadas por meio de ressonância magnética, e as sinapses podem ser destacadas observando-se a movimentação das moléculas de água pelas fibras. Além disso, o computador por meio de um recurso chamado tratografia, identifica a direção da água e colore com cores distintas as conexões entre os neurônios que foram acionadas por determinados estímulos linguísticos: quando os estímulos linguísticos são palavras de determinado campo semântico, o computador colore de uma determinada cor, e quando são outros campos semânticos, aciona de outras cores.

Cada uma das fibras coloridas reúne milhares de axônios, os prolongamentos dos neurônios. O conjunto de ligações entre os neurônios é chamado de conectoma²¹.

Nesse experimento, os cientistas chegam à conclusão de que de tanto se unirem no acionamento mental de determinada experiência, porções do conectoma chegam a se modificar fisicamente, cada uma a sua maneira. Eles acreditam que se aprenderem a “ler” essas modificações equivaleria a descobrir o “alfabeto eletroquímico” com o qual o cérebro organiza e arquiva as ideias, ao observar quais as conexões foram fortalecidas.

²¹ Olaf Sporns é o autor do nome *conectoma* (2005). Os neurônios formam uma rede tão complexa que quando for mapeado terá 1 trilhão de giga de memória.

Para nós, linguistas, esses estudos são interessantes porque podem auxiliar nos estudos sobre metáfora, metonímia, polissemia e categorização, por exemplo. Se conseguirmos apenas por meio de observação da língua categorizar os conceitos, os neurocientistas podem nos dizer se a categorização também ocorre no cérebro.

Quanto ao tempo, já existem trabalhos apontando quais as regiões cerebrais são acionadas ao operarmos cognitivamente com o tempo.

Segundo os trabalhos de Kranjec e Chatterjee (2010) e Kranjec *et al* (2012) por exemplo, as experiências do tempo no nível neurológico parecem não estar associadas às regiões cerebrais responsáveis pelo nosso processamento sensorio-motor.

Outros estudos como os de Schacter *et al* (2007) mostram que as regiões ativadas pelo cérebro ao pensarmos no instante presente são distintas das regiões ativadas ao pensarmos no futuro ou no passado. Aliás, estudos comprovam que as áreas do cérebro envolvidas em lembrar do passado e pensar no futuro são as mesmas (INGVAR, 1985; ADDIS *et al*, 2007, BOTZUNG *et al*, 2008, OKUDA *et al*, 2003, SZPUNAR *et al*, 2007, por exemplo).

2.1.6 A noção de transiência

Os estudos recentes em neurociência cognitiva já revelam que nossa experiência com o tempo é multifacetada, real e uma consequência de mecanismos neurobiológicos e de processos fisiológicos, por exemplo: SCHACTER, D. L., ADDIS, D. R., BUCKNER, R. L., 2007; SZPUNAR, K. K., WATSON, J. M., MCDERMOTT, K. B., 2007; ADDIS, D.R.; WONG, A. T.; SCHACTER, D. L., 2007; BOTZUNG, A., DENKOVA, E., CIUCIU, P., SCHEIBER, C., MANNING, L., 2008; KRANJEC, A. CARDILLO, E., SCHMIDT, G. L., LEHET, M., CATTERJEE, A., 2012.

A experiência com o tempo é uma mistura de vários níveis de experiência com o tempo. Por exemplo: o transcorrer da duração, a habilidade de perceber a sucessão/ordem dos eventos, a habilidade de perceber o presente e distingui-lo de eventos que estão no passado, nossa habilidade de perceber a mudança, etc. Além disso, grande parte da nossa compreensão do tempo é uma compreensão metafórica do espaço.

Porém, existe uma característica comum que liga todas as experiências do tempo: a transiência. O termo transiência (nossa tradução literal para o termo *transience*) é adotado por Galton (2011) para nomear a característica principal e exclusiva do tempo. A transiência é a propriedade da percepção da mudança que falamos até então.

Essa noção surgiu no trabalho recente de Galton (2011) que tentou encontrar parâmetros para a representação do tempo e do espaço. Dessa comparação, surgem as seguintes considerações (GALTON, 2011, apud EVANS, 2013), que foram também descobertas por nós em nossa pesquisa e leituras:

- Enquanto o espaço é feito de matéria, o tempo é feito de ação;
- Enquanto o espaço é medido pela sua extensão, o tempo é medido pela sua duração;
- Enquanto o espaço possui três dimensões: direita/esquerda, frente/trás, em cima/embaixo, o tempo possui uma única dimensão: a famosa “linha do tempo”;
- Enquanto o espaço é isotrópico, o tempo é anisotrópico, ou seja, só apresenta uma direção.

Sobre essas características, vamos falar sobre a última: a direção. O tempo é considerado como tendo uma única dimensão: os eventos futuros se direcionam para os eventos passados. Uma das formas mais conhecidas dessa direção é a propriedade termodinâmica da matéria de dispersão de energia (a entropia, que vimos anteriormente).

Porém, como vimos anteriormente, quando o homem pensa sobre essa direção do tempo (o que podemos chamar de cinetismo descendente), ele cria um cinetismo ascendente, e portanto, nesse nível psicológico o tempo também possuiria uma outra direção: a direção que inteligibiliza as ações: do passado para o futuro. É essa direção que nos faz criar a noção de tempo crônico e esta, depois de criada, funciona como uma linha do tempo, que poderá ser percorrida do passado ao futuro ou do futuro ao passado.

Quanto à direção do movimento que podemos fazer no espaço, podemos percorrer o espaço da direita para a esquerda, ou da esquerda para a direita, de cima para baixo ou de baixo para cima, de frente para trás ou de trás para frente. Essa simetria, entretanto, é aparente, pois do ponto de vista geocêntrico, a gravidade imporia uma direção de cima para baixo, e a lateralidade (frente, trás, direita e esquerda) seria algo fixado pelas coordenadas cardinais, que por sua vez, são estabelecidas pelo magnetismo da Terra.

A ideia da transiência foi adotada por Evans em seu trabalho *Language and Time* (2013) para classificar os *frames* de referência do tempo. Essa classificação também será a adotada por nós, no momento em que estivermos descrevendo a estrutura semântica.

2.1.7 O nível psicológico

No nível psicológico, a experiência que temos com o tempo é uma experiência linguística: um nível em que não se pode mais negar a modelação da linguagem como ferramenta de experiência no mundo. Entender nossa experiência temporal psicologicamente não é mais olhar a atividade cerebral, mas olhar a construção do pensamento: a linguagem.

Existem mais estudos em psicologia sobre nossa compreensão do tempo do que estudos linguísticos sobre o mesmo tema. Estes estudos deveriam caminhar juntos, ou seja, os linguistas não podem deduzir comportamento psicológico sobre o tempo apenas com base na língua e os psicólogos não podem relatar suas conclusões com suas observações não treinadas sobre a língua.

Se a linguagem é um instrumento de poder na modulação do pensamento sobre domínios abstratos, para entender como experienciamos a realidade no nível psicológico, é necessário estudar a língua.

Para os linguistas cognitivos, a linguagem reflete padrões (*patterns*) de pensamento. Como consequência, estudar a linguagem seria o mesmo que estudar padrões de conceptualização.

A experiência do tempo via língua portuguesa será demonstrada na seção 3, quando faremos a descrição do processo de **conceptualização** do tempo e da **estrutura semântica** do tempo. Ou seja, não exploraremos, nesta seção 3, todas as formas de o ser humano experienciar a realidade do tempo.

2.1.8 O nível social: a especialização do tempo crônico

Outra forma de nós experienciar a realidade é por meio da interação social com outras pessoas. Quando um homem se insere numa sociedade, ele aprende ideologias, costumes e visões de mundo daquela sociedade.

Como vimos, seres humanos experienciam a realidade, tanto **fisiológica** como **culturalmente** e, portanto, entendemos que a corporificação inclui essa dimensão cultural (valorização do tempo futuro, desapego ou apego às tradições – o tempo passado –, a importância do tempo presente, expectativa de vida, etc.), ou seja, o corpo convivendo com os outros corpos (sociedade) (veja, por exemplo, WHITROW, 1993).

O tempo entendido nesse nível social é o tempo crônico (utilizando a terminologia de Benveniste, 2006). O tempo crônico seria o tempo dos acontecimentos, englobando nossa própria vida (que é um acontecimento). É o tempo **compartilhado** entre as pessoas. É a capacidade de olhar para o mundo, lembrar dos acontecimentos, e dispô-los em uma sequência lógica e temporal – espécie de linha do tempo - que pode ser “congelada” para ser referenciada:

O observador, que é cada um de nós, pode lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrê-los em duas direções, do passado ao presente ou do presente ao passado. (BENVENISTE, 2006, p. 71)

Essa “referenciação” é como uma localização no tempo. Porém, essa é uma ação idealizada: não localizamos nada no tempo; localizamos no tempo crônico que é um tempo idealizado.

O homem tende a encontrar formas de dividir o tempo, geralmente baseadas na recorrência de fenômenos da natureza como o dia e a noite, as fases da lua, as estações do ano, etc.

Existem sociedades que dão muito valor ao tempo, outras que não dão. E isso vai fazer com que as crianças que nasçam em sociedades distintas experimentem o tempo de formas distintas. Essa dimensão de estudo do homem é a dimensão social.

Discutiremos aqui o modo como pensamos socialmente o tempo crônico. Mas devemos afirmar que sabemos disso por meio da linguagem, tanto nos discursos produzidos, quanto na estrutura linguística.

Começemos com uma das noções que envolvem a noção de TEMPO: o FUTURO. A noção de futuro que temos hoje foi uma construção social. Antigamente, o futuro não era muito levado em conta. Hoje, com as revoluções tecnológicas do mundo moderno, o tempo futuro ganhou um estatuto de “lugar” temporal, assim como o passado

e o presente: as pessoas falam sobre o futuro, se imaginam **no** futuro, etc. Isto se torna mais evidente se procurarmos entender como o conceito de futuro se desenvolveu ao longo das civilizações.

Hoje, a percepção do futuro para a cultura capitalista ocidental é mais extensa do que a de antigamente. Esse tipo de “extensão” conceptual também ocorreu com a noção de ESPAÇO ao longo do tempo. Até a primeira metade do século passado, quando não éramos acostumados com a tecnologia da Internet, da televisão, dos meios de locomoção, como o avião, etc., nossa noção de espaço era mais limitada se comparada a nossa noção de espaço de hoje. Hoje em dia, conseguimos projetar deslocamentos espaciais mentalmente com mais facilidade porque temos mais conhecimento para isso.

Segundo Bernstein (1997), é a partir do advento do trem que a “geografia mental” se modifica, porque aumentaria o nosso poder imaginativo sobre o espaço. Com o trem, somos capazes de percorrer longas distâncias em um curto espaço de tempo.

O mesmo ocorre com o futuro: com a tecnologia e a análise estatística, nossa capacidade de prever o futuro é maior. Segundo Bernstein (1997), essa inovação libertou a humanidade dos oráculos, dos adivinhos e do destino imposto pelos deuses, pois agora o próprio homem pode prever e até modificar o seu futuro.

Portanto, o “futuro mental” também se modificou, é como se a parcela da linha do tempo relacionada ao futuro fosse “alargada”. Nas palavras de Bernstein:

Até a época do Renascimento, as pessoas percebiam o futuro como pouco mais do que uma questão de sorte ou o resultado de variações aleatórias, e a maioria das decisões era motivada pelo instinto. (BERNSTEIN, 1997, p. 18).

Na contemporaneidade, há, portanto, essa conscientização na cultura ocidental de que podemos “atuar” sobre o destino de nossas próprias vidas, pois agora teríamos opções de escolha, entendidas como riscos²² por Bernstein (1997).

Plantar milho, não querer caçar.

A partir do século XIV, a ciência e a lógica vão substituindo o misticismo. Nessa fase da história:

²² O risco é entendido como uma opção e, por isso, não mais um destino.

[...] se os homens e as mulheres não estavam à mercê de divindades impessoais e do acaso aleatório, não poderiam continuar passivos diante do futuro desconhecido. Não tinham outra escolha senão começar a tomar decisões sobre uma faixa bem mais ampla de circunstâncias e sobre períodos de tempo bem mais extensos do que em qualquer época anterior. (BERNSTEIN, 1997, p. 20).

Segundo Giannetti (2005, p.124), o aumento da expectativa de vida²³ foi um dos principais fatores que afetou a percepção do homem moderno quanto ao futuro, pois a tecnologia, a medicina e os estudos de genética de hoje nos trazem mais saúde e longevidade.

O animal humano que a natureza produziu não se resignou à sua condição natural. Ele se distanciou gradualmente de suas pulsões instintivas e passou a submetê-las, de forma mais ou menos deliberada e sistemática, ao filtro de suas escolhas e visões do amanhã. O pano de fundo dessa mudança radical foi a ampliação da percepção do tempo – um extraordinário alargamento da faculdade de imaginar o futuro e reter na memória a experiência passada visando conhecer e modificar o amanhã. A progressiva conquista da dimensão temporal levou a uma crescente abstração do momento vivido: ao refreamento da tirania do aqui-e-agora e ao lugar de honra que passado e futuro vieram a ocupar em nossa vida mental. Memória e expectativa – realidades virtuais – passaram a modular o apelo das certezas sensíveis e desejos circunstanciais. (GIANNETTI, 2005, p. 82-83).

Vimos que a noção de futuro pode representar um espaço mental mais ampliado. Consequentemente, e uma vez que nossas experiências são refletidas na linguagem, nossa língua vai ampliar seus recursos de expressão para que o homem possa falar sobre seus novos conceitos.

Toda essa importância ao futuro que encontramos por exemplo em Giannetti (2005) é um tema bastante conhecido. Nossa pesquisa refletiu sobre esses fenômenos e concluiu que igualmente “dilatado” pode ser considerado o tempo passado, pois com a tecnologia, como fotos e vídeos, armazenamos mais detalhes sobre o passado, que se torna, portanto, um lugar “maior” do que o passado de civilizações mais antigas. Por

²³ “Quem nasce atualmente vive *em média* catorze anos (5113 dias) a mais do que alguém nascido nos anos 60 e aproximadamente o dobro do que era comum até o início da revolução industrial do século XVIII.” (GIANNETTI, 2005, p. 125).

outro lado, também podemos pensar que a importância que atribuímos ao passado diminuiu, pois estamos valorizando muito mais o futuro.

Também concluímos que podemos pensar que a ideia de presente enquanto “lugar instantâneo”, ou o agora, está-se perdendo, pois as pessoas do mundo moderno estão sempre preocupadas ou com o futuro ou com o passado. Esse, por exemplo, é um sintoma do pensamento de pessoas ansiosas e depressivas. As pessoas sábias e as pessoas que sabem meditar teriam uma noção de presente mais extensa que as pessoas que não “vivem o presente”. Essas pessoas ditas “iluminadas” sabem disso pois nunca se esquecem de que:

Nada jamais aconteceu no passado, aconteceu no Agora.
Nada jamais irá acontecer no futuro, acontecerá no Agora.
O que consideramos como passado é um traço da memória, armazenado na mente, de um Agora anterior. Quando lembramos do passado, reativamos um traço da memória e fazemos isso agora. O futuro é um Agora imaginado, uma projeção da mente. Quando o futuro acontece, acontece como sendo o Agora. Quando pensamos sobre o futuro, fazemos isso no Agora. Obviamente o passado e o futuro não têm realidade própria. (TOLLE, 2002, p.53)

Outra experiência de tempo que pode ser determinada socialmente é a escolha por uma descrição mais objetiva do tempo ou mais figurativa (subjéitiva, metafórica).

Dizer *O Carnaval está chegando* ao invés de *Estamos nos aproximando do Carnaval*, embora seja referencialmente a mesma coisa, traz uma postura discursiva diferente: objetividade em relação aos acontecimentos no mundo. Por outro lado, dizer *Estamos nos aproximando do Carnaval*, traz uma postura mais subjéitiva (como veremos na seção 4).

A subjéitividade apontaria para uma sociedade que impõe mais a ação do homem sobre a terra, o homem como aquele que faz o seu destino. A objetividade mostraria uma sociedade descrevendo o mundo como ele é, independente da intervenção humana. Poderíamos fazer uma análise estatística de qual forma é mais frequente em determinada sociedade e qual é a postura idealista e religiosa frente às ações humanas no tempo.

A língua reflete uma experiência com a sociedade, e as sociedades não são iguais devido à sua historicidade. Em sociedades em que o homem faz o seu próprio tempo, podemos encontrar mais elementos linguísticos para descrição de situações futuras e,

talvez, mais uso de uma linguagem figurativa do tempo. Seria o caso da nossa sociedade brasileira, por exemplo. Para ver o tempo em algumas sociedades, podemos citar o trabalho de Ricoeur, Larre e Panikkar (1975).

2.1.9 Tempo crônico convencional = tempo cronológico

O tempo crônico pode ser objetivado de forma a ser convencionalizado por cada sociedade:

Em todas as formas de cultura humana e em todas as épocas, constatamos de uma maneira ou de outra, um esforço para objetivar o tempo crônico. É esta uma condição necessária da vida das sociedades, e da vida dos indivíduos em sociedade. Este tempo socializado é o calendário. (BENVENISTE, 2006, p. 72)

Surgem assim os calendários. O tempo crônico convencional utilizado no Brasil é o calendário romano e também o sistema de 24 horas por dia.

Vimos que a experiência com o tempo físico passa pela nossa atividade cerebral de percepção. A percepção do tempo ocorre na conclusão (visual, tátil, etc.) de uma mudança e que a atenção a essa mudança requer um tempo mínimo de 2-3 segundos para ser interpretado. Vimos também como se dá a sensação de uma duração e como ela pode ser subjetiva, ou seja, diferente de uma marcação num relógio. Por fim, vimos que a atividade cerebral, assim como qualquer outra atividade, é irreversível e essa limitação do ser humano é responsável por ele entender que o tempo só pode aumentar (nunca retroceder) e esse seria um exemplo de seta do tempo, que iria do passado para o futuro. Porém, entendemos que o tempo possui a direção do futuro ao passado porque somos capazes de entender que tudo que imediatamente está prestes a acontecer vira, depois de um tempo, algo que é passado. O que deve ficar claro para nós após essas investigações físicas do tempo é que ele existe em nosso intelecto, independentemente da língua. Outros módulos cognitivos fariam com que obtivéssemos a noção de tempo: o raciocínio lógico e a memória, por exemplo.

2.2 Descrição do sistema conceptual do tempo

A partir dos resultados da investigação sobre como o homem se relaciona com o tempo em seus três níveis de experiência (o físico, o psicológico e o social), podemos fazer uma possível descrição sobre como é o conceito de tempo dentro da mente do homem. O sistema conceptual é idealizado, ou seja, não é real. Mas podemos fazer um esforço descritivo para descrever qual é o conhecimento (linguístico e não-linguístico) armazenado em nossa mente sobre o tempo, ou seja, qual é o sistema cognitivo que representa e organiza nossa experiência com o tempo. Vimos que a experiência com o tempo é realmente multifacetada. Dessa forma, entendemos por tempo várias coisas:

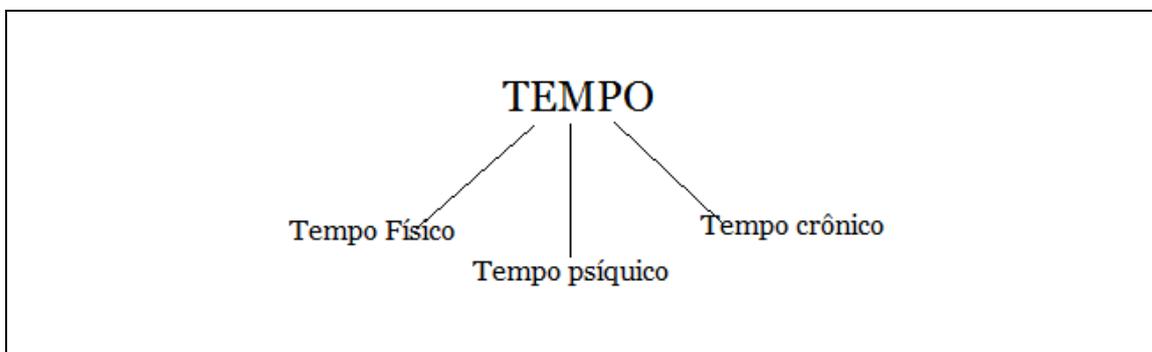


Figura 5: Representação esquemática do sistema conceptual do TEMPO. Fonte: própria.

Esta figura 5 ilustra a representação do nosso sistema conceptual geral do TEMPO. Evans (2004) argumenta que a natureza dos problemas metafísico e linguístico deriva, em essência, de uma bifurcação no sistema conceptual. É essa bifurcação que resulta em uma natureza de tempo aparentemente sendo tão paradoxal e misteriosa (bifurcação entre conceitos de origem subjetiva em oposição a conceitos de origem externa – sensório-motor).

O linguista afirma, ainda, que uma vez que a distinção dos conceitos for sendo compreendida, se tornará claro que a temporalidade é um fenômeno de natureza interna, que constitui uma **resposta** para o mundo externo da experiência sensória. Nós entendemos essa “resposta” como o tempo crônico.

A seguir, iremos descrever cada um dos subconceitos de TEMPO, a que nos referimos antes. Começemos com a descrição do sistema conceptual do TEMPO FÍSICO.

2.2.1 O tempo físico

Com base nas explicações encontradas sobre nossa experiência biológica com o tempo físico, possuímos o seguinte sistema conceptual do tempo físico:

TEMPO FÍSICO
<ul style="list-style-type: none">• O tempo físico possui um correlato psíquico que é uma sensação subjetiva (e por isso, relativa) de duração;• O homem só pode experimentar a sensação física do instante/presente;• Onde há movimento, há tempo físico/ tempo físico é movimento;• Tudo sofre a ação do tempo físico e, se tempo é movimento, tudo (eventos) se movimenta;• A direção do movimento do tempo físico (eventos) é do futuro para o passado;• Na terminologia de Benveniste (2006), poderia ser considerado o tempo físico objetivo.

Quadro 5. Características do sistema conceptual do tempo físico. Fonte: própria.

2.2.2 O tempo psíquico

Quando o homem “foca” o tempo físico, o tempo ganha um correlato psíquico. Segundo Benveniste:

O tempo físico do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas

emoções e pelo ritmo de sua vida interior. (BENVENISTE, 2006, p. 71).

A noção de TEMPO PSÍQUICO está estruturada da seguinte forma:

TEMPO PSÍQUICO
<ul style="list-style-type: none">• O tempo psíquico é uma sensação subjetiva de duração;• O homem só pode experimentar a sensação psicológica de instante/presente em uma consciência focal de 2-3 segundos (instância enunciativa);• Onde há movimento físico não necessariamente há tempo psíquico/ mas tempo psicologizado é sempre um movimento físico;• O tempo psíquico sofre a ação do tempo físico, pois a atividade da mente requer tempo;• A direção do movimento do tempo psíquico é sempre rumo ao futuro (crescente), pois não conseguimos pensar de modo regressivo (a ação é sempre progressiva).• Na terminologia de Benveniste (2006), poderia ser considerado o tempo físico subjetivo

Quadro 4: Características do sistema conceitual do tempo psíquico. Fonte: própria

Até o momento, esses dois quadros de sistemas conceituais estão ligados ao mundo, ou seja, a um referente. Estão ligados diretamente ao tempo físico, ou seja, ainda não são criações da linguagem.

Trata-se de uma tentativa de descrição de algo que existe no mundo independente (teoricamente) da nossa conceptualização/linguagem. É claro que se o conseguimos descrever e entender é porque o conceptualizamos, mas acreditamos que seja provável que essa “realidade” (tempo físico e tempo psíquico) exista independente de nós pensarmos ou não sobre ela.

2.2.3 O tempo crônico

A partir do momento que conceptualizamos essas noções – o tempo físico e o seu correlato psíquico -, originamos discursos que não mais possuem um referente, mas sim, uma referência ao mundo (terminologia fregueana).

O resultado de uma conceptualização é sempre um discurso. O discurso difere da realidade. Ao analisarmos o conteúdo de um discurso, estaremos lidando não com o mundo em si (referente), mas com sua referência, pois a teoria que explica a realidade é diferente do discurso que explica a realidade.

As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real [...] (BENVENISTE, 2006, p. 70)

Quando falamos do tempo compreendido pelo homem, só existiria um conceito: o tempo crônico (BENVENISTE, 2006, p. 71-80), ou seja:

[...] o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. Em nossa visão do mundo, assim como em nossa experiência pessoal, não há senão um tempo, que é esse. [...] No tempo crônico o que denominamos “tempo” é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão *no* tempo. Tudo está no tempo exceto o próprio tempo. (BENVENISTE, 2006, p. 71)

Quando passamos a entender que os acontecimentos estão no tempo, passamos a criar um novo tempo: o tempo crônico. O tempo crônico pode apresentar uma versão convencionalizada. Quando se tenta convencionar o tempo crônico, criam-se as formas culturais e convencionais de se medir o tempo: os calendários, as unidades de medida, os aparelhos de medição etc. Comumente, chamamos esse tempo (necessariamente o tempo crônico) convencionalizado de “tempo cronológico”.

O discurso (linguístico) sobre esse tempo crônico pode tratar tanto de uma noção convencionalizada quanto pessoal. É por esse motivo que podemos encontrar construções do tipo:

16) *O dia tem 24 horas.* (tempo crônico convencionalizado)

17) *Hoje o dia está mais longo.* (tempo crônico pessoal)

Essa é a linguagem do tempo crônico.

Vejamos, portanto, o sistema conceptual do tempo crônico:

TEMPO CRÔNICO

- A duração no tempo crônico é objetiva (sempre a mesma);
- O homem pode experimentar (discursivamente) o tempo presente, e não mais apenas o instante;
- Depois de passar pela linguagem, o tempo físico pode ser medido objetivamente;
- Quando o homem pensa no tempo crônico, o homem pode experimentar adiantar o tempo, atrasar o tempo, viver no passado, e viver no futuro, parar o tempo;
- O tempo de um evento é fixo no tempo crônico e, portanto, dependendo da referência, o evento pode ser estático no tempo ou dinâmico no tempo;
- A linha do tempo crônico é criada pelo homem e **convencionalmente** (relativo a cada cultura) é **crescente** no sentido do passado para o futuro (quanto mais antigo mais tempo tem, depois do nascimento de Cristo – Ano 1) porém, antes da idade de Cristo, o tempo é **decrecente** no sentido do passado para o mais passado ainda;
- O tempo crônico pode ser convencionalmente demarcado originando os calendários e as unidades de medida como o dia, a hora, o mês, etc. Cria-se o tempo crônico **objetivo** (tentativa de imitar o tempo físico).

Quadro 5. Características do sistema conceptual do tempo crônico. Fonte: própria.

Conseguimos até aqui descrever nossa noção de tempo apenas com estudos da Física, da Neurociência e da Sociologia. Estamos, portanto, próximos daquilo que se entende por sistema conceptual: algo anterior à linguagem, e, provavelmente, de natureza pré-linguística. Mas, como já dissemos, toda tentativa de descrição perpassa pela linguagem, então esse sistema conceptual é algo idealizado e aproximado do que pode ser realmente: não é a realidade, mas, sim, uma tentativa de representação da realidade.

2.2.4 Esquemas de imagens

Como vimos na seção 1, esquemas de imagem podem ser definidos como representações pré-conceptuais da experiência corporificada humana, e devemos ter cuidado para não entendê-los, nesta seção, apenas como metáforas descritivas para explicações linguísticas. Os esquemas de imagem são uma forma de explicar modelos de experiência sensório-motores que, por sua vez, auxiliam na descrição dos sistemas conceptuais. Trata-se de um recurso para descrever um sistema conceptual. Seria o que resulta mentalmente de nossas (dos animais também) repetidas experiências sensório-motoras.

Os esquemas de imagens usados para estruturar essa noção do TEMPO não são apenas algo interno, mas algo que deriva de nossa experiência sensório motora que “percebe” o movimento (e, portanto, o tempo), como vimos em 3.1. Em outras palavras, os esquemas de imagens usados para estruturar a noção de tempo derivam de nossa experiência sensório-motora que percebe o movimento.

Assim, a experiência repetida que temos na experiência com o tempo físico, que é a experiência da percepção, é apenas o agora-futuro virando passado. É um esquema de mudança. Apenas isso. Uma sensação de passagem. O esquema seria aqui um esquema que não dá para imaginar visualmente (com um diagrama), é um esquema de ANTES-DEPOIS:

Esquema de imagem que estrutura a noção do Tempo Físico

ANTES-DEPOIS

Quadro 6. Elementos que compõe o esquema de imagem do tempo físico. Fonte: própria.

Como vimos, há esquemas prototípicos e **imagens de esquema não perceptuais** (JOHNSON, 1987). Essa imagem ANTES-DEPOIS pode ser um desses esquemas de imagens não perceptuais.

A partir do momento em que tomamos consciência desse tempo físico, entendemos a noção de **movimento**. Portanto, o sistema conceptual do tempo psíquico, em termos de esquemas de imagem, é:

Esquema de imagem do Tempo Psíquico

Movimento crescente unidirecional

Quadro 7. Elementos que compõe o esquema de imagem do tempo psíquico. Fonte: própria.

Com o uso da linguagem (pensamento estruturado) criam-se esquemas de imagens a mais para o tempo porque a noção de tempo passa a ser maior que essa ideia física e seu correlato psíquico. O homem passa a pensar sobre momentos no tempo. O passado, o futuro e o presente viram lugares sobre os quais se pode dizer algo.

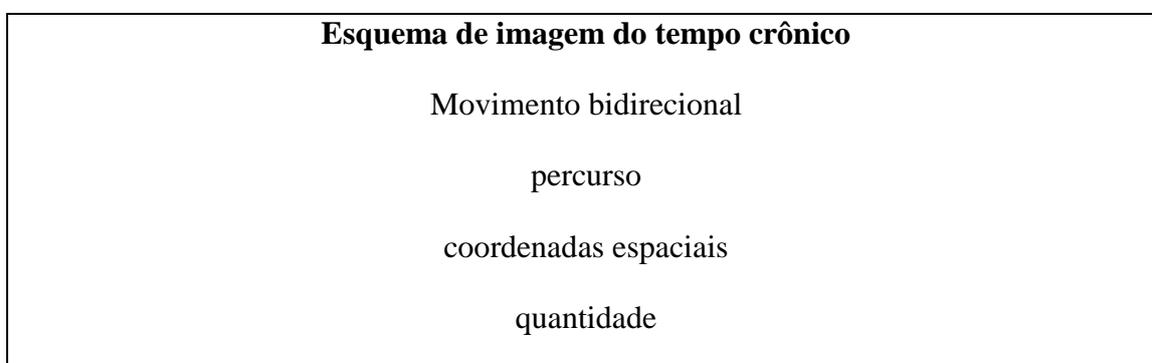
O observador, que é cada um de nós, pode lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrê-los em duas direções, do passado ao presente ou do presente ao passado. [...] Neste sentido, o tempo crônico, congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre (é a imagem recebida) num único sentido. (BENVENISTE, 2006, p. 71)

Com a linguagem, passamos a “pensar” no futuro, e passamos a “pensar” num esquema do passado para o futuro. Passamos a imaginar nosso deslocamento até o futuro e lembrar de nossa vida lá no passado. A noção de tempo se amplia porque a linguagem permite que experienciemos o tempo de outras formas: uma forma mais ampliada (um

animal, por exemplo, só consegue pensar no seu futuro de alguns minutos à frente – expectativa imediata).

São essas possibilidades de se pensar sobre o tempo que descrevem qual é nossa conceptualização do tempo crônico.

Essas outras noções de tempo são pensadas com esquemas de imagens que já são usados por outras noções espaciais: passagem, frente, atrás, etc. Por isso se diz que o tempo é uma metáfora do espaço, porque o tempo se utiliza dos mesmo esquemas de imagem do ESPAÇO, ou seja, a orientação espacial estrutura metaforicamente a orientação temporal.



Quadro 8. Elementos que compõe o esquema de imagem do tempo crônico. Fonte: própria.

Na verdade, esse “esquema de imagem” do quadro 8 está vago e incompleto. Concluimos que não será possível criar uma descrição do sistema conceptual do tempo crônico sem analisarmos dados linguísticos.

Os estudos sobre o tempo na **aquisição da linguagem** na criança poderiam nos dar pistas do processo **cognitivo**, não-representacional, que o homem faz, antes de poder operar objetivamente sobre ele (cf. MACEDO, 2008). Zlatev (2005; 2007) também pesquisa a aquisição da linguagem nessa perspectiva, e possui uma teoria dos esquemas **miméticos**. Desde pequenas, as crianças carecem de capacidade metalinguística para estabelecer convenções, e por isso ainda é um mistério como elas vão do nível-sensório motor para o nível simbólico. Esquemas miméticos surgem como soluções para esse impasse (ZLATEV, 2007 p. 327). O estudioso mais associado com o desenvolvimento da esquematização na ontogênese do tempo é Jean Piaget (1969; 1973; 1975). Ele

investigou quais seriam os esquemas sensório-motores do meio ambiente da criança sobre os quais ela passa a atribuir formas de linguagem, e o tempo é um desses esquemas (ontogênese do tempo). Esse tipo de investigação não foi feito nesta Tese.

Na seção 4, utilizaremos a ideia de esquemas de imagens para ilustrar a linguagem do tempo crônico.

2.3 Resumo

Nesta seção 2, trouxemos os resultados de pesquisas sobre a nossa experiência com o tempo e, a partir dela, descrevemos o sistema conceptual de forma mais esquemática. Nossa noção de tempo inclui nossa ideia de tempo físico, tempo psíquico e tempo crônico. Nós discursamos sobre todas essas noções tentando considerar o menos possível a estrutura semântica do tempo.

3 A estrutura semântica do tempo

Nesta seção 3, abordamos a questão do conceito de tempo de um ponto de vista linguístico, ou seja, veremos como a língua faz para nos dizer a localização temporal dos eventos. Para isso, iremos construir as estruturas semânticas do tempo, com base na Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC), vista na seção 1.2.

Começamos identificando uma função semântica comum em enunciados que relatavam uma referência ao tempo, geralmente apresentando o que chamamos de um evento marcado, ou seja, um evento que nós precisamos fixar na linha do tempo, e um ponto de referência, ou seja, o evento que nós posicionamos para fixar o evento marcado.

Em outros trabalhos (como o de Evans, 2004), evento marcado e ponto de referência são geralmente conhecidos, respectivamente, como *target event* (TE) e *reference point* (RP).

Depois de uma longa revisão de literatura sobre os trabalhos que explicam a referência temporal, que podem ser encontrados na lista de referência desta tese, e depois de observarmos os enunciados coletados, chegamos à conclusão – à semelhança do trabalho de Evans 2013 – que existem três grandes referências ao tempo:

- O movimento do tempo: se estamos no tempo, o evento ou o próprio tempo está em movimento.
- A cronologia: não há a presença do *eu* discursivo explícita. O tempo é visto de fora, mas considera-se sua ordenação.
- A matéria do tempo: não há a presença do *eu* discursivo explícita, apenas uma constatação cronológica, a natureza móvel do tempo e a sua característica da duração (mensurabilidade).

Podemos relacionar essas três grandes referências às três referências do trabalho de Evans (2013) que são, respectivamente, chamadas de t-FoR dêitico, t-FoR sequencial e t-FoR extrínseco, e serão estes os nomes que utilizaremos para descrever as três grandes referências.

Segundo Evans (2013), cada uma delas reflete uma propriedade física particular de transiência, ou seja, seriam referências fenomenologicamente reais.

Como vimos, a transiência é a nossa habilidade de experienciar (interpretar) eventos no tempo, e é uma propriedade exclusiva do tempo. Por esse motivo, classificar os tipos de referência do tempo por meio de uma característica exclusiva do tempo, é uma forma mais adequada.

Veremos aqui cada uma delas, e faremos a descrição da estrutura semântica que subjaz a cada uma dessas noções.

Conforme pudemos constatar a partir de várias leituras que fizemos sobre o assunto, o fenômeno da referência dêitica tem sido conhecido como **tempo movente** e **ego movente** (*moving time* e *moving ego*) desde Clark 1973. O fenômeno da referência sequencial é mais recente, pois foi observado primeiramente com o trabalho de Moore (2000, 2006), e, posteriormente, de Núñez e Sweetser (2006) e Evans (2004, 2013). Antes do trabalho de Moore em 2000, toda a noção de tempo era vista apenas com as duas metáforas (a do ego movente e a do tempo movente).

Mais recentemente ainda, o trabalho de Kranjec (2006) sugere uma terceira referência temporal: a referência extrínseca.

Como nossa semântica é cognitivista, não podemos deixar de constatar as considerações interdisciplinares sobre essas três referências. Descobrimos que elas são constatadas não apenas na língua mas em evidências psicológicas. McGlone e Harding (1998), por exemplo, comprovaram a realidade psicológica da referência dêitica. Núñez et al (2006) comprovam a referência sequencial, e Kranjec (2006) comprova evidências psicológicas para a referência extrínseca.

Essas pistas psicológicas nos encorajam a classificar as referências temporais em três, ao invés de classificarmos as noções do tempo em metáforas conceptuais.

A seguir, veremos cada um dos *frames* de referência. Cada um deles, por sua vez, possuem outros *frames*, ou modelos cognitivos.

Para descrever os três tipos, foi necessário utilizar conceitos do ESPAÇO. Porém, a discussão mais teórica a respeito do nível de dependência que o tempo tem dos conceitos de espaço será feita na seção 4.

3.1 *Frames* de Referência Dêitica do TEMPO

O *frame* dêitico exige, implícita ou explicitamente, a referência do falante com o “agora” enunciativo. Precisamos saber em que tempo está sendo dito determinado enunciado.

Para descrever esse *frame* de referência, precisamos utilizar, pelo menos, dois conceitos da linguagem espacial: “figura” e “ponto de referência”:

- Figura e fundo – a entidade a ser localizada, ou seja, o evento marcado e o local onde a figura é localizada.
- Ponto de referência: a entidade que serve para localizar a figura.

A referência dêitica possui dois modelos com perspectivas diferentes, a perspectiva pela qual a cena temporal é vista.

Nos enunciados:

18) Nós estamos nos aproximando do Natal

19) O Natal está chegando

Tanto o primeiro quanto o segundo possuem a figura Natal que é localizada em um momento posterior ao momento do *eu* enunciativo. Porém, a perspectiva do primeiro é a do ponto de referência (o *eu* enunciativo) e a perspectiva do segundo, é a da figura (Natal).

Percebe-se que essa noção é pensada utilizando-se termos do espaço. Há muito tempo os filósofos já falavam que o tempo é conceptualizado e lexicalizado em termos de espaço. Smart (1949) foi um dos primeiros pesquisadores a falar sobre haver dois modelos do tempo: um em que há o movimento em torno de um observador e outro que há um movimento do observador voltado para o futuro. Porém, é com Clark (1973), como já vimos, que se inicia essa questão de forma mais marcada, explicando o fenômeno em termos de diferença de perspectiva. E nessas últimas décadas, essas metáforas têm recebido a atenção de psicologistas e linguistas. Lakoff e Johnson (1980, 1999) passam a deixar a questão mais formalizada: os modelos seriam propostas de conceptualização de tempo com modelos de figura/fundo reversíveis de uma metáfora conceptual mais geral que é TIME PASSING IS MOTION.

Na Física, sabemos que um objeto que possui movimento, possui também uma orientação geralmente fixada ou no ambiente ou no próprio objeto: se a direção do movimento concorda com a orientação, o movimento é ascendente, se a direção não concorda com a direção, o movimento é descendente.

Se o tempo se move, ele possui uma “frente”, ou seja, um vetor (uma orientação). Mas, qual seria a direção do tempo?

Neste momento, precisamos relembrar do tempo da linguagem: o tempo crônico.

Porém, agora que poderemos analisar dados linguísticos, devemos distinguir duas formas de se falar sobre o tempo crônico: a objetiva e a subjetiva.

Não se trata aqui da natureza do tempo crônico, ou seja, do fenômeno do movimento ascendente e do movimento descendente. Estamos falando da função do tempo crônico quando este é enunciado (por meio da linguagem).

Depois de reconstruídas mentalmente as sequências dos eventos na linha do tempo (ou seja, após o processo de movimento ascendente sobre o movimento descendente), o tempo crônico é uma função da linguagem. Ao olharmos e enunciarmos sobre ele, podemos fazer isso em duas direções: do futuro ao passado e do passado ao futuro. Quando falamos de um evento no tempo em que utilizamos a orientação do futuro para o passado, estamos fazendo uma orientação semelhante à orientação do tempo real. Nós chamamos essa perspectiva de **tempo crônico objetivo** (porque imita a natureza – objetividade). Mas além dessa direção, o tempo crônico pode ser orientado do passado para o futuro, por conta da atividade explícita do falante na língua: o tempo ficaria estático e o homem se moveria em direção ao futuro; por causa da perspectiva no ponto de referência em si (a linha do tempo), o tempo não se apresenta móvel. É o homem que se move. Essa diferença de perspectiva cria equações contrárias:

<i>Tempo crônico objetivo</i> (TEMPO MOVENTE)	para frente = passado
	para trás = futuro
<i>Tempo crônico subjetivo</i> (EGO MOVENTE)	para frente = futuro
	para trás = passado

Quadro 9: Equações contrárias. Fonte: própria.

As metáforas do ego-movente e do tempo-movente são muito frequentes nos estudos sobre conceptualização do tempo. Podemos encontrá-las, por exemplo, em Clark, 1973, Bechara, 1984, Lakoff e Johnson, 1999, Gentner, 2001, Kövecses, 2005, e Evans, 2004.

Segundo esses autores, se observamos um determinado evento em seu desenvolvimento, nossa “linha cronológica imaginária” se apresentará móvel; se observamos um evento como um ponto estático no tempo (linha imóvel), nós é que iremos mover nossa atenção em relação ao evento (trata-se de uma outra “linha do tempo”). A essas duas formas de se observar o tempo chamamos, respectivamente, tempo movente e ego movente. Por exemplo:

20) *O Natal se aproxima [de nós].* (nós é a marca da presença do “ego” enunciativo)

21) *Nós estamos nos aproximando do Natal.*

No primeiro enunciado, o tempo do Natal se moveria em direção a nós, que estamos num tempo anterior em relação ao Natal (que é um tempo futuro), portanto o tempo se moveria (com sua frente) em direção ao passado. Trata-se de um tempo movente.

No segundo enunciado, a imagem mental do movimento descrito pelo verbo “aproximar-se” é a de nós indo em direção ao futuro (Natal). Trata-se de um ego movente.

No tempo crônico do tipo objetivo (ou tempo movente), todos os eventos se moveriam numa orientação do tipo futuro para o passado.

22) *O Carnaval está indo embora!*

Outra prova de que o vetor do tempo “físico” é do futuro ao passado é que, na linguagem, sempre dizemos que um acontecimento futuro *está vindo* e não *está indo*.

23) *O Carnaval está vindo.*

24) *A Páscoa vem logo depois do Carnaval.*

Uma forma de defender qual é a direção do movimento do tempo é investigando a nossa organização conceptual do tempo, como foi feito na seção 2 e comparando-a com a estrutura semântica. Essa comparação, entretanto, será feita na seção 4.

No tempo crônico do tipo subjetivo (ego movente), a **ordenação** convencional do tempo crônico é crescente no sentido do passado para o futuro. Exemplo:

25) *A mãe nasceu primeiro e o filho nasceu em segundo.*

Veja, a ordem de nascimento cresce do passado para o futuro. Sempre diremos que o nascimento da mãe veio primeiro que o nascimento do seu filho.

Então nossa linguagem temporal conta de forma crescente do mais velho (antigo) para o mais novo. O antigo é sempre o primeiro e o novo é sempre o segundo acontecimento no tempo. O tempo aumenta do mais antigo para o mais novo.

26) *O inverno chega depois do outono.*

27) *Nossa vida é daqui para frente!*

28) *E o seu comércio, está indo para frente? (Resposta: Sim! Está indo!)*

29) *Estamos à frente do nosso tempo.*

No tempo crônico subjetivo existe um vetor contrário ao vetor do tempo crônico objetivo. Quanto mais se avança na numeração, mais se está indo para o futuro, já que nosso calendário é crescente e, portanto, nossa concepção de cronologia também o é.

O tempo crônico subjetivo se moveria em direção ao futuro porque é na direção do aumento da contagem do tempo, entendendo-se que a contagem se dá do menor para o maior.

Não se trata exatamente de um “movimento”, mas o aumento da quantidade do tempo faz uma analogia com um movimento ascendente, uma vez que o movimento que

“cresce” também aumenta em quantidade. Uma vez que o tempo crônico subjetivo pode permitir o movimento do *ego*, projetamos uma “frente” que é em direção ao futuro. A ideia é que quanto mais o movimento ocorre, mais para frente (e não para trás) se está.

Porém, o tempo não é como uma boneca que possui uma frente intrínseca (graças a uma projeção do corpo humano na boneca), mas podemos considerar uma “frente” no tempo a partir da projeção de nosso ser percorrendo um caminho: a nossa frente se volta para a “frente” do caminho, o caminho está à frente.

Depois dessas discussões, pudemos descrever a estrutura semântica do tempo que se utiliza dessa referência dêitica:

Glosa 1: [EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA NO EVENTO X]

Essa estrutura semântica (glosa 1) se refere ao fenômeno do tempo movente.

Glosa 2: [EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA DA REFERÊNCIA Y]

Essa estrutura semântica (glosa 2) se refere ao fenômeno do ego movente.

Esses foram os modelos encontrados que formam a nossa base conceitual do tempo no *frame* de referência dêitico.

3.2 Frames de Referência Sequencial do TEMPO

Além da referência dêitica, haveria uma segunda referência chamada de sequência temporal (*temporal sequence*).

Enquanto a referência dêitica leva em conta um “experienciador” (o “*ego*”) e um “agora” (e por isso é chamado de dêitico); a segunda referência não envolveria o *ego*. A referência estaria na linha do tempo em si, no tempo cronológico em si, não importando o momento de produção do enunciado, pois se trata apenas de uma constatação. Nos

trabalhos de Moore (2000), diz-se que a estratégia de referência é aloccêntrica: independe do ego. Por exemplo:

30) *A segunda-feira antecede a terça-feira.*

31) *Meu aniversário é depois de Fevereiro.*

32) *O verão sucede à primavera*

33) *A primavera vem antes do verão.*

34) *Natal vem depois da Páscoa*

35) *O futuro está à nossa frente*

Percebemos que na referência sequencial, o futuro e o passado não importam, pois basta ter a relação de sucessividade: o que é anterior e posterior a quê.

Segundo Moore (2000), que se inspirou nas ideias de Traugott (1978), a relação de transiência nesse *frame* de referência é diferente da relação de transiência do *frame* dêitico: no dêitico, a transiência é a passagem entre futuro/passado, no sequencial, a transiência está na relação anterioridade/posterioridade.

A referência temporal sequencial nos faz acessar nosso conhecimento sobre a sucessão dos eventos, e a nossa experiência de que o tempo constitui uma sequência de eventos, um precedendo o outro, de acordo com uma lógica de causa e efeito. É essa experiência subjetiva que nos dá a base para distinguir um evento posterior e um evento anterior.

Chegamos à conclusão de que as glosas para a explicação do *frame* de referência sequencial são as seguintes:

Glosa 3: [EVENTO X É LOCALIZADO ANTES DO EVENTO Y, COM A PERSPECTIVA DO EVENTO X]

Glosa 4: [EVENTO Y É LOCALIZADO DEPOIS DO EVENTO X, COM A PERSPECTIVA DO EVENTO Y]

O trabalho de Evans (2013, p. 122) também identificou essas mesmas glosas.

3.3 *Frames* de Referência Extrínseca do TEMPO

O terceiro (e último) *frame* de referência do TEMPO é o *frame* de Referência Extrínseca. Evans (2013) acrescenta à explicação do que seja um *frame* extrínseco a noção de duração e a característica de “matriz” (já trabalhada em seu trabalho anterior, 2004). Realmente, a esse tipo de *frame* de referência, poderíamos acrescentar várias características.

Pelas nossas análises dos enunciados, podemos dizer que há basicamente dois grandes grupos de *frames*: os que localizam eventos (dêitico ou sequencial), e os que falam de eventos em si ou do tempo em si (extrínseco). Em outras palavras: a) ou um determinado evento (ou tempo) é fixado na linha do tempo ou em relação a outro evento; b) ou não importa onde o evento (ou o próprio tempo) é fixado. À semelhança da referência sequencial, a referência extrínseca desse primeiro grupo, os que localizam eventos, trata de localizar no tempo cronológico (horário ou data) algum evento. Porém, depois de localizado, não é necessário mais cálculos temporais com base na anterioridade ou posterioridade desse determinado evento em relação a um outro. Já a referência extrínseca do segundo grupo de *frames*, possui várias características, muitas delas ligadas a metáforas conceptuais. Neste segundo grupo, o tempo (ou o tempo de um evento) é considerado como um todo (ou seja, é considerado na sua característica transiente da duração), e sobre ele é falado algo em termos de sua dimensão, de sua agentividade, etc. Não há a necessidade de marcar o tempo em lugar algum.

Todos os *frames* estão direta ou indiretamente ligados à transiência da duração. Por ser considerado no seu aspecto da duração, Evans (2013), em seu trabalho, chama esse tipo de conceito de tempo de matriz. Diferentemente dos outros dois tipos de referência (dêitico e sequencial), Evans (2013) diz que a referência extrínseca não parece estar baseada em tipos de experiências reais fenomenologicamente:

Afinal de contas, a relação matriz diz respeito a um transcorrer do tempo que é eterno por natureza. No entanto, como a vida humana não é

claramente eterna, é lógico que a relação matriz, enquanto fundamentada no tipo de transiência de duração, deve emergir da conceituação prévia de duração como uma categoria ontológica reificada como uma entidade independente do substrato que compõe o domínio de tempo. [...]

Kranjec (2006) forneceu evidências comportamentais para pensar que há uma estratégia de referência temporal, o que ele chama extrínseca, em que o tempo é concebido como um campo de fornecimento de eventos com um *frame* 'extrínseco' de referência. A minha proposta é que este campo surge da transiência duracional, e a relação temporal envolvida é a relação de matriz. (EVANS, 2013, p. 70²⁴, tradução nossa)

Ou seja, as relações da “matriz” do tempo são durações que independem dos eventos. E com isso possuímos outras glosas:

Glosa 5: [TEMPO FIXADO COM RELAÇÃO AO CALENDÁRIO]

36) *O meu aniversário cai em setembro!*

Glosa 6: [TEMPO FIXADO COM RELAÇÃO A ALGUMA UNIDADE DO SISTEMA HORÁRIO]

37) *Eu almoço às 11h15*

Glosa 7: [TEMPO MENSURÁVEL]

38) *O tempo não tem fim*

39) *O tempo é longo*

40) *O tempo é curto*

41) *O tempo é grande*

42) *O tempo é pequeno*

²⁴ No original: “After all, the matrix relation concerns an elapse that is eternal in nature. Yet, as human life is clearly not eternal, it stands to reason that the matrix relation, while grounded in the transience type duration, must emerge from the prior conceptualization of duration as an ontological category reified as an entity independent from the substrate that makes up the domain of time. [...]

Kranjec (2006) has provided behavioural evidence for thinking that there is a temporal reference strategy, which he dubs extrinsic, in which time is conceived as a field providing events with an ‘extrinsic’ frame of reference. My proposal is that this field arises from durational transience, and the temporal relation involved is the matrix relation.” (EVANS, 2013, p. 70)

Glosa 8: [TEMPO AGENTE]

- 43) *O tempo flui eternamente*
- 44) *O tempo passa*
- 45) *O tempo acabou comigo*
- 46) *O tempo fez bem a ela.*
- 47) *O tempo cura tudo*
- 48) *O tempo é vingativo*
- 49) *O mundo dá voltas*
- 50) *Só o tempo dirá*
- 51) *O tempo revela tudo*
- 52) *O tempo apagou a minha alegria*
- 53) *O tempo me fez esquecer*
- 54) *Eu lutei contra o tempo.*
- 55) *Eu corri atrás do tempo.*
- 56) *O Carnaval destruiu a minha vida!*
- 57) *Deixe a velhice entrar na sua vida.*
- 58) *Ande de mãos dadas com a sua idade.*

Glosa 9: [TEMPO RECURSO (FINANCEIRO/LIMITADO)]

- 59) *Esse livro me custou anos de trabalho.*
- 60) *Eu investi muitos anos nesse relacionamento.*
- 61) *Eu estou perdendo meu tempo com você.*
- 62) *O computador vai fazer você economizar horas de trabalho*
- 63) *Como você tem aproveitado seus últimos dias de férias?*
- 64) *Eu peguei todo o seu tempo para mim.*
- 65) *Você pode me dar um tempo?*
- 66) *Você tem um tempinho para mim?*
- 67) *Vende seu tempo para mim?*
- 68) *Em busca do tempo perdido.*
- 69) *Foram poucos dias, mas minhas férias renderam.*
- 70) *Tempo é dinheiro! (ganhar dinheiro leva tempo)*
- 71) *Nós estamos empurrando o prazo para frente.*
- 72) *Nós estamos jogando o prazo para frente.*
- 73) *Eu trabalhei por muito tempo*

74) Ela vai ter o dobro de tempo para fazer a prova

75) Conta o tempo que eu levo para dar a volta no lago para mim?

3.4 Tempo gramatical e advérbios de tempo

Nós vimos até aqui a estrutura semântica do conceito de tempo no nível do enunciado. No nível do léxico, um verbo flexionado e um advérbio de tempo são expressões linguísticas dêiticas, e, portanto, respeitam as estratégias do *Frame* de Referência Dêitica do TEMPO.

Mesmo os advérbios temporais considerados anafóricos e os tempos verbais considerados enuncivos, ou narrativos (como será visto a seguir), devem levar em conta a localização temporal do enunciador, e por isso fazem a referência dêitica do tempo.

Dêítico	Anafórico
Agora	Então
Hoje	Nesse dia
Ontem	Na véspera
Amanhã	No dia seguinte
No próximo ano	No ano seguinte
No ano passado	No ano anterior
Futuramente	Sucessivamente
Vinte anos atrás	Vinte anos antes
(...)	(...)

Quadro 10. Advérbios e locuções adverbiais dêiticas e anafóricas (fonte dissertação 78)

No estudo do tempo do discurso, Fiorin (2003, 2007, 2008), baseando-se na teoria greimasiana, explica que existem dois sistemas temporais: um relacionado diretamente ao momento da enunciação e outro ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado. Temos um sistema enunciativo no primeiro caso e um enuncivo no segundo caso.

Os advérbios e os tempos verbais podem ser do tipo enunciativo ou enuncivo.

Numa perspectiva da linguística textual, podemos dizer, grosso modo, que o tipo enuncivo se assemelha ao tipo discursivo e o enuncivo ao tipo narrativo. Também poderíamos relacionar às duas situações comunicativas descritas por Weinrich (1989) *mundo comentado* e *mundo narrado*. No que se refere ao tempo, essa exigência é ainda mais compreensível, como se comprova, por exemplo, com os marcadores de tempo dêiticos (hoje, amanhã, ontem):

Um dêitico só pode ser entendido dentro da situação de comunicação e, quando aparece, num texto escrito, a situação enunciativa deve ser explicitada. Se encontrarmos um bilhete em que esteja escrito *Ontem trabalhei muito aqui*, não entenderemos plenamente a mensagem, pois não saberemos quem trabalhou, quando é *ontem* e onde é *aqui*. Em resumo, não se pode saber o sentido do *eu*, do *ontem*, e do *aqui* da mensagem pois falta o conhecimento da situação de comunicação. No caso dos dêiticos, não adianta só o conhecimento do sistema lingüístico, pois o que é preciso, para entendê-los, é conhecer a situação de uso. (FIORIN, 2003, p. 162).

Apesar de não serem tratados como dêiticos, os anafóricos, os enuncivos, os narrativos e o mundo comentado são um tipo de discurso que embora seja objetivo, ele apenas o é discursivamente: subjetivamente, o falante precisa saber da instância de enunciação em todos os casos. Veja o exemplo:

76) *Segunda-feira eu começo o meu regime.*

Segunda-feira, que é uma marcação cronológica tipicamente referencial por ser um marco cronológico, tradicionalmente não-dêitico, se torna, sob um outro ponto de vista (o da referência temporal), um elemento dêitico. Se o bilhete for escrito em um domingo, mas for encontrado em uma terça-feira, o receptor poderá pensar que o bilhete é atual e dessa forma o regime ainda não começou, pois é necessário esperar pela próxima segunda-feira. Sua interpretação manterá a ação futura, mas na realidade, a ação é passada para quem escreveu. Por esse motivo, até os verbos e advérbios em suas formas mais objetivas levam em conta o enunciador, e, portanto, fazem parte da referência chamada por nós de dêitica.

Verbos e advérbios refletem direta ou indiretamente uma instância enunciativa, pois todo enunciado é realizado numa situação definida pelos participantes da

comunicação (*eu/tu*), pelo momento da enunciação (*agora*), e pelo lugar em que o enunciado é produzido (*aqui*).

Normalmente não precisamos saber a data da produção de um enunciado, mas às vezes é necessário, como vimos no último exemplo.

Isto acontece porque a fala, organicamente ligada ao exercício da fala, é dependente do tempo real, porque o exercício da fala é efetuado no tempo real, e o enunciado não costuma ser estudado conectado nem anexado com a descrição de seu ato. Os verbos flexionados no sistema enuncivo (FIORIN, 2002) “aparentam” não necessitar saber o momento de produção, porque essa incorporação já é implícita.

Porém, o que a gente precisa entender é que mesmo a enuncividade tem implícito um enunciador.

Portanto, o tempo no nível lexical expresso pelo verbo e por advérbios, precisa ser feito num cálculo temporal, pois é necessário considerar o contexto de produção, o contexto situacional.

Quanto aos itens lexicais que denotam eventos no tempo, *Natal*, *segunda-feira*, *dia primeiro*, etc., sozinhos não dizem muita coisa, apenas fazem com que o falante fixe esses eventos no tempo cronológico. Portanto, num primeiro momento, ao conceptualizarmos esses itens lexicais isoladamente, fazemos referência ao *frame* de referência extrínseca.

3.5 Resumo

O que fizemos foi mostrar a divisão que pensamos ser a melhor para classificar as referências do tempo, feita por meio da noção de transiência.

Com a descrição das três referências, e as suas respectivas descrições da estrutura semântica do nível do enunciado e do nível lexical também, fechamos uma breve descrição semântica de toda a noção envolvida em relação ao tempo de língua portuguesa. A seguir, iremos entender como está sendo feito o acesso semântico dessas estruturas na estrutura conceptual.

4 Comparando sistema conceptual e estrutura semântica

Nesta seção, comparamos, na subseção 4.1, o sistema conceptual com a estrutura semântica. Depois, na subseção 4.2, mostramos resultados de uma pesquisa sobre outros fenômenos linguísticos que interferem na linguagem temporal, como o funcionamento dêitico da linguagem, a linguagem espacial, e a linguagem metafórica do tempo.

Comparando-se a descrição do sistema conceptual (seção 2) com a descrição da estrutura semântica (seção 3), percebemos que a estrutura semântica é mais sofisticada e há poucos detalhes na descrição do sistema conceptual. Veja o seguinte quadro com um breve resumo:

Sistema Conceptual do TEMPO sem uma análise semântica	Estrutura semântica do tempo
TEMPO = Tempo físico + Tempo psíquico + Tempo crônico [tempo convencional]	<p>[EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA NO EVENTO X]</p> <p>[EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA DA REFERÊNCIA Y]</p> <p>[EVENTO X É LOCALIZADO ANTES DO EVENTO Y, COM A PERSPECTIVA DO EVENTO X]</p> <p>[EVENTO Y É LOCALIZADO DEPOIS DO EVENTO X, COM A PERSPECTIVA DO EVENTO Y]</p> <p>[TEMPO FIXADO COM RELAÇÃO AO CALENDÁRIO]</p> <p>[TEMPO FIXADO COM RELAÇÃO A ALGUMA UNIDADE DO SISTEMA HORÁRIO]</p> <p>[TEMPO MENSURÁVEL]</p> <p>[TEMPO AGENTE]</p> <p>[TEMPO RECURSO FINANCEIRO/LIMITADO]</p>

Quadro 11: comparando sistema conceptual do tempo (sem uma análise semântica) com estrutura semântica do tempo. Fonte: própria

Acreditamos que esta diferença de sofisticação entre as duas descrições ocorreu porque o acesso que a estrutura semântica faz não é diretamente ao sistema cognitivo. O acesso deve ser feito em um sistema intermediário, chamado de estrutura conceptual. Como vimos, a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos sustenta essa ideia.

Observando-se as análises da seção 3, foi possível notar o quanto nossa compreensão sobre o ESPAÇO é utilizado para falarmos de tempo. Portanto, a estrutura semântica do tempo também se utiliza de informações que pertencem ao nosso sistema conceptual do ESPAÇO. Assim, as informações espaciais numa descrição do conceito de tempo apareceriam na descrição do sistema intermediário: a estrutura conceptual. Além disso, também pudemos ver nas análises da seção 3, que o mecanismo dêitico da linguagem também influencia na nossa linguagem temporal.

Dessa forma, descobrimos que essas duas questões – a espacial e a dêitica – poderiam ser a resposta para a complexidade da estrutura semântica do tempo. Ou seja, a estrutura conceptual é muito mais complexa do que o sistema cognitivo descrito na seção 2, porque, no nível da significação linguística, várias outras informações estão contribuindo para o nosso conceito de TEMPO, ou seja, não é apenas a experiência com o tempo, mas o nosso conhecimento sobre questões da língua, do espaço, e, como veremos, de outras noções.

A diferença de detalhes entre os dois fenômenos comparados na tabela 5 ocorreu porque o conhecimento que temos do mundo é um conhecimento além de experiência meramente física com um mundo: é um conhecimento linguístico do mundo, ou seja, o tempo é aquilo que falamos dele. E ao analisarmos esse tempo sobre o qual falamos – por meio da nossa estrutura semântica –, vemos que o conhecimento de mundo acionado – a estrutura conceptual – possui mais detalhes.

Portanto, a estrutura semântica estaria, de fato, acessando um sistema mais complexo, que envolve todas as questões relacionadas à nossa compreensão do tempo. Esse sistema é a estrutura conceptual.

4.1 Outros fenômenos linguísticos que interferem na linguagem temporal

Ficou claro para nós, após a comparação entre sistema conceptual e estrutura semântica, que para desenvolvermos o sistema mais complexo das estruturas conceptuais,

era necessário investigar outras questões. Nossa hipótese foi a de que ao investigarmos o mecanismo dêitico da linguagem e algumas características da linguagem espacial conseguiríamos entender como a estrutura semântica do tempo aciona vários outros conceitos e não só aqueles estritamente temporais. Nas próximas subseções, faremos mais investigações linguísticas, analisando as características que não são exclusivamente temporais que estão envolvidas na estrutura conceptual do tempo: a subjetividade e a objetividade da linguagem (4.2.1), a linguagem espacial (4.2.2) e as metáforas conceptuais (4.2.3).

4.1.1 A subjetividade e a objetividade da linguagem

Sabemos que uma língua natural dá o suporte “material” para o processo da conceptualização, que, por sua vez, é o responsável por acessar nosso conhecimento enciclopédico de mundo. Inevitavelmente, esse veículo para a conceptualização, a língua natural, oferece limitações devido a princípios e características de sua própria natureza. Estas podem estar modelando o processo de acesso ao conhecimento semântico e conceptual. Portanto, precisamos conhecer os princípios de estruturação da linguagem.

Um dos princípios da linguagem é o **princípio da iconicidade** (DELBECQUE, 2006). Uma das questões do princípio da iconicidade é a ordem linear. Nossa língua se comporta iconicamente com a realidade, ou seja, à semelhança da realidade, quando, por exemplo, ordenamos linearmente vários acontecimentos e conseguimos interpretá-los como um ocorrendo após o outro. Dessa forma, dizer:

77) Vim, vi e venci.

que são três verbos conjugados na mesma forma modo-temporal, é dizer que primeiro o enunciador veio, depois o enunciador vê algo, e, por último, que ele vence algum obstáculo. Assim como essas ações se deram no tempo uma após a outra, a língua iconicamente dispõe uma palavra após a outra, pois convencionalmente respeitamos a ordem linear das informações encadeadas.

Existem ações que são simultâneas, como comer enquanto assistimos à televisão. Nesses casos, a nossa língua não é capaz de descrever **com** simultaneidade, mas informar **a** simultaneidade. A simultaneidade é descrita **informando** que as ações são simultâneas, por exemplo, utilizando a conjunção *enquanto*:

78) *Comia enquanto assistia à televisão.*

79) *Assistia à televisão enquanto comia.*

Nota-se que neste enunciado, as duas ações simultâneas (comer e assistir) não são processadas cognitivamente de forma simultânea, pois fazemos a compreensão do enunciado palavra por palavra, seguindo uma ordem linear. Podemos inverter a ordem e continuar sendo coerentes. É claro que o **efeito** final é a simultaneidade, mas o ato linguístico não é assim: ele apresenta uma ordem linear. E é por esse motivo que a ordem das palavras, como num enunciado do tipo *Vim, vi e venci*, seria semelhante (icônica) à realidade.

Esse princípio é muito importante para nosso estudo, pois como estudamos o tempo, precisamos ter em mente que os conceitos ANTES e DEPOIS no tempo são respeitados no mecanismo de leitura ou escrita da linguagem, à medida que o que é escrito ou falado antes deve ser entendido como a primeira informação a ser enunciada pelo enunciador, ou seja, tem alguma razão de ser (para mais explicações, veja as figuras 10 e 11 da subseção 4.1.3). Por exemplo:

80) *Choveu e fez sol.*

Neste exemplo, a ação de chover e de fazer sol podem ser simultâneas ou não. Não sendo simultâneas, somos obrigados a fazer uma primeira interpretação que é seguir a ordem em que aparecem as informações: primeiro ocorreu a ação de chover e depois a ação de fazer sol. Embora nada impeça que o enunciador diga *Choveu e fez sol* quando na realidade a ação de fazer sol antecede à de chover, ele não estará descrevendo o que aconteceu, mas quais eventos ocorreram.

Podemos pensar no exemplo:

81) *Comia e assistia à televisão.*

em que não há uma conjunção que indica simultaneidade, e, portanto, neste enunciado a língua aparentemente demonstraria simultaneidade de forma não marcada, ou seja, a simultaneidade estaria apenas na coordenação de duas ações que estão num tempo verbal do pretérito imperfeito considerado inacabado aspectualmente. Estas informações fariam o falante entender uma simultaneidade, porém, ela é aparente, pois se trocássemos o tempo verbal pelo pretérito perfeito:

82) *Comi e assisti televisão.*

essa simultaneidade já não é tão certa. Portanto, a ordem linear do encadeamento das informações, num primeiro momento (sem a ajuda de informações linguísticas e contextuais), sempre é um fator de interpretar as ações ocorrendo uma após a outra.

Outro princípio da estrutura linguística é o **princípio da indexicalidade** (DELBECQUE, 2006), que é a capacidade que a língua tem de apontar para elementos que dependem do contexto para receber um valor semântico. É o que torna a linguagem egocêntrica.

4.1.1.1 *Linguagem egocêntrica e Linguagem geocêntrica*

A língua descreve o mundo segundo nosso ponto de vista mas também é capaz de descrever o mundo de forma objetiva, simulando que ele possa ser descrito independente de quem fala dele. Por exemplo, supondo-se que o enunciador diga no dia 25 de dezembro de um ano qualquer:

83) *O dia 25 de dezembro é dia de Natal.*

O enunciador estará fazendo uma descrição objetiva do dia em questão. Podemos notar nesse enunciado o fenômeno de compressão temporal, que é um tipo de integração conceptual, como bem descrito por Abreu (2013). Estamos integrando, por compressão, todos os dias 25 de dezembro em um só, que pode ser de qualquer ano.

Porém, se preferir, a língua possui outra forma de dizer isso, que é:

84) *Dias como o de **hoje** é dia de Natal!*

A palavra *hoje* é uma prova de que existe a indexicalização na linguagem, que é uma forma de se falar do mundo a partir do ponto de vista do enunciador, uma forma egocêntrica.

O princípio de indexicalidade é a capacidade que o sistema linguístico tem de descrever o mundo a partir da nossa visão egocêntrica do mundo. Em outras palavras, a linguagem possui mecanismos capazes de “apontar” para coisas que são indexadas em um determinado momento (*nunc* - agora) por uma determinada pessoa (*ego* - eu) em um determinado lugar (*hic* - aqui).

Portanto, podemos descrever o mundo com uma referência objetiva, externa, geral, ampla, e podemos descrever o mundo com uma referência ao enunciador. Quanto ao objeto desta tese, podemos nos referir ao tempo objetivamente quando utilizamos a noção de tempo cronológico (convenção social) ou podemos nos referir ao tempo apontando para a situação que tem como ponto de partida de referência as coordenadas enunciativas (*ego*, *hic* e *nunc*) do enunciador.

Existem estudos que afirmam que a aquisição da linguagem na criança se dá primeiramente adquirindo esse princípio da indexicalidade e só depois de um tempo somos capazes de descrever o mundo objetivamente (PIAGET, 1975, 1973, 1969). A criança se “indexalizaria” em tudo o que tenta falar e não consegue descrever a realidade com um ponto de vista externo (geocêntrico), em que esteja “de fora”. Por esse motivo que, muitas vezes, uma criança faz confusão quando diz que ela nasceu primeiro que sua mãe, porque está observando a ordem dos nascimentos a partir de si mesma, e não a partir de uma cronologia que é algo que precisa ser concebido como algo externo.

A descrição objetiva é apenas aparente, na verdade, não conseguimos descrever o mundo objetivamente, o que estamos falando aqui é da possibilidade de descrever um mundo “imitando” o mundo real, e essa é uma capacidade que o falante aprende. A linguagem, numa criança, seria antes de tudo egocêntrica.

A objetividade na linguagem do tempo pode ser vista, por exemplo, em:

85) *O Carnaval é antes da Páscoa.*

Esse enunciado é objetivo porque independe do ponto de vista do enunciador. As palavras *antes* e *depois* são recursos de uma linguagem temporal objetiva, pois *antes* **sempre** vai se referir a algo que é passado em relação a um futuro que seria o *depois*, porque essas palavras descrevem a relação objetiva causa e efeito. Por exemplo, o dia 2, em relação ao dia 3 do mesmo mês, sempre será antes, por causa da ordem de sucessão dos acontecimentos. O que tem mais tempo (antigo) é sempre anterior ao que tem menos tempo (novo).

Já enunciados do tipo:

86) *O Natal está chegando.*

é indexicalizado, pois, para ser produzido, foi necessário levar em conta o momento do enunciador que, neste caso, é um momento em que faltam menos dias para o dia 25 de dezembro do que os dias que se passaram desde o 25 de dezembro do ano anterior. Ou seja, é **necessário** levar em conta o falante, as coordenadas enunciativas do falante. Seria o mesmo que dizer:

87) *O Natal está chegando até nós.*

Há duas direções do movimento: na primeira, a direção é do futuro para o presente; na segunda, a direção é do presente para o futuro. Isto acontece porque como os enunciados envolvem a noção de movimento, mais especificamente, movimento

convergente (algo se aproxima, ou seja, converge, para algo), inevitavelmente o que se tem são direções contrárias.

4.1.1.2 Linguagem egocêntrica: subjetiva e objetiva

Nesta subseção, discutimos especificamente a linguagem egocêntrica (indexalizada, dêitica). Uma vez que uma das formas de se referir a ela é por “linguagem subjetiva”, é necessário esclarecer que os termos subjetividade e objetividade também podem se referir às duas maneiras de se construir uma linguagem egocêntrica, subjetiva. Portanto, existem duas formas de se falar do tempo egocentricamente: uma objetiva²⁵ e uma subjetiva²⁶.

Linguagem egocêntrica objetiva:

88) *O Carnaval está se aproximando [de nós].*

Linguagem egocêntrica subjetiva:

89) *Estamos nos aproximando do Carnaval.*

Nesse caso, portanto, a linguagem objetiva e a subjetiva puderam ser construídas de forma semelhante: X(ou Y) [aproximar-se de] Y(ou X)

4.1.1.3 O ponto de vista dêitico na localização de um objeto no espaço e de um evento no tempo

As palavras *frente* e *trás*, por exemplo, podem depender do ponto de vista do falante, que poderá utilizar a orientação inerente do objeto ou a sua própria orientação.

Os objetos podem apresentar uma **orientação inerente**. Por exemplo, os objetos casa, boneca, carro, por exemplo, possuem uma parte dianteira e uma parte traseira que

²⁵ Que pode ser chamada de tempo movente.

²⁶ Que pode ser chamada de ego movente.

lhês são inerentes. Isto acontece porque fazemos uma espécie de projeção do corpo humano nos objetos. Da mesma forma que falamos da parte da frente e de trás do nosso próprio corpo, da parte de cima e da parte de baixo, da direita e da esquerda, reportamos estes esquemas para os objetos quando estes possuem algumas características que possam se assemelhar com características do corpo humano que orientam nossas direções: a boca e os olhos orientam a direção da nossa frente, por exemplo. A dianteira de um carro corresponde à parte da frente do condutor e isto também é válido para a traseira, a esquerda e a direita do carro. Geralmente, em uma casa há a valorização da porta de entrada que fica voltada para a rua, e, portanto, convencionou-se entender a casa como algo que recebe uma orientação de frente e atrás. Outros objetos não possuem uma orientação inerente como bola, árvore, etc.

Portanto, para os objetos que possuem uma orientação inerente, há duas formas de descrição. E essas duas formas de descrição podem concordar ou ser contrárias:

- Descrição egocêntrica **concordando** com a descrição geocêntrica:

Situação A: existe uma bola entre o falante e uma boneca. A boneca está com suas costas inerentes voltadas para o falante.



Figura 6: Situação A. Fonte: Própria.

90) A bola está **atrás** da boneca porque vejo a boneca mais à frente do que a bola. (egocêntrica).

91) A bola está **atrás** da boneca (geocêntrica).

Estes enunciados exemplificam a explicação do falante quanto a posição da bola: ora uma explicação utilizando o seu próprio ponto de vista (egocêntrica) e outra utilizando pontos externos de referência, como a forma anatômica da posição da boneca em relação à bola.

- Descrição egocêntrica **contrária** à descrição geocêntrica:

Situação B: existe uma bola entre o falante e uma boneca que está com sua frente inerente (boca, olhos, nariz) voltada para este falante.



Figura 7: Situação B. Fonte: Própria.

92) A bola está **atrás** da boneca (explicação egocêntrica)

93) A bola está **na frente** da boneca (explicação geocêntrica)

Veamos mais duas figuras como o mesmo tipo de situação:

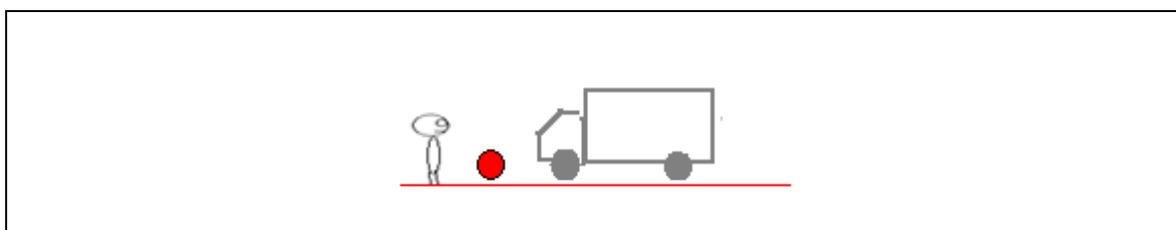


Figura 8. Situação C. Fonte: própria.

Nesta figura 8, podemos dizer, de um ponto de vista egocêntrico, que a bola está atrás do caminhão (porque o caminhão está na frente da bola), e podemos dizer, do ponto de vista egocêntrico, que a bola está na frente do caminhão.

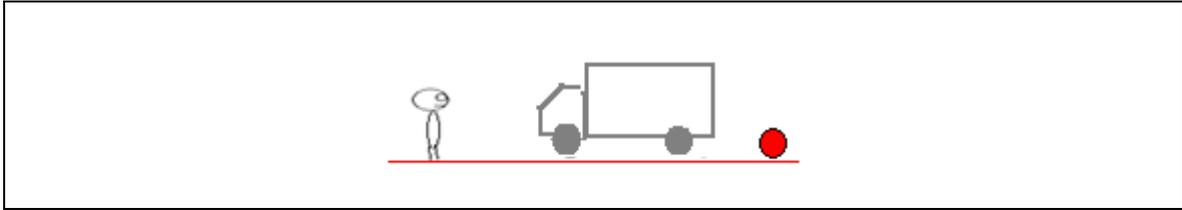


Figura 9. Situação D. Fonte: própria.

Nesta figura 9, podemos dizer, de um ponto de vista egocêntrico, que a bola está na frente do caminhão, e podemos dizer, de um ponto de vista geocêntrico, que a bola está atrás do caminhão.

Vimos algumas considerações sobre a localização de um objeto no espaço. Quando a localização é de um **evento** no tempo, os eventos (o equivale para nós a objetos no espaço) não vão possuir uma “frente” e um “atrás” inerentes. A descrição é sempre a mesma: um evento que é mais futuro que outro evento estará sempre na frente deste; um evento passado estará sempre atrás de um evento “menos” passado. Uma vez que um evento ocorre **no** tempo, o evento se move juntamente com o próprio tempo. Portanto, o passado sempre será passado e o futuro sempre será futuro.

Porém, quando a noção do tempo envolve movimento, ele, assim como o espaço, é também relativo e dependente do ponto de vista do falante. Todo movimento possui uma direção e prototipicamente entendemos que a frente é a direção do movimento e atrás é a direção para qual o movimento divergente aponta. No caso, a direção do tempo sempre é do futuro ao passado, então, se o evento ainda não ocorreu, ele vai ocorrer e então ele virá com sua frente (com seu movimento) em direção a nós (a nossa frente). Se o evento já ocorreu, ele estaria atrás de nós porque ele passa por nós.

Localizar um evento no tempo é muito semelhante linguisticamente a localizar um objeto no espaço:

- 94) *A bola está no meio da sala.* (espaço)
- 95) *A minha casa é antes da sua* (espaço)
- 96) *A reunião será no meio do mês.* (tempo)
- 97) *O meu aniversário é antes do seu* (tempo)

Além de localizarmos um evento no tempo, podemos imaginar o seu movimento no tempo, assim como podemos visualizar o movimento de objetos no espaço:

98) *A menina está se aproximando.* (espaço)

99) *Estou me aproximando da menina* (espaço)

100) *O Natal está se aproximando.* (tempo)

101) *Estamos nos aproximando do Natal* (tempo)

Como vimos, a localização de um objeto no espaço pode ser relativa, enquanto a localização de um evento no tempo não. Porém, quando falamos de objetos e eventos móveis, ambos podem ser relativos e, conseqüentemente, podem apresentar direções contrárias dependendo do tipo de linguagem.

Para mostrar mais claramente que, nesses casos, há uma direção contrária, examinemos os próximos dois enunciados que se referem a movimento no **espaço**, tendo, como exemplo, a seguinte situação: uma mulher parada e um carro em movimento em direção a ela.

102) *O carro está se aproximando da Maria parada no ponto de ônibus* (objetiva)

103) *Maria está se aproximando do carro.* No sentido de: *Maria está ficando cada vez mais próxima do carro* (subjativa)

Embora muito pouco frequente, um enunciado do tipo (103) é perfeitamente possível de ser realizado em língua portuguesa. Entendemos que seja uma forma estilística (metafórica, ou mesmo poética), porque, como está descrito na situação, a mulher está parada e o carro é quem se movimenta. Pelo movimento relativo, possuímos licença poética (ou seja, é possível em uma linguagem artístico-literária) para dizer que é Maria quem se aproxima.

Os enunciados apresentam equações contrárias porque se há um movimento de atração, é porque os dois elementos (*Maria e carro*) precisam necessariamente se mover em direções diferentes senão nunca se encontrariam.

Também haverá direções opostas no caso de o movimento ser de divergência.

No enunciado objetivo, a direção se dá do carro para Maria. No enunciado subjetivo, a direção se dá de Maria para o carro.

Tendo como referência esses enunciados de movimentação no **espaço**, vejamos um enunciado de movimentação no **tempo** com uma construção parecida:

104) O Carnaval está se aproximando (objetivo)

em que uma data específica que é futura irá chegar até nós, porque existe de fato um movimento real do tempo que é aquele que faz as coisas futuras chegarem até nós, passarem por nós e virarem passado.

Portanto, o mesmo enunciado do ponto de vista subjetivo:

105) Estamos nos aproximando do Carnaval (subjetivo)

pode ser pensado como uma metáfora, pois podemos considerar que não é o ser humano que “faz” o tempo se mover, mas ele “espera” pela ação (movimento) do tempo.

Podemos ficar parados no meio de um campo de futebol que o Sol irá se mover pelas nossas cabeças, ou seja, o tempo vai continuar se movendo. Nós sabemos que não é possível ir até o futuro, mas devemos esperar que ele chegue. Por esse motivo, o movimento do enunciador em relação ao tempo será sempre “metafórico”.

O enunciado *Estamos nos aproximando do Carnaval* é considerado subjetivo porque o movimento **real** (objetivo) não é o do homem, mas o do tempo. Portanto, o movimento é metafórico, pois não somos nós que nos movimentamos, mas, sim, o tempo.

O termo **objetivo**, por sua vez, relaciona-se com o fato de o enunciado descrever uma situação que imita, em certa medida²⁷, a realidade (objetividade).

Também no enunciado objetivo existe a indexicalidade (dêixis) temporal: no enunciado objetivo, o enunciador está se colocando na informação para poder fazer

²⁷ Existe um mecanismo linguístico que torna um discurso ainda mais “objetivo”, ou seja, imitando a realidade: é o discurso geocêntrico, que não revela marcas da enunciação.

sentido a relação aproximação vs. afastamento que se dá em relação sempre ao momento presente do enunciador. Ou seja, mesmo o enunciado objetivo *O Carnaval está se aproximando*, se alguém o lesse num tempo posterior ao Carnaval, esse alguém deverá levar em conta que o enunciador do enunciado o escreveu antes do Carnaval, pois em relação ao seu próprio tempo (o do enunciatário/leitor) o Carnaval estaria se afastando, e não mais se aproximando.

Porém, no enunciado subjetivo, o mecanismo da dêixis é mais perceptível, uma vez que quem se move é o próprio *ego*. É por isso que podemos dizer que o enunciado objetivo imitaria melhor a realidade (o mundo como ele é).

Portanto, na linguagem espacial, dependendo do ponto de referência do falante, um enunciado objetivo (geocêntrico) e um enunciado subjetivo (egocêntrico) pode apresentar, às vezes, direções contrárias.

Como imaginávamos, as direções contrárias que se encontram na linguagem temporal parecem ser da mesma natureza das direções contrárias da linguagem espacial, ou seja, de natureza linguística e não conceptual. O mais importante é considerar que essas diferenças são geradas por características inerentes ao funcionamento linguístico, mais especificamente, neste caso, ao princípio dêitico da linguagem.

4.1.1.4 Tempo discursivo e tempo narrativo

Analisando o tipo de referência discursiva revelada em um enunciado do tipo [EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA DA REFERÊNCIA Y] e do tipo [EVENTO X, FIXADO COM REFERÊNCIA DÊITICA, COM A PERSPECTIVA NO EVENTO X], glosas estas que representam respectivamente as noções de ego movente e tempo movente, percebemos que elas poderiam apresentar diferentes referências discursivas: a primeira se referiria a uma referência dêitica da enunciação, e a outra se referiria a uma referência não-dêitica.

Portanto, a questão da dêixis linguística no nível do discurso também influenciaria no estudo da linguagem temporal. Por esse motivo, pesquisamos as duas formas de se referir a um discurso, com base em estudos enunciativos.

Como já vimos, a enunciação é um ato de falar sobre os acontecimentos ora de forma que estes pertençam a um *mundo narrado*, ora a um *mundo comentado*. Essa dicotomia mundo narrado vs mundo comentado foi efetuada por Harald Weinrich (1989), e fizemos algumas aproximações teóricas com outras dicotomias de outros autores. Por exemplo: mundo narrado e mundo comentado respectivamente se assemelham com a dicotomia história vs discurso de Benveniste (2006); para Fonseca (1992), referência dêitica secundária (grosso modo, anafórica) e referência dêitica primária, e, também, os dois sistemas de Fiorin (2008), de inspiração greimasiana: o sistema enuncivo e do sistema enunciativo²⁸.

Émile Benveniste é considerado o linguista da enunciação e o principal representante do que se convencionou chamar de teoria da enunciação. Para Benveniste, enunciar é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso. A semantização da língua se dá nessa passagem. “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Temos que perceber que o aparelho formal da enunciação de Benveniste não está limitado a formas específicas, mas é integrante da língua em sua totalidade, porque é um mecanismo de referenciação único: o sujeito e a sua enunciação. Quando o enunciador mobiliza a língua, ele estabelece uma relação com o mundo por meio do discurso de um sujeito, enquanto, do outro lado, o alocutário co-refere. “Com isso, tanto os signos plenos como os vazios estão submetidos ao centro enunciativo do discurso” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 41).

O ato de referenciar é que cria “um mundo” a ser referenciado, porque ao enunciar entram em jogo basicamente três categorias enunciativas: pessoa, tempo, espaço, elementos capazes de recriar um mundo a partir da instância do *ego-hic-nunc* e o tempo se ordenaria, na língua, a partir de coordenadas criadas na instância do discurso (BENVENISTE). Portanto, a referenciação de Benveniste deve ser vista dentro dos estudos estruturais de uso da língua, porque é só com o uso que há enunciação e é só na enunciação que há essa referência.

²⁸ O sistema enunciativo subordina o sistema enuncivo, ou há um apagamento do valor enunciativo.

Fiorin (2007), ao explicar que para Benveniste o tempo linguístico nada tem a ver com o tempo físico e o tempo cronológico, diz que:

A radical originalidade do tempo linguístico é que ele se constitui no ato de tomar a palavra, na enunciação. O momento em que o *eu* enuncia é o *agora* e, a partir desse momento, constitui-se o tempo linguístico (BENVENISTE, 1974, p. 73). O *agora* é recriado a cada momento em que o enunciador toma a palavra. Por isso, o momento da enunciação não pode ser localizado em nenhuma divisão particular do tempo cronológico, uma vez que ele as admite todas e não exige nenhuma (BENVENISTE, 1974, p. 74). A temporalidade do enunciador é aceita pelo enunciatário. Por conseguinte, o *agora* do enunciador é o *agora* do enunciatário. É isso que garante a inteligibilidade da localização temporal dos acontecimentos. (FIORIN, 2007, p. 3)

A noção de dêixis está diretamente ligada à questão da referência. Pensamos aqui não na dêixis clássica que é a do “ato de apontar para o mundo”. Pensamos em uma referência ao mundo, sim, mas a um mundo mediado pelo homem, ou seja, pela enunciação.

Vamos agora observar melhor a distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Na situação comunicativa do mundo comentado, “é a partir de uma “origo” constituída pelas coordenadas enunciativas eu-aqui-agora que se desenha na mostraçãõ “dêitica” um campo mostrativo em que é possível “apontar” para objetos e circunstâncias” (FONSECA, 1992, p. 91).

Ao mundo narrado “pertencem os relatos; estabelece-se entre os interlocutores uma atitude mais relaxada. [...] O destinatário é simples ouvinte” (PONTES-RIBEIRO, 2007, p. 27)

Fonseca (1992) também vê a comunicação com essas duas sensações, diz que o locutor “vive num estado de *tensão* que lhe augura uma vida curta, se não for reconhecido que fazem parte da sua competência de falante dimensões que lhe permitem incluir, na atividade linguística, momentos de *distensão*²⁹.” (FONSECA, 1992, p. 29). Quando ocorre a distensão, é porque houve uma suspensão do dispositivo de comunicação dêitico. “Há formas de uso na linguagem em que se suspende, em grau maior ou menor, a referência direta a um contexto presente.” (FONSECA, 1992, p. 31).

²⁹ Sobre essa *distensão*, Fonseca (1992) diz que alude à mesma distensão de Weinrich, para o mundo comentado.

Fonseca (1992) afirma que a atividade de narrar acontece quando, ao se falar, num “aqui-agora”, de um “outro aqui-agora”, refere-se a um lá-então. Essa atividade de narrar é feita através do sistema enuncivo da língua. O sistema enuncivo está mais distanciado da instância da enunciação porque provoca uma ilusão de independência deste. Está indiretamente ancorado na situação de enunciação e se apresenta, assim, como fictivamente autônomo em relação ao contexto em que é produzido (ou seja, autônomo ao “eu pensante”), está fictivamente desinserido da instância enunciativa. Essa autonomia é que acaba trazendo ao sistema enuncivo um caráter objetivo.

É uma ilusão porque, de fato, o sujeito falante não pode separar-se de um “aqui” e de um “agora” que se movem consigo. Porém:

O homem pode ao usar a linguagem e só porque a usa, desenraizar-se fictivamente da sua situação de enunciação, deslocando-se a si próprio e ao seu interlocutor no tempo e no espaço: “Era uma vez...”, a fórmula do conto maravilhoso, é uma das manifestações mais evidentes desta forma de utilização da linguagem verbal.” (FONSECA, 1992, p. 35)

Essa subordinação também pode ser encontrada nesta passagem: “preso a um aqui-agora que transporta consigo, o sujeito falante tem, no entanto, a possibilidade de (re)criar um outro aqui-agora, isto é, um lá então.” (FONSECA, 1992, p. 36). Ou seja, mesmo quando se tem criado um texto enuncivo, está transportado com ele um tempo enunciativo. Prova disso é que sempre poderemos encontrar marcas da enunciação enunciada, como os adjetivos apreciativos, nos discursos, mesmo que sejam discursos enuncivos. (FIORIN, 2008)

O tempo criado pelo mecanismo do mundo narrado possui uma objetividade sentida como um fluxo distenso no tempo, como um fluxo de informações que vão passando por nós do futuro ao passado. O tempo criado pelo mecanismo do mundo comentado possui uma subjetividade sentida pela nossa consciência de que estamos “fixados” em uma linha do tempo, e, portanto, tem a nossa visão para frente, numa orientação que segue do passado para o futuro.

A Semiótica Francesa também pensa nessa dupla distinção do tempo:

[...] a debreagem temporal como um processo de projeção, no momento do ato de linguagem, fora da instância da enunciação do termo não-agora, e que tem por efeito instituir de um lado, por pressuposição, o tempo *agora* da enunciação e, do outro, permitir a construção de um tempo “objetivo” a partir da posição que se pode chamar *tempo de então*. (GREIMAS; COURTÉS (2008, p. 113)

Na debreagem, que é a projeção, para fora da instância da denunciação, dos tempos (e pessoas e espaços) que servem para constituir o enunciado, podemos construir ou um enunciado que é um simulacro da enunciação em que se tem a ilusão de estar diante da temporalização do ato de dizer, ou um enunciado que não represente uma enunciação em que se tem a ilusão de estar diante da temporalização dos eventos em si. “Temos uma debreagem temporal enunciativa quando se projetam no enunciado os tempos do sistema enunciativo. A debreagem será enunciativa quando se estabelecem no enunciado os tempos do sistema enunciativo.” (FIORIN, 2008, p. 147).

Porém, como veremos, analisando primeiramente a estrutura e a natureza linguística desses enunciados, poderíamos chegar a formas mais básicas de descrição. Os modelos de ego movente e tempo movente partem de uma “imagem” de movimento para depois irem para as formas linguísticas, quando deveria ser o contrário, neste caso.

Para mostrarmos como isso é possível, devemos retomar as conclusões sobre os tipos de linguagem, vistas no início desta subseção 4.1.

Na linguagem egocêntrica subjetiva, quando é o falante quem se movimenta pelo tempo, o tempo se orientaria do passado para o futuro, e, portanto, possui o seguinte padrão:

- O que está à frente do que se move, ou depois, está no futuro
- O que está atrás do que se move, ou antes, está no passado

Na linguagem egocêntrica objetiva e na linguagem geocêntrica, quando é o tempo (ou evento) quem se movimenta e quando há a ideia de movimento **direcionado**, encontramos outro padrão:

- O que está à frente do que se move é o passado
- O que está atrás do que se move é o futuro

Como vimos, a linguagem geocêntrica e a linguagem egocêntrica objetiva “imitariam” a realidade, ou seja, o tempo crônico objetivo e, portanto, sua estrutura semântica seria derivada da estrutura conceptual que temos do tempo crônico objetivo. Já a linguagem egocêntrica subjetiva faria uma “metáfora” com a realidade, e, portanto, **derivaria** de uma visão subjetiva do mundo. À semelhança do que vimos sobre o movimento ascendente em relação ao movimento descendente (seção 2), o falante faz uma consideração subjetiva a respeito da ordenação dos acontecimentos (tempo objetivo), que tornaria a direção do movimento no tempo necessariamente contrária. Ou seja, embora o esquema do tempo crônico subjetivo possua um tempo que se orienta de forma invertida em relação ao tempo crônico objetivo (cujo correlato referencial é o tempo físico), ele não perde este “de vista”, pois o ego está tomando como referência o próprio tempo crônico para poder “calcular” o tempo dos eventos: a diferença é que há um sujeito que ordena, mas ainda assim ele ordena em cima/sobre o tempo crônico. Isto significa que os modelos cognitivos do ego movente e do tempo movente derivam de uma mesma estrutura conceptual: o tempo crônico. O *frame* de referência sequencial, por sua vez, não seria uma representação do tempo físico: antes disso, ele é tempo crônico, este sim é uma representação do tempo físico.

Esses dois tipos de discurso nos mostram diferenças no nível de comprometimento que o falante quer que seu enunciador mantenha: o tempo movente, ou qualquer outro fenômeno que “imita” a realidade, como a referência da sequência temporal, descreve um **mundo narrado**, enquanto o ego movente exige um enunciador atento à enunciação do falante, descrevendo um **mundo comentado**.

Percebemos que a natureza discursiva do enunciado influencia diretamente o tipo de movimento imaginado por nós de um trajetor. O enunciado linguístico pode ser mais objetivo ou mais subjetivo e, respectivamente, poderá se enquadrar nas descrições de tempo movente (e também de sequência temporal) e de ego movente.

Esse tipo de questão talvez seja a principal questão delegada aos linguistas, pois os estudos de ego movente e de tempo movente, feitos pelas ciências da psicologia são limitados ao falarem sobre os enunciados testados.

Enunciados do tipo:

106) Minha parte favorita da peça está chegando.

107) O prazo final tinha passado.

são mais objetivos do que os enunciados do tipo:

108) Nós teremos uma resposta daqui a uma semana.

109) Ela passou do prazo.

110) Nós estamos chegando perto do Natal.

Isto porque a subjetividade envolve a atenção dispensada pelo falante ao ouvinte enquanto participante da enunciação (apresentando muitas vezes dêixis temporal e espacial). Já a objetividade requer que o falante e/ou ouvinte construam o significado com base em um número mínimo de inferências. Por esse motivo, acreditamos que o tempo do falante/ouvinte que lida com um enunciado mais objetivo nos faz conceptualizar um tempo mais objetivo; enquanto o tempo de um enunciado mais subjetivo nos faz conceptualizar um tempo mais subjetivo.

Enquanto o português, muito provavelmente, se utiliza mais da metáfora do ego-movente, o mandarim, por exemplo, utilizaria mais a metáfora do tempo movente do que a metáfora do ego movente (BORODITSKY, 2001, 2009), como veremos. A escolha por uma ou por outra reflete uma maneira de dar valor ao tempo. Essa diferença é a intenção do falante e sua postura em relação ao tempo. Falantes de mandarim teriam uma postura passiva em relação ao tempo, enquanto nós teríamos uma postura mais ativa em relação ao tempo, e por isso preferimos fixar o tempo como ponto de referência e nós nos movermos sobre ele.

Relacionar os dois modelos cognitivos de tempo (o ego movente e o tempo movente) com os dois grandes tipos de discurso (o narrativo e o discursivo, KOCH, 2000) é algo muito claro para nós. Como resultado de nossa pesquisa, concluímos que

não há, até o momento, nenhum estudo que tenha feito essa relação para podermos aprofundar essa questão.

Aliás, pudemos fazer uma outra constatação após lermos vários trabalhos que versavam sobre os modelos cognitivos do ego movente e do tempo movente: de modo geral, aqueles trabalhos tratam da questão das direções contrárias do tempo como algo que ocorre em função da linguagem temporal (veja, por exemplo, GENTNER, 2001; BORODITSKY, 2011, 2001, 2009; CASASANTO, BORODITSKY, 2008; CASASANTO, FOTAKOPOULOU, BORODITSKY, 2010; CLARK, 1973; LAI, BORODITSKY, 2011; MERRITT, CASASANTO, BRANNON, 2009; NÚÑEZ, MOTZ, TEUSCHER, 2006; NÚÑEZA, SWEETSERB, 2006; G.

Porém, como vimos, essa questão de direções contrárias é também vista na linguagem espacial que, por sua vez, recebe influência direta da forma como a língua está ancorada no contexto discursivo, ou seja, a propriedade dêitica da linguagem é quem permite as direções contrárias.

4.1.2 Comparando propriedades do ESPAÇO e do TEMPO

Como pudemos perceber nas análises linguísticas sobre a linguagem temporal na seção 3, percebemos que precisaríamos trabalhar com as noções que envolvem o conceito de ESPAÇO. Por esse motivo, escolhemos um trabalho sobre Semântica espacial para detectar as características da linguagem espacial e comparar as características temporais que iam surgindo à medida que encontrávamos enunciados exemplares equivalentes para o tempo. Esta comparação nos ajudaria a relatar todas as relações temporais que necessitam de um apoio nas explicações de ordem espacial.

Existem vários trabalhos sobre Semântica espacial. O trabalho escolhido foi o de Zlatev (2007), que faz uma revisão sobre vários estudos sobre Semântica espacial, revelando as principais características do espaço de acordo com os linguistas. Segundo Zlatev (2007), os conceitos básicos do **espaço** são:

1. Trajetor (*Trajector*);
2. Marco (*Landmark*);
3. Ponto de vista (*Frame of Reference e View point*);

4. Região (*Region*);
5. Trajetória (*Path*);
6. Direção (*Direction*);
7. Movimento (*Motion*).

Percebemos que a noção de ESPAÇO encontrada na linguagem pode utilizar de um ou mais desses conceitos. Descobrimos, testando a linguagem, que esses sete conceitos são os mesmos conceitos que recobrem a noção de TEMPO. Vejamos um a um e sua respectiva correspondência com o tempo:

Trajetor³⁰

Um enunciado espacial pode expressar um “trajetor” que é a entidade cuja localização é relevante. O trajetor³¹ pode ser estático ou dinâmico. E pode ser um evento, um objeto ou uma pessoa.

111) *Ela está na escola.* (o trajetor é uma pessoa e é estático)

112) *Ela foi para a escola.* (o trajetor é uma pessoa e é dinâmico)

113) *Ela estava brincando* no quarto dela. (o trajetor é um evento e é estático; a localização espacial do evento – que é por natureza dinâmico – se dá pontualmente em um espaço bem definido, ou seja, localiza-se de forma estática)

Veja que a noção de trajetor se aplica ao TEMPO:

114) *Ela está na flor da idade.* (trajetor estático)

115) *Ela foi para o nono ano.* (trajetor dinâmico)

³⁰ LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987; SINHA e THORSENG, 1995; REGIER, 1996; ZLATEV, 1997 apud ZLATEV, 2007.

³¹ Também encontramos os termos *referent* (MILLER e JOHNSON-LAIRD, 1976; LEVELT, 1996), ou conceito de *Figure* da psicologia da Gestalt (TALMY, 1983, 2000; LEVINSON, 1996, 2003).

116) *Ela estava brincando ao meio dia.* (trajetor estático; a localização temporal do evento – que é por natureza dinâmico – se dá pontualmente em um tempo bem definido, ou seja, localiza-se de forma estática)

Portanto, se diz que um trajetor é estático quando a forma de localizá-lo no espaço ou no tempo se dá de forma pontual (estática), e se diz que um trajetor é dinâmico quando para o localizarmos no espaço ou no tempo precisamos fazer isso de forma dinâmica.

Marco³²

O “landmark³³” é a entidade de referência (marco) em relação ao qual a localização ou a trajetória do movimento do trajetor é especificada (dinâmica ou estaticamente). Estamos utilizando o termo de Langacker que propõe que os termos *trajetor* e *landmark* devam ser entendidos na forma mais geral possível, que não seja restrita apenas ao domínio espacial. Então, vamos considerar que qualquer “ponto de referência” pode servir como um *landmark*, como o centro dêitico.

117) *Ela está na escola* (marco: escola)

118) *Ela foi para a escola* (marco: escola)

119) *Ela estava brincando no quarto dela* (marco: quarto dela)

120) *O balão subiu.* (marco: céu)

121) *O balão subiu ali* (marco: o “ali” do falante – dêitico)

122) *Venha aqui.* (marco: o “aqui” do falante – dêitico)

Veja que a noção de marco se aplica ao TEMPO:

³² O termo pertence a Langacker.

³³ Outros termos para essa noção são: *Ground* (TALMY, 1983, 2000; LEVINSON 1996, 2003) e *relatum* (MILLER; JOHNSON-LAIRD, 1976; LEVELT, 1996). Eles diferem em relação a se o *landmark* sempre está presente em uma situação. Alguns pesquisadores não concordam porque consideram o *landmark* algo necessariamente do ESPAÇO. E uma sentença do tipo: “Venha aqui!” seria problemática.

123) *Ela está no nono mês de gravidez* (marco: período que sucede a 8 meses de gravidez)

124) *Ela foi para o nono mês de gravidez* (marco: período que sucede a 8 meses de gravidez)

125) *Ela estava brincando dia 15* (marco: dia 15 do mês e ano do falante)

126) *O balão subiu.* (marco: o “agora” do falante – dêitico)

127) *O balão subiu ontem* (marco: o “ontem” do falante – dêitico)

128) *Venha.* (marco: o “agora” do falante – dêitico)

O marco seria o local (para o espaço) e a data (para o tempo). É o que responde às perguntas: quando? e onde? E trajetor responderia à pergunta “O que” em O que é quando? O que é onde?

O marco para o tempo geralmente é a linha do tempo, ou um período de tempo.

Frame de referência ou perspectiva

A perspectiva para se localizar algo no espaço pode ser de três formas: pelo ponto de vista do falante, pela perspectiva do marco em si, ou pelo ponto de referência geocêntrico.

Em inglês, é comum para Perspectiva o termo *Frame of Reference*, abreviado como FoR.

Entretanto, enquanto quase todos os autores consideram-no importante, eles não o definem da mesma maneira. Segundo Levinson, “há exatamente três *frames* gramaticalizados ou lexicalizados na linguagem” (LEVINSON, 1996, p. 138):

- a) *Intrinsic FoR*: o ponto de referência principal coincide com o *landmark*, e eixos e ângulos são projetados na base de sua geometria (ex. *na frente da casa*)
- b) *Relative FoR*: um ponto de vista real ou imaginário serve como ponto de referência e coordenadas são projetadas na base desse ponto de vista (ex. *na frente do muro*)

- c) *Absolute FoR*: o sistema é ancorado em posições geográficas-cardinais fixas. (ex. *ao norte da casa*)

Expressões espaciais definidas na base desses *frames* têm propriedades lógicas diferentes: intrínseco e absoluto são binários, enquanto relativo é ternário.

Para Langacker, qualquer ponto de referência serve como marco (sendo alguns mais marcados que outros), e de acordo com o seu modelo, o(s) ponto(s) de referência de outras noções geométricas constituem “um domínio abstrato” para a definição de expressões espaciais.

Mas essa tripartição de Levinson é problemática porque ela leva em conta só o plano horizontal, e existem línguas que no “*frame* absoluto” levam em conta a verticalidade.

Levinson nos chama a atenção para o fato de que existe uma origem para o sistema de perspectiva que nem sempre será dêitico quando a perspectiva for relativa.

Zlatev (1997) define três perspectivas: *allocentric*, *deictic* e *geocentric*. Mas reconhece que é problemática porque ela confunde o FoR com o *landmark*.

Também não iremos chamar de dêitico o *frame* relativo, pois nem sempre ele o será, e acreditamos que deva existir dêixis na forma intrínseca. Veja:

129) *Ele está na frente do arbusto! (FR Relativo, O- o falante)*

130) *Ele está na frente do arbusto para o João! (FR Relativo – O. João)*

Quanto ao tempo, notamos com nossas análises que ele possui também um *frame* de referência, e que pode ser também de três tipos: intrínseco, relativo e absoluto. Veja, a seguir, exemplos de enunciados espaciais (131, 132, 133) e seus “correspondentes” enunciados temporais (134, 135, 136):

131) *Ele está na frente de casa.*

132) *Ele está na frente do muro.* (vai depender de onde o enunciador está)

133) *Ele está ao norte da casa.*

134) *Eu cheguei na sua frente.* (cheguei primeiro que você)

135) *Estou a 3 dias do dia 8* (estou no dia 5 ou no dia 11? Estou a 3 dias atrasado ou adiantado? Vai depender, de fato, de onde o falante está.)

136) *Estou no dia 5.* (= *Estou no dia 5 de agosto de 2013 depois do nascimento de Cristo, de acordo com o calendário cristão*)

Como já foi discutido, um evento não possui uma orientação inerente de frente e atrás. Porém, se há movimento, haverá uma orientação do movimento que vai depender do ponto de vista.

Região

As línguas não relatam o trajetor e o marco diretamente, mas através de uma “região” que pode ser definida como uma configuração do espaço em relação ao marco. Região seria o mesmo que “*conformation*” de Talmy (2000). Ela seria uma informação a mais em relação ao marco.

Jackendoff (1990) distingue *landmark* de *region* associando o primeiro como *thing* e o segundo como *place*. Alguns exemplos de regiões, segundo Jackendoff: interior, exterior, próximo, no meio, superior, inferior, anterior, posterior, etc.

137) *Ela está **na escola*** (marco: escola, região: dentro)

138) *Ela foi **para a escola*** (marco: escola, região: ao redor, dentro)

Quanto ao tempo, também há como especificar mais o local além de falar apenas do marco:

139) *Ela está **no nono mês de gravidez*** (dentro de um período de 30 dias)

140) *Ela foi **para o nono mês de gravidez*** (próximo, ao redor, dentro)

141) *Ela estava brincando **dia 15*** (dentro do dia)

- 142) *O balão subiu.* (dentro de um período de tempo que é passado)
- 143) *O balão subiu ontem* (dentro de um período de tempo de um dia)
- 144) *Venha.* (marco: o “agora” do falante – dêitico; região: dentro da duração do agora)
- 145) *Estou perto do meu aniversário* (próximo)
- 146) *Estou dentro do prazo* (interior)
- 147) *Estou fora do prazo* (exterior)
- 148) *Terminei antes do prazo* (anterior)
- 149) *Terminei depois do prazo* (posterior)

Trajectoria

Como vimos, o trajetor se localiza pelo marco. Essa localização é feita com uma região para indicar qual a relação entre o trajetor e o marco.

Quando o trajetor é localizado de forma dinâmica em relação ao marco, além de possuir uma região ele também possui uma indicação sobre que forma geométrica essa trajetória possui e qual a sua posição durante a sua localização dinâmica: se começo, meio ou fim. Esses são os três componentes da trajetória.

Existem três componentes distintos do movimento: o começo, o meio e o fim. Esses usos são os “caminhos esquemáticos” *schematc path* (JACKENDOFF, 1990; ZLATEV, 1997).

- 150) *João saiu do quarto* (região: interior *path*: começo)
- 151) *João veio pelo quarto* (*path*: meio)
- 152) *João entrou no quarto* (*path*: fim)
- 153) *João está no quarto* (*path*: zero)

No caso do tempo, sempre a trajetória é ou linear ou cíclica. E também pode estar no começo no meio ou no fim.

- 154) *O inverno chegou. (path: fim)*
- 155) *Saímos do outono. (path: começo)*
- 156) *Estamos no inverno. (path: zero)*
- 157) *Estamos entrando no inverno. (path: meio)*
- 158) *Voltamos à estaca zero. (path: cíclico)*

Essas considerações sobre a orientação do movimento se assemelham a orientações espaciais feitas em relação ao esquema de imagem de contêiner.

Direção

A noção de direção é especificada como um vetor do movimento. Às vezes a trajetória e a direção coincidem. Por exemplo, os verbos *cair* e *subir* possuem uma direção, mesmo que ainda não conheçamos seu caminho.

- 159) *A menina correu!* A direção prototípica seria uma que partisse da pessoa e fosse em direção ao exterior, indo embora.
- 160) *A menina correu até mim!* A direção não é mais para fora do enunciador.

E quanto ao tempo? Qual a direção do trajetor em seu trajeto?

- 161) *O tempo correu.*
- 162) *O tempo passou.*
- 163) *O tempo está chegando.*

Movimento

O enunciado espacial pode apresentar movimento ou não. Se há movimento, então há uma trajetória. O movimento pode ser real ou virtual³⁴, ou seja, o movimento de localização do evento é imaginário ou não:

164) *Olhei através do bosque.*

165) *O escritório dele atravessa o corredor.*

166) *O gramado contorna a igreja.*

167) *Essa estrada vai para Cotia.*

168) *A viga atravessa a parede.*

169) *A igreja dá de cara com a minha casa*

Nesses exemplos, há uma espécie de personificação. Os exemplos de 165 a 169, por exemplo, podem ser explicados pelo fenômeno da hipálage. Veja as discussões de cada um desses seis exemplos:

170) O trajetor é o olhar do enunciador. O trajeto é um percurso em que há o movimento de olhar.

171) O escritório possui dimensões muito grandes.

172) Nesse exemplo, o trajetor é localizado de forma estática, e não haveria, portanto, movimento (ele está em volta e pronto) mas, nesse exemplo em particular, a metáfora faz com que essa localização se dê de forma dinâmica e, como o evento não é real, se diz que é virtual.

173) A estrada liga o ponto espacial do enunciador com a cidade de Cotia.

174) A viga **está** entre uma parede e outra oposta.

³⁴ *Virtual motion* (TALMY, 1983), *abstract motion* (LANGACKER, 1987) ou *fictive motion* (TALMY, 1996, TAKAHASHI, 2001) apud Zlatev, 2007. Talmy (1996) apresenta uma elaborada classificação dos tipos de “movimentos fictícios”, argumentando que o movimento existe em níveis diferentes de palpabilidade e que cada falante experiencia uma sensação de movimento por alguma construção de movimento fictícia.

175) A porta da igreja fica de frente para a casa do enunciador.

Quanto ao tempo, o movimento de localização temporal sempre é virtual. Dizer que o tempo voa, que a data passou, que o dia do aniversário está chegando, é descrever ações de movimento que são imperceptíveis aos nossos olhos (o movimento real do tempo é muito lento).

176) *Estudei ao longo do ano todo.*

177) *Meu prazo atravessa o mês de agosto todo.*

178) *O evento é por volta do mês de agosto.*

179) *O prazo vai até maio*

180) *A chuva atravessou o mês inteiro*

181) *Estamos encarando a data final*

Podemos perceber que quando o movimento é diferente de zero, ou seja, quando o movimento de localizar temporalmente um evento existe (e é virtual), está inclusa a noção de duração.

Os enunciados desta subseção 4.1.2 podem ser analisados por meio da ideia de esquemas de imagens, uma vez que as coordenadas espaciais são fundamentais nessas descrições. Por exemplo, em *Sáimos do outono* conceptualizamos a ideia de percurso (*path*) e contêiner (*container*), à semelhança, por exemplo, de *Sáimos de uma enrascada*.

Nessa subseção 4.1.2, sobre as propriedades do espaço e do tempo, concluímos que todas as propriedades do espaço são utilizadas pelo tempo. Portanto, podemos dizer que o modelo cognitivo do espaço faz parte da estrutura conceptual do tempo. A diferença entre um esquema visual do tempo e um esquema do espaço é que naquele a trajetória também possui uma direção (porque o tempo é movimento), enquanto o espaço não se move. Nesse caso, existe uma direção do próprio caminho (trajetória). O trajetor, por sua vez, terá duas possíveis direções, dependendo da **natureza** do enunciado linguístico: uma que será semelhante à direção do próprio trajeto (tempo), outra que será

semelhante à direção de uma ordem convencional criada pela nossa cultura: a da esquerda para a direita.

4.1.3 A Metáfora Conceptual do Tempo

Ao analisar enunciados e itens lexicais que denotavam tempo, percebemos que a linguagem temporal não é apenas uma linguagem metafórica do espaço. Existe uma linguagem estritamente temporal, ou seja, própria do tempo, e existe uma linguagem sobre o tempo que se utiliza não só noções próprias da linguagem espacial, ou seja, noções do conceito de ESPAÇO, mas também de noções como DINHEIRO, OBJETO, PESSOA, etc. e, por esse motivo, é considerada uma linguagem metafórica.

A linguagem estritamente temporal, ou seja, que só serve para falar sobre o tempo, se constitui: na flexão temporal dos verbos, pois este não é um mecanismo derivado dos mecanismos da linguagem espacial, nem de qualquer outro domínio; em advérbios e verbos que também só podem ser usados num sentido temporal; e em enunciados que se utilizam de substantivos que denotam eventos cronológicos. Veja, a seguir, alguns exemplos de elementos linguísticos que se referem apenas ao tempo.

Morfemas modo temporais: *Ele sobreviveu! Ele **tinha** corrido! Ele correrá! Ele correria! Se ele corresse! O trêm chegou.*

Advérbios: *Ontem, Hoje, Amanhã, De vez em quando*

Verbos: *Durar, Demorar, Delongar, Anteceder*

Itens lexicais: *Existem agora poucos **dias entre** a data de hoje e a data do Carnaval.; O desastre é **iminente** (= O desastre está vindo)*

Percebemos, após refletir sobre os enunciados, que a linguagem estritamente temporal parece construir apenas a ideia de um tempo crônico objetivo, ou seja, o tempo como ele é fisicamente.

Quando há metáfora temporal, percebemos que a conceptualização é relativa a cada língua, como veremos melhor na seção 6.

Por outro lado, existem formas de se falar de tempo que se utilizam de ideias de outros domínios: o domínio do espaço, do dinheiro e da agentividade, por exemplo. Esse fenômeno se chama metáfora.

Há vários estudos sobre a metáfora. O estudo mais atual é o da vertente cognitivista que considera a metáfora como conceptual. A Teoria Conceptual da Metáfora (por exemplo, LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF e TURNER, 1989; LAKOFF, 1993) diz que antes de ser metáfora na língua, uma metáfora já seria um produto de um processo metafórico dentro do nosso sistema conceptual. Nesse sentido, a metáfora TEMPO É MOVIMENTO DE OBJETOS (AO LONGO DE UM CAMINHO) – TIME IS MOTION OF OBJECTS (ALONG A PASS) – seria uma projeção, unilateral, de um domínio para outro, no caso, entre conceitos de espaço e conceitos de tempo no nível pré-linguístico.

Em linhas gerais, a metáfora conceptual é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). O domínio-fonte envolve geralmente propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato.

O domínio-fonte tende a ser mais concreto (mais “apreensível”), enquanto o domínio-alvo seria mais abstrato, e, portanto, mais difícil de compreender e retratar linguisticamente.

Os falantes de uma língua preferem, quase sempre, empregar uma construção metafórica a utilizar uma construção literal por pelo menos dois motivos: o primeiro deles é a “concretização” do pensamento abstrato, que se torna mais palpável por meio de ideias mais concretas; o segundo motivo é que essas ideias concretas são vinculadas aos nossos corpos e experiências de vida que, como já vimos, são neurologicamente programadas.

4.1.3.1 Tipos de domínio-fonte

Domínios-alvos são formados por conceitos, como ESPAÇO, AMOR, CORRER, etc. Domínios-fonte podem ser formados por conceitos e por pré-conceitos (esquemas de imagem) (LAKOFF, 1987, 1990).

O tempo, por exemplo, é uma metáfora cujo domínio-fonte pode ser um esquema de imagem ou um conceito (ESPAÇO, DINHEIRO, PESSOA). Recorremos ao conhecimento de base experiencial relativo a um determinado domínio fonte e o projetamos para o domínio abstrato de tempo.

4.1.3.2 Princípios da metáfora

A metáfora, num sentido tradicional, possui as seguintes propriedades: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração.

A partir das nossas discussões na subseção 4.1.2, percebemos que o tempo entendido como metáfora do espaço apresenta todas essas características:

a) possui convencionalidade, porque o seu uso é muito antigo e já está consolidado (seria a idade da metáfora);

b) possui sistematicidade porque, como veremos, a metáfora estabelece um campo de comparações, e não somente um único ponto de comparação. Ou seja, estabelece-se uma associação não somente entre um conceito e outro, mas entre vários conceitos participantes do mesmo campo semântico do alvo e da fonte. (CANÇADO, 2012, p. 132);

c) possui assimetria porque tempo é metáfora de espaço, mas não se pode fazer o inverso, e dizer que espaço é metáfora de tempo;

d) possui abstração, pois utiliza uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato, ou seja, inegavelmente o espaço é mais concreto que o tempo (mesmo quando o sentido de espaço pode ser o de entidade ou objeto, que são matérias espaciais).

Haspelmath (1997) que se preocupa com o problema da descrição da conceptualização do tempo, examinou alguns advérbios temporais em 53 línguas e

confirmou que a transferência de termos espaciais para o domínio do tempo pode ser universal, no sentido de que todas as línguas emprestariam algo do espaço para falar de tempo.

Podemos encontrar, na literatura sobre o assunto, algumas tentativas de mapeamento do processo da metáfora conceptual de TEMPO É MOVIMENTO DE OBJETOS (AO LONGO DE UM CAMINHO):

Domínio de Origem: ESPAÇO	Mapeamento	Domínio Alvo: TEMPO
Objetos	→	Tempo
O movimento de objetos passando pelo observador	→	A “passagem” do tempo
A proximidade ou a distancia de um objeto em relação a um observador	→	A proximidade ou a distancia de eventos
A localização do observador	→	O presente
O espaço em frente ao observador	→	O futuro
O espaço atrás do observador	→	O passado

Quadro 12. Fonte: Adaptação de Evan (2013, p. 171)

Segundo Lakoff e Johnson (1980), as expressões metafóricas são motivadas por um padrão da mente que já estava construído para que nos expressássemos assim. As correlações (os mapeamentos) fazem com que eles estruturem ideias (abstratas por natureza) em nossa mente, em termos de conceitos mais concretos.

Mas essa análise de TEMPO É MOVIMENTO DE OBJETOS (AO LONGO DE UM CAMINHO) é apenas uma das metáforas do tempo e, infelizmente, apenas a do tempo é feito o mapeamento.

Muitos trabalhos fazem suas glosas metafóricas. O mais influente deles é o de Lakoff e Johnson (1980), porém, estes autores não chegam a explicar se, em sua obra, esgotaram todas as glosas possíveis sobre a metáfora temporal, nem se as glosas que lá se encontram são do mesmo nível ou se uma poderia ter sido derivada de outra. Nós, após análises dos enunciados, resolvemos definir o menor número de glosas para toda a linguagem metafórica do tempo em língua portuguesa.

Com base na identificação de características semelhantes quanto ao domínio de origem, classificamos quatro grandes grupos metáforas conceptuais de tempo:

TEMPO é LOCAL (ESPAÇO)

TEMPO é ENTIDADE MOVEL

TEMPO é DINHEIRO

TEMPO é PESSOA/OBJETO

Notamos que a linguagem ao falar de tempo nem sempre faz com que o falante se utilize de **todo** o conhecimento que tem do conceito de TEMPO, pois muitos enunciados acionam apenas **parte** do conceito de TEMPO. Dentre essas conceptualizações de partes do conceito de TEMPO, podemos classificá-las em quatro categorias representacionais, ou seja, ao recortar apenas algum aspecto do conceito total de TEMPO, percebe-se que há semelhanças no modo como ocorre a conceptualização dos enunciados, e se pode agrupar em quatro categorias, que são as metáforas conceptuais: TEMPO é LOCAL, TEMPO é ENTIDADE MÓVEL, TEMPO é DINHEIRO e TEMPO é PESSOA/OBJETO. Porém, existem enunciados que se encaixam em mais de uma metáfora conceptual.

Nos enunciados exemplares, a seguir, poderão ser destacados em negrito as unidades fraseológicas (locução e expressão idiomáticas), verbos e palavras responsáveis por acionar nosso conhecimento de tempo.

TEMPO é LOCAL

Vejamos os exemplos:

182) *Eles resolveram ficar **no meio** do corredor.*

183) *Eles fazem a prova **no meio** do ano.*

No primeiro exemplo, a palavra *meio* significa o ponto equidistante das extremidades de uma região delimitada, no caso, o corredor, e portanto é uma palavra do domínio do ESPAÇO entendido enquanto grandeza física que apresenta dimensão, medida, e localização.

No segundo exemplo, essa mesma palavra está sendo empregada num sentido temporal, pois não se trata da metade de um espaço delimitado, mas da metade da quantidade de tempo que tem um ano. Portanto, a palavra *meio* está sendo empregada em sentido metafórico no segundo exemplo).

Veja outra dupla de exemplos:

184) *Estou **chegando na** sua casa.* (espacial)

185) *Estou **chegando na** data final.* (temporal)

Portanto, a noção de tempo pode, na linguagem, ser metáfora da noção de espaço. Isso significa que a propriedade espacial da mensurabilidade pode ser aplicada ao tempo.

Essa metáfora conceptual categoriza aqueles enunciados que trazem uma ideia temporal que se utiliza da ideia de **localização espacial** seja ela associada ou não à ideia de **movimento**. Quando existe a ideia de movimento nessa localização espacial, e o agente do movimento não é o próprio tempo, temos uma linguagem figurada, pois apenas o tempo é quem pode se mover. Qualquer outra entidade estará apenas alegorizando o movimento, como já vimos.

Outros exemplos:

- 186) *Estamos no prazo!* (**estar em**)
- 187) *Chegamos na hora!* (**chegar em**)
- 188) *Estamos em cima da hora!* (**estar em cima de**)
- 189) *As jovens chegaram na idade!* (**chegar em**)
- 190) *O treino é hoje, mas o jogo é **mais adiante**.* (posição)
- 191) *O treino é hoje, mas o jogo é **mais para frente**.* (posição)
- 192) *A data que eu queria é **aqui*** (apontando para o calendário) (posição)
- 193) *A **esta altura**, ela já voltou!* (posição)
- 194) *Eu estou **próximo de** estourar o prazo* (posição)
- 195) *Estou **perto do** prazo* (posição)
- 196) *Vamos acabar o trabalho **em torno a/de** duas semanas* (posição)
- 197) *Nós vamos fazer as tarefas **por volta** das 10 horas* (posição)
- 198) *Vamos trabalhar **no começo** do mês* (posição)
- 199) *Vamos trabalhar **ao longo** do mês* (posição)
- 200) *Estou quase **no** prazo* (posição)
- 201) *Ele está **às portas** do casamento* (posição)
- 202) *Eu vou **jogar a nota da prova mais para frente*** (posição)
- 203) *A data está para **frente*** (posição)
- 204) *Eu estou **à frente** da data* (posição)
- 205) *Ela **passou** cinco minutos **do** tempo* (posição)
- 206) *Ela **passou do** prazo* (posição)
- 207) *Nós **passamos o** prazo* (posição)
- 208) *A reunião é **ali pelo (por)** dia 20* (posição)
- 209) *O Natal está **próximo*** (posição)
- 210) *Nós estamos **chegando perto** do início das aulas*

- 211) Nós estamos **chegando perto** do Natal
- 212) Estou **a caminho da data** (posição)
- 213) Nós teremos uma resposta **daqui a** uma semana (posição)
- 214) De pouquinho em pouquinho a gente chega **lá!**
- 215) **Daqui para diante** eu serei vegetariana
- 216) **De agora em diante** eu serei vegetariana
- 217) **Daqui por diante** eu serei vegetariana
- 218) **Daqui para frente** eu estarei de regime
- 219) Nós estamos empurrando o prazo **para frente**.
- 220) Nós estamos jogando o prazo **para frente**.
- 221) O Natal está ficando **perto** (posição)
- 222) O prazo de entrega pode variar de acordo com a localidade e podem ocorrer atrasos **acima do prazo** por motivos de força maior.
- 223) Considero o atraso **acima da data** da entrega do material injustificado.
- 224) A entrega poderá ocorrer **abaixo** do prazo esperado.
- 225) O dia que **precede a segunda-feira** já se chamou "primeira feira"

Alguns exemplos que se utilizam de termos como *subindo*, *caindo*, *acima*, *abaixo*, *ao sul*, ou são estranhos (indicados por interrogação) ou não são possíveis de ocorrer (marcados com asterisco), porém, há outras expressões próximas com as quais é possível falar de tempo:

- 226) ?A data está **subindo** (= Estão **aumentando** a data)
- 227) ?A data está **caindo** (= Estão **encurtando** a data)
- 228) ?Estamos **subindo** a data (= Estamos **prolongando** a data)
- 229) *Estamos colocando a data mais para **cima** (no calendário)

230) *Nós estamos **acima** do Natal (= Nós ultrapassamos o Natal; Nós estamos além do Natal).

231) *Estamos **abaixo** do prazo. (= Estamos aquém do prazo)

232) *Nós estamos apenas **ao sul** do Natal.

233) ?O campeonato é **atrás** do aniversário (= O campeonato é **antes** do aniversário)

TEMPO é ENTIDADE MÓVEL

A linguagem temporal classificada com essa metáfora conceptual é aquela que envolve a noção de movimento, e que o agente do movimento seja o próprio tempo. Ou seja, o tempo é tratado por uma linguagem utilizada por seres animados, que são capazes de se locomoverem. São construções do tipo linguagem temporal egocêntrica objetiva.

Vejamos alguns exemplos que se encaixam na metáfora conceptual TEMPO é ENTIDADE MÓVEL:

234) A **festa** está a caminho. (festa = evento = tempo)

235) A **festa** está para aí.

236) A **hora** das jovens chegou.

237) A **idade** das jovens chegou!

238) Eu sinto uma **dor de cabeça** chegando (dor de cabeça = evento = tempo)

239) A **razão** está a caminho. (razão = estado = tempo)

240) Minha **parte** favorita da peça está chegando.

241) O ano **1935** está ficando cada vez mais distante.

242) O **Carnaval** chegou.

243) O **Carnaval** está chegando.

244) O **dia** está se arrastando

245) O **Natal** está chegando até nós.

- 246) *O **Natal** está vindo para nós!*
- 247) *O **Natal** parece que quer chegar mais cedo este ano.*
- 248) *O **Natal** voou!*
- 249) *O **prazo** final está se aproximando.*
- 250) *O **prazo** final tinha passado.*
- 251) *O **tempo** anda.*
- 252) *O **tempo** chega.*
- 253) *O **tempo** de agir chegou.*
- 254) *O **tempo** flui eternamente.*
- 255) *O **tempo** passa.*
- 256) *O **tempo** se arrasta quando você está entediado.*
- 257) *O **tempo** voa quando você está se divertindo.*
- 258) *O **tempo** voa.*
- 259) *O **tempo** voou por aquele fim de semana.*
- 260) *Parece que o **dia** está se arrastando*
- 261) *Sua **hora** chegou. (ela estava vindo do passado ou do futuro?)*
- 262) *Sua **hora** tinha chegado.*
- 263) *Onde está o **Natal** que não chega?*

TEMPO é OBJETO DE VALOR

Nessa relação metafórica, podemos perceber que muitos dos conceitos envolvendo noções financeiras são transportados para os conceitos envolvendo noções de tempo. Isto porque no mundo capitalista em que vivemos o dinheiro é muito importante, e para ganhar dinheiro é preciso trabalhar, quanto mais se trabalha mais se tem dinheiro, ou seja, o trabalho é uma ação no tempo, quanto mais tempo, mais a ação de trabalhar e, conseqüentemente, mais dinheiro.

Os enunciados exemplares para TEMPO É DINHEIRO podem ser vistos na subseção 3.3, pertencendo à glosa 10: [TEMPO RECURSO (FINANCEIRO/LIMITADO)].

264) *Esse livro me custou anos de trabalho.*

265) *Eu investi muitos anos nesse relacionamento.*

266) *Eu estou perdendo meu tempo com você.*

267) *O computador vai fazer você economizar horas de trabalho*

268) *Como você tem aproveitado seus últimos dias de férias?*

269) *Vende seu tempo para mim?*

270) *Foram poucos dias, mas minhas férias renderam.*

271) *Tempo é dinheiro!* (ganhar dinheiro leva tempo)

TEMPO é PESSOA (OU OBJETO)

Nesta metáfora, o tempo é algo personificado ou algo que sofre a ação de um ser animado:

272) *Em **busca** do tempo perdido.*

273) *Eu **lutei contra** o tempo.*

274) *Eu **corri** atrás do tempo.*

275) *O Carnaval **destruiu** a minha vida!*

276) *Deixe a velhice **entrar** na sua vida.*

277) ***Ande de mãos dadas** com a sua idade.*

278) *Nós estamos **empurrando** o prazo para frente.*

279) *Nós estamos **jogando** o prazo para frente.*

Conforme já vimos, para tratar da construção do significado a partir da linguagem, diferentes vertentes da Linguística Cognitiva têm buscado desenvolver constructos que enquadrem as estruturas de conhecimento subjacentes à linguagem.

Um enunciado nunca poderá conter todas as estruturas semânticas previstas para o conceito de tempo. Por esse motivo, ao descrevermos a estrutura semântica do TEMPO que está representado em um enunciado, estaremos apenas evocando **alguma** parte da representação da nossa estrutura conceptual do tempo.

Como já vimos, os esquemas de imagem são estruturas de conhecimento que emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceptual. Eles são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, LAKOFF e TURNER, 1989).

O esquema de imagens é a forma central da estrutura conceitual dentro da concepção da Semântica Cognitiva. A ideia básica é que, devido a nossa experiência física de ser e de agir no mundo – de perceber o ambiente à nossa volta, de mover nossos corpos, de exercitar e de experienciar forças etc. -, formamos estruturas conceituais básicas com as quais organizamos o nosso pensamento sobre outros domínios mais abstratos. Em Johnson (1987), o esquema de imagens é visto como o nível mais primitivo da estrutura cognitiva, subjacente às metáforas, e que fornece uma ligação entre a experiência corporal e os domínios cognitivos mais altos, tais como a linguagem. (CANÇADO, 2012, p. 135)

Também entendemos que os esquemas fazem parte de um nível mais primitivo. Porém, nesta seção, utilizamos essa mesma ideia como metodologia de descrição de estruturas semânticas.

Uma vez que o TEMPO pode e é comumente entendido como ESPAÇO, ele pode ser explicado em termos de esquemas de imagem do espaço. Em uma conceptualização pode ocorrer a operação de um ou mais esquemas de imagens.

Quanto à metáfora TEMPO É LOCAL e TEMPO É ENTIDADE MÓVEL, podemos dizer que se utilizam largamente do esquema de passagem (PATH).

O esquema de TRAJETÓRIA (Path), segundo Johnson (1987), reflete a nossa experiência cotidiana de nos movermos no mundo e de vermos os movimentos de outros

corpos. O movimento é geralmente horizontal ou vertical; não é a esmo, como o voo de um pássaro. Então, formam-se linhas de mudança (daí um caminho, daí uma reta).

Nossas trajetórias têm, tipicamente, um começo e um fim, uma sequência de lugares e uma direção. Baseado em tais experiências, o esquema da trajetória contém um ponto de começo A e de fim B e uma sequência de pontos contínuos, ligando essas duas extremidades:

Esse esquema também apresenta algumas implicações:

- a) Como A e B estão conectados por uma série de pontos contínuos, passar de A para B implica passar por todos esses pontos intermediários.
- b) Trajetórias tendem a ser associadas a movimentos direcionais de A para B.
- c) Existe uma associação com o tempo. Para uma entidade percorrer uma trajetória, gasta um determinado tempo. Por isso, os pontos da trajetória são associados a uma sequência temporal. Como implicação, temos que quanto maior a trajetória percorrida por uma entidade, maior o tempo gasto por ela. (CANÇADO, 2012, p. 137)

Com base nesses conceitos, o que era “espaço” deve ser entendido como “tempo”. Portanto, a trajetória não se dá no espaço mas no tempo, mais especificamente, na linha do tempo. Porém, como vimos, nem sempre a linguagem metafórica do tempo utiliza a noção de passagem, e nem sempre ela envolve a noção de movimento.

Os esquemas são estruturas de sentido, mas não representam conceitos. Os conceitos envolvidos em uma conceptualização do tempo podem ser descritos por meio de *frames* de referência (como já vimos) e com Modelos Cognitivos Idealizados. Assim, conseguimos o “contexto” do conceito que se está querendo descrever, e a estrutura por trás do conceito (esquemas de imagem), quando houver.

Porém, não é apenas descrevendo o contexto que poderemos dar conta da descrição de uma estrutura semântica: é necessário apontar a construção do sentido, e assim faremos por meio das operações de construção (CROFT; CRUSE, 2004).

Além disso, é necessário, na descrição da estrutura semântica do tempo, apontar quando houver metáfora conceptual.

Um recente trabalho que se aproxima da nossa ideia de “percepção do tempo” é o de Talmy (2000). De acordo com seu Sistema de Perspectivas (*Perspectival System*), nós estabelecemos um ponto de vista na visualização de entidades e cenas que envolve quatro categorias de esquemas: local, distância, modo e direção. A categoria da direção pode ser prospectiva ou retrospectiva (*prospective or retrospective*). Veja, com os exemplos das figuras (10) e (11):

280) *Lucas apagou o cigarro antes de chegar em casa.*

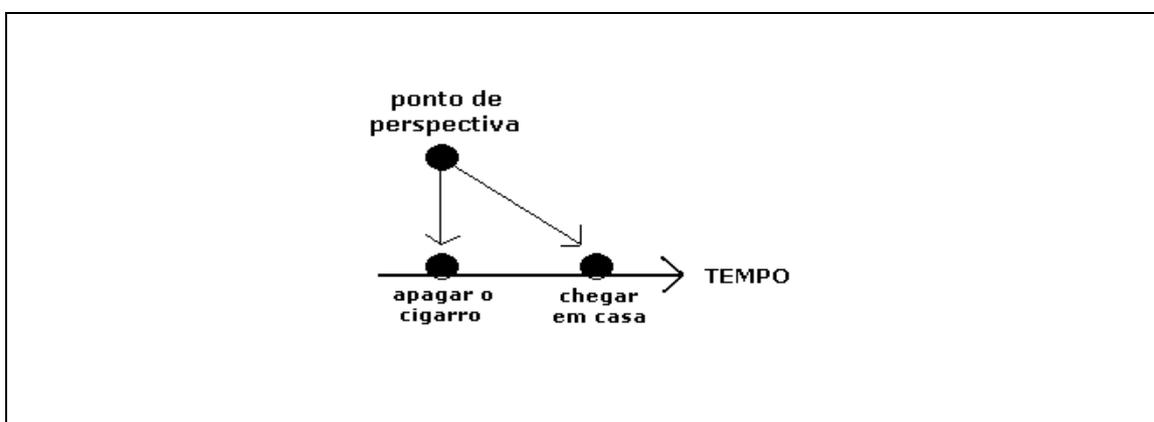


Figura 10: Direção prospectiva. Fonte: adaptação de Talmy (2000, p. 74-75)

281) *Antes de chegar em casa, Lucas apagou o cigarro.*

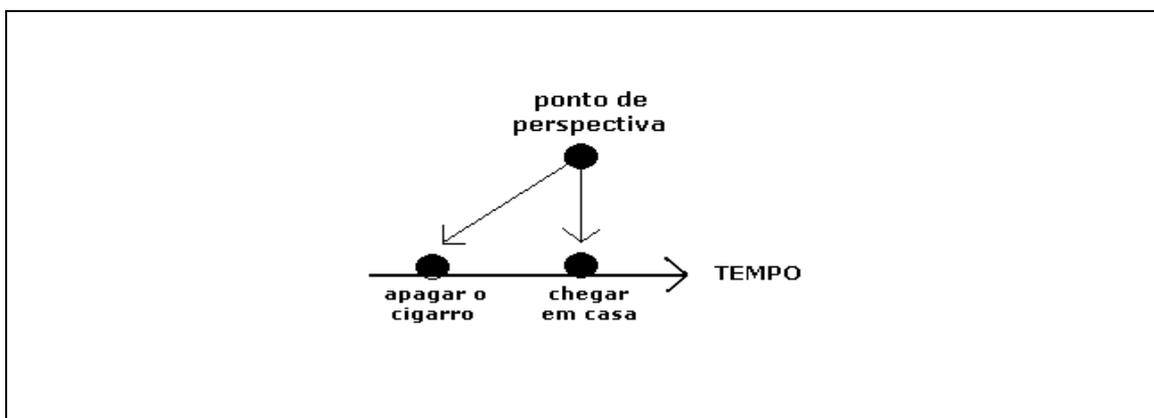


Figura 11. Figura retrospectiva. Fonte: adaptação de Talmy (2000, p. 74-75)

Embora haja duas movimentações da nossa mente **no** tempo³⁵ ao interpretarmos os exemplos (280) e (281), não há duas direções **do** tempo. Nos esquemas, a linha do tempo apresenta uma única direção: para a direita, ou seja, do passado para o futuro. Em outras palavras, Talmy (2000) utiliza uma forma “canônica” de se atribuir direção ao tempo. É um padrão horizontal, típico da nossa cultura ocidental: do evento mais antigo para o evento mais novo. Essa dupla movimentação de Talmy é a mesma de Benveniste, nessa citação já utilizada anteriormente por nós:

O observador, que é cada um de nós, pode lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrê-los em duas direções, do passado ao presente ou do presente ao passado. [...] Neste sentido, o tempo crônico, congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre (é a imagem recebida) num único sentido. (BENVENISTE, 2006, p. 71)

Para nós, essa “linha do tempo” de direção única não representa as bases de nossa organização conceptual do tempo. Nossa perspectiva se identifica com a de Clark (1973), Gentner (2001) e Evans (2004), por exemplo. O artigo em psicolinguística de Clark (1973)³⁶, sem a intenção de explorar quais os mecanismos linguísticos (em língua inglesa) capazes de ilustrar essas duas metáforas, traz importantes contribuições para os estudos em aquisição da linguagem. Gentner (2001) tem reportado uma série de experimentos para testar se as pessoas invocam conceptualizações metafóricas ao pensar e falar sobre o tempo. Ela utiliza os modelos de ego movente e de tempo movente e explica como é a conceptualização de cada um³⁷. O trabalho de Evans (2004), em uma perspectiva cognitivista, apresenta três modelos de conceptualização do tempo: ego-movente, tempo-movente e sequência temporal³⁸.

³⁵ As duas hipóteses de movimentação do tempo – ego movente e tempo movente – lidam, **cada uma**, com duas movimentações de relação no tempo, conforme o evento a ser enunciado seja mais passado ou mais futuro em relação ao último evento enunciado.

³⁶ Um dos primeiros trabalhos em língua portuguesa a tratar sobre essas metáforas foi o de Bechara (1984), e sua tradução para os termos de Clark (1973), nos serviu de inspiração.

³⁷ Gentner (2001) classifica enunciados do tipo *Is Boston ahead or behind us time-wise?* e *Is it later or earlier in Boston than it is here?*, respectivamente como *ego moving* e *time moving*.

³⁸ Modelo responsável por explicar enunciados do tipo: *Tuesday follows Monday*.

4.1.3.3 Uso de esquemas de imagens nas descrições do tempo

Os recursos linguísticos utilizados para nos fazer conceptualizar a noção de tempo por meio de uma linguagem estritamente temporal acionam algumas noções do nosso conhecimento total sobre o TEMPO.

Os morfemas modo-temporais acionam a ideia de que o tempo é uma linha cronológica, em que podemos demarcar o presente, o passado e o futuro, e também a noção de aspecto³⁹. Os advérbios estritamente temporais também nos fazem acionar em nossas estruturas conceptuais do tempo o conhecimento de que o tempo pode ser dividido e localizado. Também acionamos com a linguagem estritamente temporal o nosso conhecimento de que tempo é quantidade, como em construções do tipo:

282) *Existem agora poucos dias entre a data de hoje e a data do Carnaval.*

Os verbos estritamente temporais podem utilizar a noção de aspecto, de velocidade, e de trajetória. Em especial, o verbo *anteceder* utiliza o conceito de linha do tempo, de localização temporal, e o esquema de frente-trás, pois anteceder é vir na frente.

Quando o tempo é trabalhado na linguagem de forma a constituir uma metáfora conceptual do tipo TEMPO É LOCAL, o falante está utilizando algumas noções da sua estrutura conceptual do TEMPO e do ESPAÇO.

Identificamos os seguintes esquemas:

FRENTE-TRÁS

283) *Eu estou à frente da data* (posição)

PERTO-LONGE (com ou sem MOVIMENTO)

284) *Eu estou próximo de estourar o prazo* (posição)

285) *Estou perto do prazo* (posição)

³⁹ A modalidade e a aspectualidade não são tratadas nesta tese.

286) Nós estamos **chegando perto** do início das aulas

287) Nós estamos **chegando perto** do Natal

ESPIRAL

288) Vamos acabar o trabalho **em torno a/de** duas semanas (posição)

289) Nós vamos fazer as tarefas por volta das 10 horas (posição)

290) A reunião é **ali pelo** dia 20 (posição)

291) Ele está **às portas** do casamento (posição)

TRAJETÓRIA (com ou sem MOVIMENTO)

292) Eles fazem a prova **no meio** do ano.

293) Estamos no prazo! (**estar em**)

294) Chegamos na hora!

295) O treino é hoje, mas o jogo é **mais adiante**. (posição)

296) Vamos trabalhar **no começo** do mês (posição)

297) Vamos trabalhar **ao longo** do mês (posição)

298) Estou quase **no prazo** (posição)

299) Estou **chegando na** data final. (temporal)

300) Eu vou **jogar** a nota da prova mais **para frente** (posição)

301) Ela **passou** cinco minutos **do tempo** (posição)

302) Ela **passou do** prazo (posição)

303) Nós **passamos o** prazo (posição)

304) **De agora em diante** eu serei vegetariana

305) Estou **a caminho da** data (posição)

306) Nós teremos uma respostas **daqui a** uma semana (posição)

307) **De agora em diante** eu serei vegetariana

QUANTIDADE (DIMENSÃO)

308) *O tempo é **longo**.*

309) *Meu tempo é **curto**.*

310) *O tempo é **grande**.*

311) *O tempo é **pequeno**.*

Quanto à linguagem temporal que se utiliza da metáfora TEMPO É ENTIDADE MÓVEL, percebemos o uso dos esquemas anteriores e mais a noção esquemática do MOVIMENTO, em que o agente do movimento é o tempo ou um evento no tempo.

MOVIMENTO

312) *A **festa** está a caminho.*

313) *Eu sinto uma **dor de cabeça** chegando*

314) *O ano **1935** está ficando cada vez mais distante.*

315) *O **Carnaval** chegou.*

316) *O **dia** está se arrastando*

317) *O **Natal** voou!*

318) *O **tempo** flui eternamente.*

319) *O **tempo** passa.*

Na linguagem temporal TEMPO É OBJETO DE VALOR, nesse tipo de linguagem temporal mistura-se (*blending*) a noção de que TEMPO é MOVIMENTO (e que passa, e não retorna jamais) e as ideias da estrutura conceptual de OBJETO PALPAVEL, e de DINHEIRO.

Os verbos utilizados, geralmente, fazem parte da linguagem financeira: custar, investir, economizar, vender, render. Mas podem ser usados na linguagem temporal. Esta, por sua vez, é uma linguagem metafórica, pois exige a ideia de TEMPO é

MOVIMENTO, pois quanto mais o tempo se move, mais trabalho e conseqüentemente mais dinheiro.

Outros verbos, que não são estritamente de contexto financeiro, também foram identificados com a ideia de que TEMPO é OBJETO DE VALOR, como *perder, dar, pegar*, etc. Eles, num primeiro momento, nos fazem pensar na metáfora TEMPO é OBJETO, mas observando-se mais a fundo, entendemos que esse “objeto” seria o próprio dinheiro, é a ideia de recurso limitado.

320) *Eu estou perdendo meu tempo com você.*

321) *Como você tem aproveitado seus últimos dias de férias?*

322) *Eu peguei todo o seu tempo para mim.*

323) *Dá seu tempo para mim?*

324) *Em busca do tempo perdido.*

TEMPO É PESSOA/OBJETO

O tempo pode ser entendido como um ser animado. Assim, temos uma “figurativização” do tempo: o tempo destrói, entra, dá as mãos, se perde, é atingido, luta, corre, etc. Essa metáfora é diferente da metáfora TEMPO é ENTIDADE MÓVEL, porque nesta a “agentividade” estaria apenas na questão de capacidade de se movimentar em uma trajetória.

325) *Eu estou perdendo meu tempo com você.*

326) *Em busca do tempo perdido.*

327) *Nós já atingimos Junho.*

328) *Eu lutei contra o tempo.*

329) *Eu corri atrás do tempo.*

330) *O Carnaval destruiu a minha vida!*

331) *Deixe a velhice **entrar** na sua vida.*

332) ***Ande de mãos dadas** com a sua idade.*

Essa linguagem temporal metafórica também utiliza a noção de OBJETO, ou seja, algo palpável.

333) *Nós estamos **empurrando** o prazo para frente.*

334) *Nós estamos **jogando** o prazo para frente.*

335) *Estou **empurrando** o namoro com a barriga*

Voltando à discussão sobre as Metáforas Conceptuais, quando falamos em experiência com o meio, estamos falando de uma experiência de ordem física, em que operam nosso aparato de percepção sensorial e nossa habilidade motora, além de nossas emoções e o inconsciente.

Como o sentido das coisas foi um resultado de uma experiência com o meio, todas as coisas que conhecemos (a que já atribuímos sentido) deveriam estar presentes fisicamente no nosso meio. Porém, muitas coisas não são físicas, mas abstratas.

Os conceitos podem ser abstratos, mas para se chegar aos conceitos (sejam eles abstratos ou concretos) é necessária uma experiência física. Portanto, um conceito “físico” não significa que é um conceito necessariamente concreto. Pode ser abstrato.

Amor, ódio, rancor, são para nós conceitos abstratos. Porém, atribuímos sentido (ou seja, reconhecemos o sentido dessas palavras) porque houve uma experiência física com esses conceitos abstratos.

O tempo é um conceito abstrato, mas adquirimos essa noção por meio da experiência com o mundo: a percepção do movimento (transiência) que estabelece a relação de *antes e depois*.

Deve ser por isso que as pessoas pensam que o tempo é uma metáfora do espaço, porque na busca de um correlato físico para a experiência do tempo, encontram imediatamente o espaço (devido a uma grande semelhança que possuem). Porém, achar um correlato no mundo físico para provar a experiência do tempo como objeto de sentido

para o homem não é primordial. É preciso ir mais a fundo, estudar o funcionamento psicológico e neurológico do cérebro. É preciso que não se pense a experiência física como algo derivado apenas dos nossos cinco sentidos. A experiência física com o meio inclui vários outros fatores.

Não estamos querendo dizer que o tempo não é uma metáfora do espaço. O que estamos alertando é o fato de que muitos trabalhos sobre esse assunto tratam o tempo como uma metáfora do espaço sem um olhar mais criterioso sobre a experiência do homem com o tempo.

Existem estudos que trazem essa postura mais criteriosa, e dentre eles há os que se dividem em achar que o tempo é (ainda) uma metáfora do espaço ou que o tempo é um conceito primário. Mas não há respostas definitivas.

Enquanto o sistema conceptual pode ser considerado universal, observa-se que as línguas sempre diferem no modo de representar suas categorias. Discute-se na literatura sobre o assunto se o tempo é conceptualizado por meio da estrutura conceptual do ESPAÇO (projeção conceptual), ou se cada conceito, TEMPO e ESPAÇO, possuiria uma independência conceptual no nível do sistema conceptual.

Não estamos pensando aqui no tempo metafórico do tipo: TEMPO é LOCAL, TEMPO é ENTIDADE MÓVEL ou TEMPO é DINHEIRO. Estamos nos referindo a uma conceptualização anterior a essa: o tempo como duração do movimento.

Ou seja, será que mesmo esse tempo, não entendido metaforicamente (metáfora do nível do processo da conceptualização), seria uma projeção conceptual do ESPAÇO? Neste caso, a metáfora estaria no nível da estrutura conceptual e os esquemas de imagens metafóricas fariam parte da estrutura conceptual, e não apenas da língua.

Os trabalhos de Joseph Grady (1997) mostram que tanto a conceptualização do TEMPO quanto a do ESPAÇO são conceptualizações primárias. O tempo não seria metafórico em princípio, pois pessoalmente sentimos a passagem do tempo (tempo psíquico). O que seria metafórico seria sua representação. O tempo existiria em nós mesmo se não houvesse uma representação de natureza linguística. Não se representa o TEMPO assim como não se representa o AMOR, apenas falamos sobre eles.

Já para Lakoff e Johnson (1999), o tempo não relata uma experiência subjetiva de primeira ordem, ao invés disso, o tempo consistiria em um construto de segunda ordem,

ou seja, o tempo seria percebido de forma indireta, em virtude de tipos mais básicos de experiência, como o movimento dos eventos.

Segundo Borodowisky (2009), a compreensão do tempo nasceria a partir da compreensão do espaço, mas existiriam características do tempo que não se transfeririam para o espaço. Então o tempo não poderia ter sido derivado em primeira ordem do espaço.

Segundo Casasanto, Fotakopoulou e Boroditsky (2010), existem duas teorias a respeito da relação tempo e espaço.

A primeira seria a de Walsh (2003): a Teoria da Magnitude (ATOM – A Theory Of Magnitude), que entende o espaço e o tempo como grandezas independentes. Portanto, as relações entre tempo e espaço seriam simétricas. O experimento feito em crianças pelo trabalho de Casasanto & Boroditsky (2008) foi adaptado, no trabalho de Merritt, Casasanto, e Brannon (2009) para ser feito em macacos. Os macacos responderam aos testes de espaço sem se influenciarem com noções de tempo, e aos testes de tempo sem se influenciarem com noções de espaço. O que mostrou que a relação espaço e tempo é simétrica, pelo menos em animais.

A segunda seria a ideia, por exemplo, de Lakoff & Johnson (1999), que diz que o tempo é conceptualizado metaforicamente como o espaço, e que, conseqüentemente, as relações seriam assimétricas. Coisas abstratas são hipoteticamente dependentes assimetricamente de coisas mais concretas. Assimetria, nesse sentido, é o fato de o espaço poder ignorar o tempo, mas o tempo não poder ignorar o espaço.

O trabalho de Casasanto e Boroditsky (2008) constituiu em fazer testes computadorizados para que adultos julgassem a dimensão espacial e temporal. Casasanto, Fotakopoulou e Boroditsky (2010) adaptaram um desses testes para crianças de 4 a 6 e de 9 a 10 anos. A tarefa era questionar a distância e a duração do movimento de caracóis que viajavam em caminhos diferentes, perguntando qual foi mais longe, e qual demorou mais a chegar. O complicado é que perguntar a uma criança “quanto tempo determinado caracol levou para andar” pode fazer com que seja acionada na criança automaticamente uma ideia de espaço, porque em inglês, por exemplo, essa pergunta seria “*how long (time)*”, e *long* é uma palavra espacial. Por esse motivo, a equipe utilizou a língua grega. A língua grega não teria esse problema (não há elementos espaciais na pergunta “*Quanto tempo levou?*” em grego) e, por isso, os pesquisadores analisaram crianças cuja língua

materna era o grego, porque teria menos interferência. A conclusão é que quando solicitadas a avaliar a distância, as crianças não tinham dificuldade em ignorar o tempo. Mas quando solicitadas a avaliar o tempo, elas tinham dificuldade em ignorar a dimensão espacial do evento.

Se formos observar a aquisição de termos temporais e espaciais em uma criança, poderíamos concluir que o tempo deriva do espaço, porque as crianças produzem termos espaciais mais cedo do que termos temporais (*cf.* CLARK, 1973). Mas talvez já compreendam o tempo antes disso, pois produzir (externalizar) termos não é o mesmo que pensar sobre esses termos.

Esses estudos sobre a dependência conceptual do tempo em relação ao espaço são importantes para uma descrição da estrutura conceptual do tempo, porque se o tempo não for dependente do espaço, ele possuiria uma estrutura conceptual sem influencia de modelos cognitivos do espaço, mas se for dependente, é necessário uma estrutura conceptual em que estejam previstas mesclagens (*blending*) do espaço com o tempo.

Na nossa opinião, uma das questões mais urgentes é separar a noção de tempo físico da noção de tempo crônico.

No nível da experiência física, espaço físico e tempo físico são correlatados no mundo simetricamente. O espaço é apresentado a uma criança juntamente com o tempo. Ou seja, a criança não toma contato com o espaço e depois com o tempo, ela toma contato com as duas coisas. Ela vê o movimento das coisas, mas talvez a relação causa-efeito que é necessária para “compreendermos” o tempo, deva ser um processo posterior.

Geralmente, os trabalhos sobre a conceptualização do tempo estão, na verdade, se referindo apenas ao tempo crônico, que é o tempo conceptualizado pelo homem, ou seja, pensado com linguagem. Porém, existe uma inteligência que nos faz entender que o tempo é uma experiência real (tempo físico e tempo psíquico, como vimos na seção 2), e que pode ser abstraído na forma de tempo crônico.

Entendemos que o conceito de tempo deva ser primário, pois, como vimos na seção 2, a experiência do fenômeno da transiência é real, ou seja, é conceptualizado pelo ser humano no pensamento, independente da linguagem na modulação deste pensamento. Porém, acreditamos que a noção cognitiva do tempo crônico (o tempo da linguagem) seja uma metáfora conceptual no nível primário, ou seja, no nível do sistema cognitivo. Até porque o tempo crônico, como vimos, nada mais é do que uma tentativa da nossa mente

de “especialização” dos eventos: a linha do tempo. Contudo, quando enunciamos sobre esse tempo crônico, ou seja, quando acessamos essa noção via língua, fazemos outras metáforas, porém de segundo nível, uma vez que ocorrem não mais no sistema conceptual mas na estrutura conceptual.

Depois de termos visto as explicações neurológicas sobre a experiência do tempo, vimos que o tempo é um fenômeno de difícil apreensão. Por esse motivo, talvez o nível psicológico do homem possua uma maneira de experienciar o tempo de forma derivada de uma outra mais concreta. Seria o tempo, nesse caso, uma metáfora do espaço.

A seguir, citamos Evans (2004) que também propõe essas nossas últimas considerações.

A temporalidade é uma experiência real e diretamente percebida, que, como vimos, pode ser plausivelmente traçada em estruturas, processos e estados neurológicos. Estamos conscientes da experiência da temporalidade, como podemos comprovar pelo fato de que os indivíduos podem reportar sua experiência da duração, por exemplo, de maneira consistente. No entanto, o que a estruturação metafórica acrescenta é a nossa capacidade de modelar, estender, expressar e entender as experiências subjetivas sobre as quais estamos conscientes. Esta habilidade, por fim, facilita o desenvolvimento de modelos de temporalidade altamente intrincados e elaborados. (EVANS, 2004, p. 31-32⁴⁰).

Ou seja, é a projeção metafórica que nos permite pensar e falar sobre o tempo.

Concluimos que embora existam teorias físicas de que o tempo físico é dependente e derivado do espaço em algumas teorias que, como vimos, considera o tempo como uma quarta dimensão do espaço, o homem pode entender esse fenômeno de forma independente do espaço. Os dois conceitos podem ser considerados primários, possuindo sistemas conceptuais próprios. Devido à natureza da mente, seríamos incapazes de entender essa dependência física do tempo com o espaço. Nossa mente distinguiria dois fenômenos, cada um com seu sistema conceptual.

⁴⁰ No original: “Temporality is a real and directly perceived subjective experience, which, as we have seen, can be plausibly traced to neurological states, processes and structures. We are aware of the experience of temporality, as attested by the fact that subjects can report on their ‘experience’ of duration, for instance, in a consistent way. However, what the metaphoric structuring adds is our ability to model, extend, express and understand the subjective experiences which we are consciously aware of. This ability facilitates the development of highly intricate and elaborate models of temporality.” (EVANS, 2004, p. 31-32).

Porém, não possuímos apenas uma compreensão psíquica da realidade temporal; nós possuímos uma compreensão “linguística” do que é o tempo, e este tempo passado pelo crivo da linguagem é o tempo crônico, que é derivado do espaço. É graças ao tempo crônico que podemos “pensar” temporalmente:

Nós fixamos eventos no tempo assim como nós os fixamos no espaço. Em resumo, nós os localizamos no espaço-tempo. (JASZCZOLT, 2009, vii-viii, tradução nossa⁴¹).

Essa afirmação simples e um tanto óbvia deve ser levada a sério, ou seja, o tempo é espaço também, porque quando conceptualizamos um evento, se diz algo que aconteceu, acontece ou acontecerá em um espaço que já foi, é ou será. O tempo crônico representaria também uma marcação do espaço. A experiência correlata do tempo seriam as próprias coisas que existem no espaço.

Tempo e espaço estariam correlatados na linguagem. Porém, ainda aqui há outro problema: o espaço é conceptualizado da mesma forma que o tempo, ou o tempo seria conceptualizado, utilizando todos os processos de conceptualização do espaço?

Entendemos que, embora sejam muito semelhantes (como vimos em 4.1.2), o espaço e o tempo possuem processos de conceptualização próprios, pois não podemos negar o fato de que exista uma linguagem estritamente temporal e uma linguagem estritamente espacial.

É incomparável a frequência com que termos espaciais são utilizados na linguagem temporal com a frequência com que termos temporais são utilizados na linguagem espacial. Mas não é impossível de acontecer esta última. Por exemplo, ao se perguntar a alguém se “*Falta muito para chegar à sua casa?*”, esse alguém poderia responder: “*Faltam quatro quadras para chegar à minha casa.*”. Por outro lado, a ideia de tempo ainda está implícita, pois equivale a dizer “*Falta **passarmos por** quatro quadras para chegar à minha casa.*”.

Esse exemplo pode ser visto em placas de propaganda nas estradas e ruas, sinalizando a proximidade do condutor em relação ao local sobre o qual é feito a

⁴¹ No original: “We locate events in time just as we locate them in space; in short, we locate them in space-time.” (JASZCZOLT, 2009, vii-viii).

propaganda. Por exemplo: no lugar de dizer que determinado restaurante está a 10 km, a placa pode informar que o restaurante está a 6 minutos.

5 A estrutura conceptual do tempo após análises linguísticas

Na seção anterior, fizemos uma comparação do sistema conceptual com a estrutura semântica. Além disso, fizemos uma investigação sobre a propriedade dêitica da linguagem e as propriedades do ESPAÇO. Após discussões a respeito da Teoria da Metáfora Conceptual, nesta seção construiremos nossa descrição da estrutura conceptual do tempo (Quadro 13) e refizemos o sistema conceptual do tempo (Figura 14).

A estrutura conceptual do TEMPO
Modelos Conceptuais ⁴² :
[Tempo Físico]
[Tempo Psíquico]
[Tempo Crônico]
[Tempo Crônico + princípio dêitico da linguagem = Tempo Objetivo + Tempo Subjetivo]
[Tempo Crônico + Modelo Cognitivo do ESPAÇO] = [tempo dêitico + tempo sequencial + tempo extrínseco]
[tempo extrínseco = ESPAÇO + RECURSO + AGENTIVIDADE]

Quadro 13: A estrutura conceptual do TEMPO. Fonte: própria.

Assumimos que a noção de *Blending* e Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) sejam as noções necessárias para podermos descrever a estrutura conceptual do TEMPO de forma mais completa.

Após as análises dos enunciados, houve identificação no sentido de que o que estava representado no sistema conceptual do tempo crônico pôde ser observado na

⁴² As chaves indicam os modelos conceptuais.

linguagem metafórica. Porém, muitos sentidos construídos na linguagem metafórica não estavam representados no sistema conceptual descrito na seção 2, uma vez que não havíamos até aquele momento analisado a linguagem.

Isto significa que a construção de sistemas conceptuais por meio de evidências de outras áreas, excetuando-se áreas de análise linguística, não é suficiente para a descrição de uma estrutura conceptual e, conseqüentemente, é insuficiente para uma descrição da estrutura conceptual. Portanto, a linguagem é fundamental na descrição de estruturas conceptuais como, de fato, já era de se esperar.

Quando analisamos mais de perto os enunciados metafóricos que transmitem a ideia de tempo (e principalmente de evento no tempo), vimos que uma descrição mais rica do sistema conceptual do TEMPO poderia ser feita. Entretanto, essa descrição se mesclaria com outras descrições: a da estrutura conceptual do ESPAÇO, do DINHEIRO, e de PESSOA/OBJETO, por exemplo.

Agora, um acréscimo na descrição anterior do sistema conceptual do tempo pode ser feito: a possibilidade de o tempo crônico ser objetivo e subjetivo:

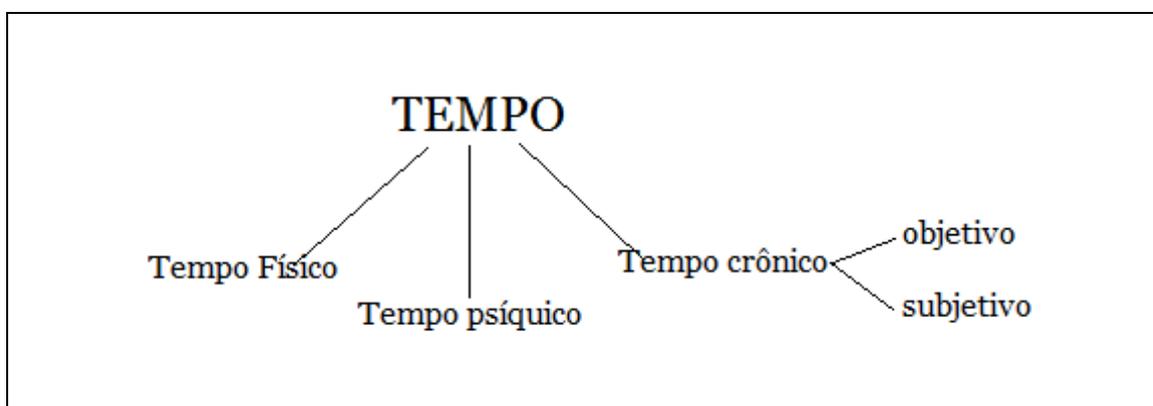


Figura 12. Sistema conceptual do TEMPO após análises linguísticas. Fonte: própria.

- O tempo crônico pode ser convencionalmente demarcado, originando os calendários e as unidades de medida como o dia, a hora, o mês, etc. Cria-se o tempo crônico **objetivo** (tentativa de imitar o tempo físico);
- O tempo crônico pode ser referenciado com base na instância enunciativa e por isso ele é o tempo crônico **subjetivo**;

- O tempo crônico subjetivo também pode, em certa medida, imitar a realidade.
Ex.: *O futuro está vindo*;
- O tempo crônico subjetivo pode descrever a realidade de forma metafórica. Ex.:
Eu estou indo a caminho do futuro;
- O futuro está à nossa frente e o passado está atrás de nós.

6 As bases fundamentais e universais da noção de tempo

Ao longo de nossas leituras sobre os trabalhos que se preocuparam com o modo como concebemos o tempo, descobrimos que o tempo é conceptualizado de formas diferentes, dependendo da língua estudada. Isto nos fez pensar que, analisando o fenômeno da conceptualização em outras línguas tendo como objetivo descobrir as características comuns a todas as línguas, poderíamos aprimorar nossas discussões teóricas a respeito da metáfora conceptual do tempo estar no nível do sistema conceptual ou no nível da estrutura conceptual, ou seja, qual seria a influência da linguagem na nossa compreensão de mundo. Portanto, nesta seção, encerraremos nossas discussões teóricas a respeito do modo como nosso aparato cognitivo constrói a significação linguística do tempo.

Pudemos ver que o sistema conceptual não espelha a estrutura semântica, ele apenas a motiva. Isso mostra que o acesso que fazemos é via **estrutura conceptual** (modelos cognitivos e conceitos lexicais). Por isso, se confirma a Teoria dos CLMC.

Podemos dizer que os pesquisadores sobre o tempo dão muita importância à metáfora na compreensão do tempo. E não é bem assim. Para Evans (2013), a metáfora conceptual não motiva diretamente a linguagem figurada: há conceitos lexicais que, com suas estruturas e conhecimentos, estariam motivando e construindo de forma mais acentuada. Os conceitos lexicais operam independentemente das metáforas conceptuais.

A Teoria dos CLMC, ao dar importância aos Conceitos Lexicais e aos Modelos Cognitivos, aponta para um sistema de acesso ao conhecimento que estaria na ponte entre estrutura semântica e estrutura conceptual.

Uma consequência da interação entre sistema conceptual e sistema linguístico é que os Conceitos Lexicais e os Modelos Cognitivos interagem e influenciam uns aos outros de forma bidirecional.

Como os conceitos lexicais são específicos para cada língua, cada língua possuirá seu conjunto de conceitos codificados linguisticamente. Como os conceitos lexicais têm um campo de acesso, isso significa que cada língua interage com o sistema conceptual como um resultado de simulacros que vêm da interação entre linguagem e estrutura conceptual. A Teoria dos CLMC diz, portanto, que falantes de línguas diferentes podem

ter representações conceptuais diferentes (veja EVANS, 2013, p. 232), mostrando a influência do sistema conceptual na língua.

Em nossa opinião, vemos a questão de um outro modo: uma modificação no sistema linguístico influenciaria a estrutura conceptual (como provam as pesquisas psicolinguísticas), mas isso não significa que não compartilham um sistema conceptual semelhante, afinal, a experiência real com o tempo deveria ser a mesma. E esbarraríamos novamente na questão do relativismo linguístico.

Um argumento para nossa conclusão é a de que o sistema conceptual é muito mais antigo, em termos evolucionários, do que a estrutura conceptual. A influência da língua no sistema conceptual é muito recente. A língua exerceria uma influencia apenas no nível da estrutura conceptual.

6.1 O conceito de tempo em outras línguas

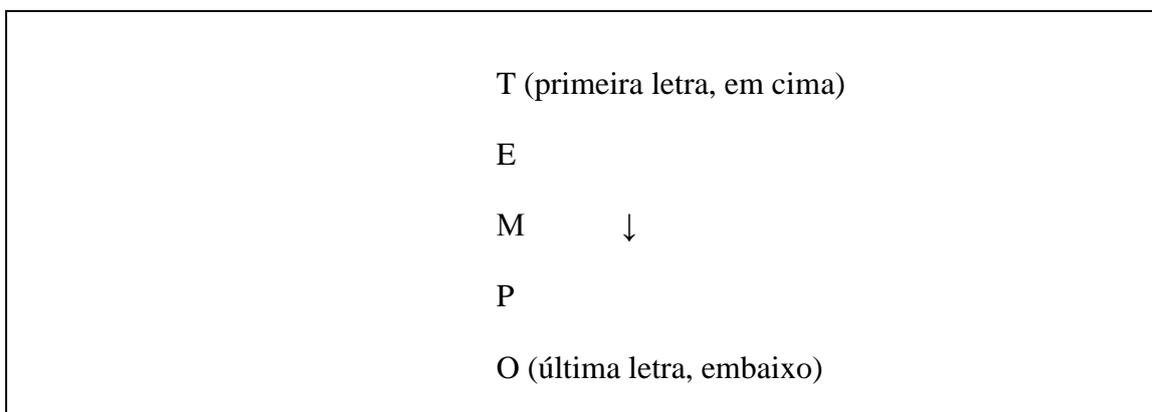
Para a psicóloga Lera Boroditsky (2011), nós construímos nossas representações mentais de tempo nos utilizando das representações mentais de espaço. No seu trabalho de 2011, ela sintetiza bem quais os pontos de vista que temos ao falar do conceito de tempo. São eles:

- 1- *The axes of time*: os eixos do tempo, que podem ser vertical e horizontal;
- 2- *Motion in time*: o movimento no tempo, que pode ser o falante se movendo no tempo, ou um evento se movendo no tempo do falante;
- 3- *Reversing the direction of time*: a reversibilidade da direção do tempo, que pode ser passado-futuro ou futuro-passado;
- 4- *Duration*: duração, que pode ser em ordem de quantidade (certa verticalidade) ou de distância (linear);
- 5- *Representations of time in absolute space*: representações do tempo em um espaço absoluto, feitas por pontos convencionais como leste, oeste, norte e sul.

Essas cinco maneiras de se pensar o conceito de TEMPO vêm sendo estudadas em várias línguas. A seguir, traremos algumas informações dos trabalhos atuais sobre o assunto.

Sobre o aspecto dos **eixos do tempo**, enquanto nós (e outros falantes de outras línguas) falamos sobre o tempo utilizando metáforas espaciais horizontais (por exemplo, “O melhor está à nossa frente”, “O pior está atrás de nós”), os falantes de mandarim utilizam metáforas verticais, dizendo, por exemplo, o que seria equivalente em português a: o próximo mês é o “mês abaixo” e o mês anterior é o “mês acima”.

É interessante pensar na escrita: escrevemos horizontalmente, mas os chineses escrevem de cima para baixo. Podemos dizer que os falantes de mandarim, embora usem um eixo diferente do nosso (e de outras línguas), também conceptualizam o tempo como algo a ordenar os acontecimentos de forma crescente. Além disso, também podemos, em alguns contextos, conceptualizar o desenvolvimento de uma ação verticalmente (“de cima para baixo”), porque somos capazes de fazer uma interpretação vertical:



Quadro 14: Leitura vertical. Fonte: própria.

Portanto, mesmo encontrando conceptualizações diferentes em outras línguas, acreditamos que a base do sistema conceptual do tempo seja a mesma para ambos os falantes: o tempo sempre cresce com o tempo.

Um fator que pode dar a percepção que uma sociedade faz do tempo é a direção da escrita. As pessoas árabes, por exemplo, tendem a pensar o tempo da direita para a esquerda (e leem da direita para a esquerda) e seus calendários também são assim. É a ideia da espacialização do tempo, ou seja, como a gente “espalha” o tempo.

Assim, por exemplo, a escrita cresce na direção em que se escreve. Se se escreve da esquerda para a direita, a orientação do crescimento será do passado para o futuro. Se se escreve da direita para a esquerda, a orientação do crescimento também será do passado para o futuro, porém, o futuro terá a direção para a esquerda, ao contrário da nossa forma de escrita, porque é para onde as novas palavras escritas estão indo. É interessante notar que enquanto nossa orientação de crescimento do tempo da escrita é da esquerda para a direita, teremos que admitir que o tempo a ser considerado é o tempo subjetivo, ou seja, o tempo em que é o homem o responsável pelas mudanças. Enquanto na escrita árabe, a ordem crescente respeitaria iconicamente a direção do movimento do tempo objetivo (equivalente ao tempo físico), ou seja, da direita para a esquerda.

Quanto ao aspecto do **movimento** no tempo em língua portuguesa, vimos que existem duas direções para o movimento do tempo: o ego movente e o tempo movente.

No aspecto da **reversibilidade da direção do tempo**, parece correta a afirmação de que o futuro está à nossa frente. Porém, essa afirmação não é universal. Na língua aymara⁴³, por exemplo, a orientação temporal é diferente. A maioria das pesquisas apontam para o fato de as pessoas interpretarem o futuro atrás do enunciador (o *ego*) e o passado na frente do *ego* (NÚÑEZA; SWEETSERB, 2006). Os dados coletados neste trabalho de Núñez e Sweetserb (2006) não foram apenas dados linguísticos, mas principalmente dados gestuais. Os falantes apontavam para atrás de si quando queriam se referir a um evento futuro, e apontavam para frente quando queriam se referir a um evento passado. Dados gestuais também devem ser levados em consideração complementarmente, pois seria uma forma de evidência convergente.

Acredita-se que o sistema conceptual do TEMPO para o falante de aymara seja diferente da nossa pelo fato de que nós conceptualizamos o futuro à nossa frente, e o passado atrás de nós. Encontramos, na literatura sobre o assunto, que os falantes de Aymara tratariam o passado como à sua frente por questões culturais: dariam mais valor ao passado (a frente dos olhos é uma posição de grande valor) do que ao futuro.

Mas a diferença vai além disso: nós imaginamos o tempo vindo até nós pela nossa frente, enquanto o falante de Aymara imagina que o tempo chega até ele “por trás” e passa para sua frente. Nesse sentido, nós “enfrentaríamos” o tempo, e os Aymara apenas deixariam o tempo passar por eles e se depositar a sua frente na forma de passado.

⁴³ Aymara é uma língua indígena falada nas montanhas andinas da Bolívia ocidental, sudeste do Peru, e no norte do Chile.

Quanto mais se distancia dos seus olhos, mais passado é o evento. O vetor de direção está invertido, porém o tempo é o mesmo: ele cresce com o tempo e caminha do futuro para o passado. Acreditamos que os Aymaras têm uma memória mais ativa do passado, por se importarem mais e gostarem de ter lembranças, usando a visão frontal como imagens que remetem à memória.

Com isso, podemos concluir que tanto em português, quanto em aymara, quanto em mandarim, o esquema FRENTE-ATRÁS é o mesmo: a frente do tempo é sempre a frente intrínseca do movimento do tempo, é a orientação (direção) do movimento do tempo, embora possa não coincidir, muitas vezes, com o esquema FRENTE-ATRÁS inerente ao nosso corpo humano.

Sobre o aspecto de **duração**, encontramos estudos comparando a língua inglesa com a língua grega. Enquanto a língua inglesa se refere a algo com grande duração como “longo tempo” (*long time*), os gregos tratariam a duração em termos de quantidade “muito tempo, grande tempo” (*poli ora*).

O nosso último aspecto, **representações do tempo em um espaço absoluto**, pode ser observado comparando-se nossa língua com a língua kuuk thaayorre (assim como algumas outras línguas aborígenes). Enquanto nós utilizamos largamente os recursos de “direita”, “esquerda”, “frente”, “atrás”, referindo-se para isso à nós mesmos ou à orientação projetada de um objeto (como vimos na subseção 3.2), a língua kuuk thaayorre se utiliza de termos como leste, oeste, norte e sul. E isso é feito para qualquer situação, como avisar uma pessoa sobre em qual perna está uma formiga (por exemplo: *Há uma formiga na sua perna sudeste* – Borodistky, 2009).

Essas questões devem ser observadas com muito cuidado para não incorrerem nos julgamentos, cegados por uma visão etnocêntrica da linguagem.

Isso resulta em uma profunda diferença na habilidade de localizar espacialmente, entre falantes de línguas que dependem principalmente de referências absolutas e línguas que contam com referências relativas (como a nossa). A habilidade estaria ligada, portanto, ao modo de conceptualizar.

Em relação ao espaço, essa língua apresenta uma grande diferença em relação a nossa língua. Consequentemente, em relação ao tempo, ela também apresenta uma grande diferença. Com testes aplicados a esses falantes de kuuk thaayorre, Borodistky (2009) pôde observar que eles ordenam o tempo de forma crescente em relação ao

“desenvolvimento” da “passagem” do Sol, ou seja, de leste a oeste. Foram dados aos kuuk thaayorre conjuntos de fotos que mostravam algum tipo de progressão temporal (por exemplo, imagens do envelhecimento de um homem, do crescimento de um crocodilo, ou de uma banana sendo comida). Os falantes organizaram as fotos embaralhadas no chão, para mostrar a ordem temporal correta, relativamente à sua posição cardinal. Se o falante estava voltado para o leste (de frente para o leste), dispunha as cartas em ordem crescente de cima para baixo (em relação a si), pois é a direção que o sol fará em cima de sua cabeça, se ele permanecesse o dia inteiro parado na mesma posição.

Também nesse caso encontramos a estrutura fundamental do tempo: a ordem dos eventos obedece ao crescimento do tempo.

Um dos principais objetivos dos psicólogos que trabalham com a questão do tempo é descobrir se a diferença de pensamento entre falantes de línguas distintas é causada pela diferença no uso de recursos linguísticos. Para isso, os psicólogos têm ensinado falantes de uma língua a falarem outra língua e, após isso, refazem seus testes sobre a percepção que eles têm do tempo e descobrem que seus desempenhos cognitivos melhoram com a aquisição de uma segunda língua. Descobrem, portanto, que com um novo idioma aprende-se também uma nova maneira de pensar.

Há, por exemplo, o trabalho de Lai e Boroditsky (2011) que analisou o tempo em três grupos: pessoas que falavam apenas o inglês, pessoas que falavam apenas o mandarim, e pessoas que eram bilíngues nessas línguas. Com esse estudo, pôde-se, em laboratório, verificar o desempenho desses grupos em determinadas formas de se pensar o tempo entendido como um eixo vertical ou horizontal. São trabalhos que comprovam, por meio de testes, que as pessoas que dominam determinado idioma também são capazes de pensar como os falantes nativos desse idioma pensam.

Porém, ainda assim, não podemos dizer que as pessoas pensam de determinada maneira porque falam dessa maneira. Existe o fator sócio-cultural e histórico que é muito forte. É ele que molda o pensamento de uma sociedade e esta acaba fazendo com que seus falantes conceptualizem essas ideias. Não basta, portanto, uma conclusão da área da psicologia: é importante que os linguístas apareçam e defendam o caráter social, cultural e histórico de uma língua. Talvez a história de uma sociedade e sua cultura façam as necessidades de expressão e a língua é quem se adaptaria a isso.

6.2 A conceptualização do tempo possui uma única base fundamental

Podemos observar que os estudos sobre como o homem pensa e imagina o tempo, feitos em Psicologia, e em Neurologia, por exemplo, não se preocupam com a natureza do enunciado, ou seja, não se preocupam com análises mais profundas da estrutura linguística. Os linguistas precisam mostrar aos psicólogos que é preciso analisar com mais profundidade os recursos utilizados pelas línguas a serem comparadas, para mostrar a eles que muitas vezes os recursos que não são muito utilizados por uma língua não deixam de estar ali, como uma opção ao falante, e a pergunta principal e necessária nos estudos cognitivos estaria, na verdade, em por que uma sociedade se utiliza de tais recursos ao invés de outros.

Pudemos comprovar que a forma de descrever o mundo depende da intenção do falante, e não das coisas em si e como elas são no mundo real. O mundo está aí para falarmos sobre ele, mas ele não prediz como devemos nomeá-lo. Nós é que decidimos como fazer.

É com essa investigação, que prioriza entender e decifrar a natureza de um enunciado que envolve a noção de tempo, que podemos descrever melhor a nossa conceptualização do tempo. Mostramos que o estudo linguístico dos enunciados que envolvem a noção do tempo auxiliam na descrição da estrutura conceptual pelo seguinte motivo: existem princípios organizacionais na linguagem que permitem estruturar a linguagem a partir de princípios básicos; entendendo-se esses princípios, pode-se estruturar a estrutura conceptual a partir de princípios básicos também. Encontrando-se a base conceptual fica mais fácil descrever todas as outras estruturas conceptuais.

Acreditamos que, descobrindo a base conceptual do tempo, ou seja, o sistema conceptual, também estaríamos descrevendo a base conceptual do tempo de outras línguas. As diferenças apresentadas se dariam por diferenças de perspectivas e de uso das estruturas conceptuais que emergem da base conceptual.

Partindo-se da hipótese de que a linguagem é o mesmo que o pensamento, pelo menos enquanto ocorre o fenômeno da conceptualização (pois acreditamos que o pensamento deva ser maior que a linguagem enquanto apenas função da cognição), consideramos que a significação linguística (conceptualização e estrutura semântica) é

diferente da significação mental (sistema cognitivo), pois assim poderíamos entender o porquê de línguas diferentes poderem falar sobre uma mesma realidade de formas diferentes.

Compartilhamos da formulação de Slobin (1996), por exemplo, que sugere que a linguagem deva influenciar o pensamento durante o “pensar para falar” (*thinking for speaking*), ou seja, o sistema conceptual (o pensamento) seria não linguístico, e, portanto, poderia ser universal, mas, quando nós operamos cognitivamente com o módulo da linguagem, acionamos o sistema conceptual com a linguagem, ou seja, pensamos com linguagem e, na nossa opinião, é essa mistura entre língua e pensamento que consiste no constructo da estrutura conceptual. Então, o pensamento seria igual à linguagem enquanto esse ato ocorre, mas, enquanto não há operação da linguagem, o pensamento estaria estruturado de forma não linguística (e, na realidade, nunca teríamos certeza se nossos sistemas conceptuais seriam universais).

O que podemos observar empiricamente é apenas a estrutura semântica. Esta revela os processos de conceptualização que, como já dissemos, não deve ser confundido com o constructo da estrutura conceptual. A estrutura conceptual pode, às vezes, ser entendida como universal, enquanto a conceptualização será sempre relativa à língua estudada:

A estrutura conceptual, assim como propôs Jackendoff, é supostamente universal no nível em que ela interage intimamente com a visão e a ação. Entretanto, nossa conceptualização da realidade pode ser relativa. (TAI, 2005, p. 559, tradução nossa⁴⁴)

⁴⁴ No original: “Conceptual structure as proposed by Jackendoff is supposed to be universal at the level where it closely interacts with vision and action. However, our conceptualization of reality can be relative.” (TAI, 2005, p. 559).

Considerações finais

Nossa tese pretendeu estudar a relação entre sistema conceptual, estrutura semântica e estrutura conceptual, bem como propor uma possível descrição do conceito de TEMPO.

Queríamos entender a premissa básica da semântica cognitiva segundo a qual a estrutura conceptual refletiria, pelo menos em parte, a estrutura semântica e vice e versa.

Vimos que há vários fenômenos e níveis de compreensão envolvidos, e, por isso, é preciso uma teoria para juntar todos esses elementos. Concordamos ser a Teoria dos CLMC, que, de fato, posteriormente, comprovou sua eficácia teórica.

Vimos também que é necessário fazer a diferença entre referência temporal do pensamento e referência temporal da linguagem: uma coisa é fora da língua, e outra é só com a língua.

Devido à complexidade e o caráter abstrato do nosso objeto de estudo, o conceito de TEMPO, pudemos ilustrar como a abordagem cognitivista auxilia no estudo da Semântica. Vimos que é possível descrever um sistema conceptual do TEMPO sem utilizar análises linguísticas, porém essa estrutura é muito básica e insuficiente para mostrar de onde tiramos os dados para conceptualizarmos todos os tipos de descrição Semântica do tempo. Portanto, só a análise linguística pode fornecer os dados que faltam a uma descrição completa da estrutura conceptual do TEMPO.

Quanto à nossa conclusão sobre os estudos psicológicos do tempo comparando várias línguas, podemos dizer que eles deveriam ter uma preocupação maior sobre o *status* linguístico dos enunciados utilizados nos testes. Dessa forma, não correremos o risco de pensar erroneamente que determinada língua utiliza essa ou aquela imagem de tempo apenas porque é assim que seus falantes veem o mundo. Entendendo a natureza de um discurso mais objetivo ou mais subjetivo, passamos a conceber que essas formas são as formas como a pessoa quer ver o mundo.

Acreditamos que, talvez, o sistema conceptual seja de fato universal, e que as pesquisas psicolinguísticas estariam apontando apenas para diferentes estruturas conceptuais do tempo.

Vimos que os estudos psicológicos estão reabrindo questões do tipo: será que as pessoas que falam línguas diferentes pensam de forma diferente simplesmente porque eles falam línguas diferentes? Será que aprender novas línguas pode mudar a maneira de pensar? E isso é muito bom para nós linguistas que também nos preocupamos com a relação linguagem e pensamento.

Na nossa tentativa de descrição da estrutura conceptual do TEMPO, vimos que a concepção de um tempo físico e de um tempo psíquico não dependem necessariamente de uma língua natural, mas de outro módulo: o do raciocínio lógico e a memória.

Podemos dizer que a estrutura semântica fundamental do tempo em língua portuguesa (e em todas as outras línguas) é que o tempo cresce/aumenta com a passagem do tempo. Portanto, a estrutura semântica refletiria a estrutura conceptual do tempo psíquico, onde existe essa concepção de a quantidade de tempo de um evento aumentar à medida que o tempo passa.

De acordo com uma visão cognitivista, um modelo de significado (uma Semântica Cognitiva) poderia ser delineado antes que um adequado modelo cognitivo de gramática possa ser desenvolvido (EVANS, GREEN 2006, p. 48). Nesse sentido, nossa descrição semântica poderá auxiliar futuros estudos gramaticais sobre o tempo.

Lista de Referências

- ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- ABREU, Antônio Suárez. Integração conceptual na descrição de Fenômenos gramaticais do português. **Alfa**, São Paulo, 57 (1): 229-256, 2013
- ADDIS, D.R.; WONG, A. T.; SCHACTER, D. L. Remembering the past and imagining the future: common and distinct neural substrates during event construction and elaboration. **Neuropsychologia**, 45: 1363-77, 2007.
- BECHARA, Eli Nazareth. **A Espaciotemporalidade Dêitica, Paradêitica, Pragmática e Mítica no Verbo da Língua Portuguesa**. 1984. 197f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1984.
- BENDER, A., BELLER, S., BENNARDO, G. Temporal frames of reference: conceptual analysis and empirical evidence from German, English, Mandarin Chinese, and Tongan. **Journal of Cognition and Culture**, 10: 283-3307, 2010.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral II**. 2ª edição. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.
- BERGEN, Benjamin K. **Louder than words: the new science of how the mind makes meaning**. New York: Basic Books, 2012.
- BERGSON, Henri [1922]. **Duration and simultaneity**. Manchester: Clinamen Press. 1999.
- BERNSTEIN, Peter L. **Desafio aos Deuses: a fascinante história do risco**. 20ª Ed. Trad. Ivo Korylowski: Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- BORODITSKY, Lera. How Languages Construct Time. In. **Space, Time and Number in the Brain**. p. 333-341, 2011.
- _____. Does language shape thought?: mandarin and english speakers' conceptions of time. In: **Cognitive psychology** 43, p. 1–22, 2001.
doi:10.1006/cogp.2001.0748, available online at <http://www.idealibrary.com>. PDF
- _____. How does our language shape the way we think? Brockman, Max. In. **WHAT'S NEXT? Dispatches on the Future of Science**. 2009.
<http://edge.org/conversation/how-does-our-language-shape-the-way-we-think>
- BOTZUNG, A., DENKOVA, E., CIUCIU, P., SCHEIBER, C., MANNING, L. The neural bases of the constructive nature of autobiographical memories studied with a self-paced fMRI desing. **Memory**, 16: 350-63, 2008.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASASANTO, D.; BORODITSKY, L. **Time in the mind: Using space to think about time**. *Cognition*, 106, 579–593, 2008.

- CASASANTO, D.; FOTAKOPOULOU, O.; BORODITSKY, L. Space and Time in the Child's Mind: Evidence for a Cross-Dimensional Asymmetry. **Cognitive Science** 34 p. 387–405, 2010.
- CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness and time**: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago, IL: The University of Chicago Press. 1994.
- CHOMSKY, N. **Reflections on language**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.
- CLARK, H. Space, Time, Semantics, and the Child. In: Timothy Moore (ed). **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York: N.Y. Academic Press, 1973. p. 27-64.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O Tempo nos verbos do Português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília, Thesaurus, 1985. 104p.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- DAMASIO, Antonio. **The feeling of what happens**: body and emotion in the making of consciousness. New York: Harcourt Brace, 1999.
- DAVIES, Paul. **About time**: Einstein's unfinished revolution. New York, NY: Simon and Schuster, 1995.
- DELBECQUE, Nicole. **A linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Instituto Piaget, Lisboa, 2006.
- DENNETT, Daniel. **Consciousness explained**. Boston, MA: Little Brown and Co. 1991.
- DODGE, Ellen; LAKOFF, George. Image schemas: from linguistic analysis to neural grounding. In: HAMPE, Beate. (ed.) **From perception to meaning**: image schemas in cognitive linguistics. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 58-91. (Cognitive linguistics research, 29).
- EDELMAN, Gerald. **Bright air, brilliant fire**: on the matter of the mind. New York: Basic Books, 1991.
- EVANS, Vyvyan. **Language and time**: a cognitive linguistics approach. New York. Cambridge University Press, 2013.
- _____. How words mean: lexical concepts, cognitive models and meaning construction. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. **The structure of time**: language, meaning and temporal cognition. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics**: an introduction. Mahway, New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.
- FAUCCONIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCCONIER, Gilles. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

- FILLMORE, Charles. **Towards a descriptive framework for spatial deixis**. In R. Jarvella & W. Klein (Eds.), *Speech, place and action* (p. 31–59). London: John Wiley, 1982.
- FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação** – As categorias de Pessoa, Espaço e Tempo. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2008.
- _____. Tempo e Temporalização. In: **Tempo e Linguagem**. FCLAraraquara, 2007.
- _____. Pragmática. In: _____ (org.) **Introdução à Linguística II**. Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2003. v.2. p. 160-185.
- FLAHERTY, Michael. **A watched pot: how we experience time**. New York: New York University Press, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FONSECA, Fernanda Irene. **Deixis, Tempo e Narração**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.
- FOSS; HAKES, **Psycholinguistics: An introduction to the psychology of language**, 1978, p. 136-167.
- GAGNON, Michel; LAPALMET, Guy. From Conceptual Time to Linguistic Time. **Computational Linguistics** Volume 22, Number 1, 1996, p. 91-127.
- GALTON, A. Time flies but space doesn't: limits to the spatialization of time. **Journal of Pragmatics**, 43: 695-703, 2011.
- GELL, Alfred. **The anthropology of time: Cultural constructions of temporal maps and images**. Oxford: Berg, 1992.
- GENTNER, Dedre. Spatial metaphors in temporal reasoning. In. M. GATTIS, (Ed). **Spatial schemas in abstract thought**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 203-222.
- GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GIBBS, Raymond W. Jr. The psychological status of image schemas. In: HAMPE, Beate. (ed.) **From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 113-135. (Cognitive linguistics research, 29).
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press. 2006.
- GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes**. Doctoral dissertation, U.C. Berkeley, 1997.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUILLAUME, Gustave. **Temps et verb: théorie des aspects, des modes et des temps: suivi de l'architectonique du temps dans les langues classiques**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965.
- HAMPE (Org.) **From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

- HARRINGTON, HAALAND, KNIGHT, Cortical networks underlying mechanisms of time perception. **Journal of Neuroscience**, 18(3): 1085-95, 1998.
- HASPELMATH, Martin. **From space to time: temporal adverbials in the world's languages**. Munich: Lincom Europa, 1997.
- HAWKING, Stephen W. **Uma Breve História do Tempo: Do Big Bang aos Buracos Negros**. Trad. Maria Helena Torres. São Paulo: Rocco/Círculo do Livro, [198-?].
- HUSSERL, Edmund [1887]. A phenomenology of the consciousness of internal time. In D. Welton (Ed.), **The essential Husserl**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1999.
- IAGALLO, Patricia Ormastroni. **O tempo e a linguagem**. Araraquara. 2010. 187f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- INGVAR, D. H. Memory of the future: an essay on the temporal organization of conscious awareness. **Human Neurobiology**, 4(3): 127-36, 1985.
- JACKENDOFF, Ray. **Semantic structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- JASZCZOLT, K. M. **Representing time: an essay on temporality as modality**. New York: Oxford University Press, 2009.
- JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- JUST, M.A.; CHERKASSKY, V.L.; ARYAL, S.; MITCHELL, T.M. **A Neurosemantic Theory of Concrete Noun Representation Based on the Underlying Brain Codes**, 2010 PLoS ONE 5(1): e8622. doi:10.1371/journal.pone.0008622
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6ª. Ed. São Paulo: Courtez, 2000.
- KÖVECSSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- KRANJEC, A. CARDILLO, E., SCHMIDT, G. L., LEHET, M., CATTERJEE, A. Deconstructing events: the neural bases of space, time and causality. **Journal of Cognitive Neuroscience**, 24(1): 1-16, 2012.
- KRANJEC, A. Extending spatial frames of reference to temporal concepts. **Proceedings of the 28th Annual Conference of the Cognitive Science Society**, 447-52, 2006.
- KRANJEC, A.; CHATTERJEE, A. Are temporal concepts embodied? A challenge for cognitive neuroscience. **Frontiers in Psychology**, 1: 240, 2010.
- LACEY, Hugh M. **A linguagem do espaço e do tempo**. Tradução: Marcos Barbosa de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Série Debates-Filosofia).
- LAI, V.; BORODITSKY, L. The metaphorical construction of time: english and Mandarin from front to back, **Cognitive Linguistics**, 2011.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (ed). **Metaphor and Thought** (2a ed), 202-51, Cambridge University Press. 1993.

- _____. The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics** 1:39–74, 1990.
- _____. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.
- _____; _____. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason**: A field guide to poetic metaphor. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1989.
- LANGAKER, R. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008.
- _____. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (eds), **Cognitive Linguistics**: Foundations, Scope, and Methodology. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 13-60.
- _____. **Concept, image, symbol**: the cognitive basis of grammar. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- _____. **Foundations of cognitive grammar**: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEVINSON, Stephen. **Space in Language and Cognition**: explorations in linguistic diversity. Cambridge University Press. 2003.
- _____. Frames of reference and Molyneux's question: crosslinguistic evidence. In: BLOON, Paul; PETERSON, Mary A.; LYNN NADEL; MERRILL GARRET (org.) In: **Language and space**. Cambridge, MA: MIT Press, 1996. p. 109-170.
- MACEDO, L. Piaget, Einstein e a noção de tempo na criança. Palestra proferida em 22/11/2008, como parte da programação cultural da exposição **Einstein organizada pela Pesquisa FAPESP**, (p. 1-18) Edição Online 01/12/2008. Disponível em: < <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/pdf/einstein/lino.pdf>> acesso em 10 set 2009.
- MCGLONE, M., HARDING, J. L. Back (or forward?) to the future: the role of perspective in temporal language comprehension. **Journal of experimental psychology**: learning, memory, and cognition, 24(5): 1211-23. 1998.
- MERRITT, D. J.; CASASANTO, D.; BRANNON, E. M. **Do monkeys use space to think about time?** Paper presented at the Society for Research in Child Development. Denver, CO, 2009
- MILLER, George; JOHNSON-LAIRD, Phillip. **Language and perception**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- MOLHO, M. **Sistemática del Verbo Español**. Madrid: Gredos, 1975.
- MOORE, Kevin Ezra. **Spatial experience and temporal metaphors in Wolof**: point of view, conceptual mapping and linguistic practice. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley, 2000. (www.il.proquest.com/umi/dissertations/).

- NÚÑEZ, R., MOTZ, B., TEUSCHER, U. Time after time: the psychological reality of the ego- and time-reference-point distinction in metaphorical construal of time. **Metaphor and Symbol**, 21: 133-46, 2006.
- NÚÑEZA, Rafael E; SWEETSERB, Eve; With the Future Behind Them: Convergent Evidence From Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time. In: **Cognitive Science 30**, Cognitive Science Society, 2006, p. 401-450.
- OKUDA, J., FUJII, T., OHTAKE, H., TSUKIURA, T., TANJI, K., M., SUZUKI, K., KAWASHIMA, R., FUKUDA, H., ITOH, M, YAMADORI, A. Thinking of the future and past: the roles of the frontal pole and the medial temporal lobes. **NeuroImage**, 19: 1369-80, 2003.
- ORNSTEIN, Robert. **On the experience of time**. Boulder, CO: Westview Press, 1997.
- PEÑA, M. Sandra. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. **Journal of Pragmatics**, n.40, p. 1041-1066, 2008.
- PIAGET, J. **A Construção do Real na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 298-325.
- _____. **Problemas de Psicologia Genética**. Trad. Célia E. A. Di Piero, Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- _____. **Seis Estudos de Psicologia**. Trad. M.A.A. D'Amorim e P.S.L. Silveira. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- PONTES-RIBEIRO, Dulce Helena. O Tempo (cronos) e os tempos verbais. In: **TRANSFORMAR**. Itaperuna-RJ: Centro de Pesquisa e Extensão (CenPE), v. 5, Novembro de 2007, p. 25-35.
- PÖPPEL, Ernst. Temporal mechanisms in perception. In: SPORNS, O.; TONONI, G. (org). **Selectionism and the Brain: International Review of Neurobiology**, V.37. San Diego: Academic Press, p. 185–202. 1994.
- REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: Colier-MacMillan, 1947.
- RICOEUR, P.; LARRE, C.; PANIKKAR, R. et al. **As culturas e o Tempo**. Trad. Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1975.
- SANDRA, Dominiek; RICE, Sally. Network analyses of prepositional meaning: Mirroring whose mind—the linguist's or the language user's? **Cognitive Linguistics**, 6(1), 89–130, 1995.
- SCHACTER, D. L., ADDIS, D. R., BUCKNER, R. L. The prospective brain: remembering the past to imagine the future. **Nature Reviews Neuroscience**, 8:657-61, 2007.
- SCHANK, Roger C.; ABELSON, Robert P. **Scripts, plans, goals and understanding**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.
- SINHA, C.; SINHA, V. da S.; ZINKEIN, J.; SAMPAIO, W.. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals in an Amazonian culture. **Language and Cognition**, 3(1). p.137-169.

- SLOBIN, D. I. From “thought and language” to “thinking for speaking.” In J. J. Gumperz & S. C. Levinson (Eds.), **Rethinking linguistic relativity** (p70–96). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.
- SMART, J. C. The river of time. **Mind**, 58(232): 483-94. 1949.
- SZPUNAR, K. K., WATSON, J. M., MCDERMOTT, K. B. **Neural substrates of envisioning the future**. PNAS, 104: 642-47. 2007.
- TAI, JAMES H-Y. Conceptual Structure and Conceptualization in Chinese. **Language and Linguistics** 6.4: p. 539-574, 2005.
- TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.
- _____. Fictive motion in language and “ception”. In P. Bloom, M. Peterson, L. Nadel, & M. Garrett (Eds.), **Language and space** (p. 211–276). Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- _____. How language structures space. In H. Pick & L. Acredolo (Eds.), **Spatial orientation: Theory, research and application** (p. 225–282). New York, NY: Plenum, 1983.
- THOMPSON, Ellen. **Time in natural language: syntactic interfaces with semantics and discourse**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- TOLLE, Eckhart. **O poder do agora: um guia para a iluminação espiritual**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- TRANGOTT, E. C. On the expression of spatio-temporal relations in language. In J. Greenberg (ed). **Universals of Human Language**, 369-400. Stanford University Press, 1978.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind: Cognitive Science and human experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- VENDLER, Z. Verbs and times. **The philosophical review**, 66(2):143-60. 1957.
- VIGNAUX, G. **As Ciências cognitivas: uma introdução**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- WALSH, V. A theory of magnitude: Common cortical metrics of time, space and quantity. **Trends in Cognitive Science**, 7(11), 483–488, 2003.
- WEARDEN, J., PENTON-VOAK I. Feeling the heat: body temperature and the rate of subjective time, revisited. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, 48B: 129-41, 1995.
- WEINRICH, H. **Le temps**. Le récit et le commentaire. Paris: Seuil, 1989.
- WHITROW, G. J. **O Tempo na História: Concepções do Tempo da Pré-História aos Nossos Dias**. Trad. Maria Tereza X. e A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (Ciência e Cultura).
- YU, N. **The contemporary Theory of Metaphor: a perspective from Chinese**. Amsterdam: John Benjamins. 2001.
- ZINKEN, J. **Temporal frames of reference**. V. Evans and P. Chilton (eds). **Language, Cognition and Space: the state of the art and new directions**, 479-98. London: equinox Publishing, 2010.

ZLATEV, Jordan. Spatial semantics. In: GEERAERTS, Dirk; CUICKENS, Hubert (Ed.) **The oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford, 2007, p. 318-350.

_____. What's in a schema?: bodily mimesis and the grounding of language. In: HAMPE, Beate. (ed.) **From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 313-342. (Cognitive linguistics research, 29).

_____. **Situated embodiment: studies in the emergence of spatial meaning**. Stockholm: Gotab Press, 1997.

ZWARTZ; VERKUYL. **An algebra of conceptual structure: an investigation into Jackendoff's conceptual semantics**, 1994.